



SIMONE RAQUEL BERNIERI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO A LÍNGUAS
MINORITÁRIAS:
ALEMÃO EM SÃO CARLOS/SC E ITALIANO EM CORONEL FREITAS/SC**

**CHAPECÓ
2017**

SIMONE RAQUEL BERNIERI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS EM RELAÇÃO A LÍNGUAS
MINORITÁRIAS:
ALEMÃO EM SÃO CARLOS/SC E ITALIANO EM CORONEL FREITAS/SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª Dra. Cristiane Horst

CHAPECÓ
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
CEP: 89802-112
Caixa Postal 181
Bairro Centro
Chapecó - SC
Brasil

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

BERNIERI, SIMONE RAQUEL

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO A LÍNGUAS
MINORITÁRIAS: ALEMÃO EM SÃO CARLOS/SC E ITALIANO EM
CORONEL FREITAS/SC/ SIMONE RAQUEL BERNIERI. -- 2018.
185 f.

Orientadora: CRISTIANE HORST.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em
Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC, 2018.

1. DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL. 2. LÍNGUAS DE
IMIGRAÇÃO. 3. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS. 4.
MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA. 5. BILINGUISMO. I. HORST,
CRISTIANE, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SIMONE RAQUEL BERNIERI

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO A LÍNGUAS
MINORITÁRIAS: ALEMÃO EM SÃO CARLOS E ITALIANO EM CORONEL
FREITAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Defendida em banca examinadora em 04/12/2017

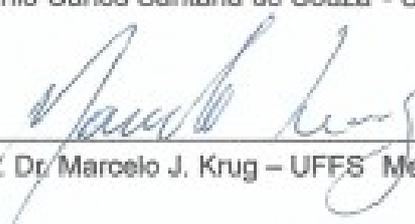
Orientador (a): Prof^ª. Dra. Cristiane Horst



Aprovado em: 04/12/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza - UEMS- Membro Externo


Prof. Dr. Marcelo J. Krug – UFFS Membro Interno

Prof^ª. Dra. Cláudia Camila Lara -Prof. Membro Suplente

Chapecó/SC, dezembro de 2017

Dedico este trabalho aos falantes de línguas minoritárias cujas variedades foram ou estão sendo silenciadas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois seu amor e de seu filho Jesus dão sentido à minha vida: "*Tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, e sofredor, e grande em benignidade e em verdade*" (Salmos 86:15);

Aos informantes que tornaram esta pesquisa possível;

À professora Cristiane pelo acolhimento, orientação e sabedoria em conduzir de forma leve este processo de aprendizado que junto às alegrias e realizações trazem momentos de inquietações;;

Ao professor Marcelo Krug pelas aulas, experiência compartilhada e apoio na pesquisa de campo;

Aos colegas do mestrado, em especial à Munick Hasselstron pela companhia nos estudos;

Ao meu amor, Jhony Maseto, que me apoiou, foi meu companheiro/assistente técnico nas pesquisas de campo, meu "SOS informática" e maior incentivador, todo meu amor e carinho;

À minha mãe, Geni Montagna Bernieri, que sempre se preocupou, torceu e orou por mim;

A Karina Dini, amiga-irmã, que apoiou e flexibilizou meu horário de trabalho para que eu pudesse estudar e desenvolver esta pesquisa;

A querida amiga Marli Zaminann, pelo apoio com o italiano e especialmente pela amizade.

La parlada ze el primo meso che unisse la cultura fra le persone ntel mondo e l'única che te assa entrar rento el core de on pópolo par conòssarlo davvero. (Miazzo, 2012)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar crenças linguísticas de teuto-brasileiros em relação ao alemão, em São Carlos-SC, e de ítalo-brasileiros em relação ao italiano (*talian*), em Coronel Freitas-SC. As crenças expressas pelos informantes são relacionadas às atitudes linguísticas, pois "atitudes influenciam o comportamento" (KAUFMANN, 2011). O instrumento de coleta de dados foi parte do questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira- ALCF:OC (Krug; Horst, 2013). Com ele, verificamos crenças linguísticas durante aplicação de questões de cunho metalinguístico, e investigamos atitudes através do cálculo da manutenção dos termos de parentesco na variedade de imigração (obtidos pela aplicação de um questionário lexical), pois estes termos "além de ter importância afetiva, desempenham o papel de expressar a organização social" (GHASARIAN, 1996). Além de oito informantes teuto-brasileiros (São Carlos) e oito ítalo-brasileiros (Coronel Freitas), há um grupo de informantes constituído de quatro docentes, com formação em pedagogia, e atuantes na educação infantil em Chapecó. Com este grupo, aplicamos cinco questões extraídas do questionário metalinguístico para verificarmos crenças em relação ao bilinguismo infantil e contexto escolar. Selecionamos São Carlos e Coronel Freitas por compartilharem aspectos em comum: proximidade a Chapecó, considerada a capital do Oeste de Santa Catarina; colonização iniciada na década de 20 do século XX por imigrantes oriundos do Rio Grande do Sul; número de habitantes e base econômica muito semelhantes; e ambas tem imbuídas em suas histórias a presença de uma língua de imigração. Após análise de crenças e atitudes de cada uma das localidades, os dois pontos são relacionados, para verificação de que etnia preserva crenças e atitudes mais favoráveis em relação à variedade minoritária, e que apresenta um maior grau de manutenção dos termos de parentesco da língua em questão. Haja vista que atitudes são aprendidas, não são inatas, (HENDERSON & BRYAN, 1932) e que dois espaços de grande influência no desenvolvimento de atitudes em relação às línguas são a família e escola, trabalhamos com cidadãos das comunidades, com diferentes perfis (etário, classe social e gênero) e quatro docentes em Chapecó. A metodologia de pesquisa segue os princípios teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional de Thun (1996, 1998, 2005, 2009, 2010). Os resultados apontam que são os bilíngues português-alemão que tem crenças e atitudes mais positivas em relação à língua minoritária, bem como uma maior manutenção dos termos de parentesco: 72,73% entre os teutos, e 54,26% entre os ítalos. Entre as gerações, é a GII que apresenta maior manutenção nas duas localidades. Constatamos haver, dentro de cada cidade, um equilíbrio entre a manutenção dos termos entre informantes masculinos e femininos; os homens mantêm um pouco mais que as mulheres, mas os números são bastante próximos, teutos: 75,82%(M) e 71,21% (F). Ítalos: 54,38%(M) e 54,32%(F). Na dimensão diastrática, constatamos que em São Carlos a Ca apresenta maior manutenção, e em Coronel Freitas, a Cb. Entre os docentes, verificamos que reconhecem a importância da diversidade linguística, porém identificamos a necessidade de maiores esclarecimentos sobre bilinguismo infantil, e uma desmistificação sobre "as línguas que devem ser ensinadas" nas escolas.

Palavras-Chave: Dialetoologia Pluridimensional. Línguas de Imigração. Crenças e Atitudes Linguísticas. Manutenção Linguística.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit hat zum Ziel die linguistischen Glauben des Deutsch-Brasilianers in Bezug auf dem Deutsch in São Carlos – SC und des Italo-Brasilianers auf dem Italienisch (*Tailan*) in Coronel Freitas Santa Catarina zu untersuchen. Die ausgedrückte Glauben der Informanten werden mit den linguistischen Haltungen verknüpft, denn „Haltungen beeinflussen das Verhalten,, (KAUFMANN, 2011). Ein Teil des Fragenbogens des Projekts Atlas der Sprachen im Kontakt an der Grenze (ALCF) (KRUG; HORST, 2013) ist das Datensammlungsinstrument. Durch dieses Instrument werden während der Durchführung der metalinguistischen Fragen linguistischen Glauben festgestellt und Haltungen durch die Rechnung des Verwandtschaftsbegriffeerhalts in der Einwanderungssprachvarietät (durch die Durchführung einer lexikalischen Befragung erreicht) geforscht, denn diese Begriffe „spielen außer einer gefühlbevollenen Wert auch die Rolle die gesellschaftliche Einrichtungen auszudrücken,, (GHASARIAN, 1996). Außer acht Deutsch-Brasilianer (São Carlos) und acht Italo-Brasilianer Informanten (Coronel Freitas) gibt es noch eine Informantengruppe die aus vier Dozenten besteht, die als Pädagogen ausgebildet sind und im Kindergarten in Chapecó tätig sind. Zu dieser Gruppe werden fünf Fragen aus dem metalinguistischen Fragenbogen durchgeführt um den Glauben in Bezug auf den bilingualen Kinder in der Schulumgebung festzustellen. Die Auswahl an São Carlos und Coronel Freitas hat als Grund da diese Orte bestimmte Ähnlichkeiten haben: die Nähe von Chapecó aus, angesehen als Hauptstadt West Santa Catarina; die Kolonisierung hat durch Einwanderer aus Rio Grande do Sul in den Zwanzigen Jahren des 20. Jahrhunderts begonnen; der Zahl der Bewohner und die Wirtschaftsbasis ist sehr ähnlich; und beiden haben in ihren Geschichten eine Einwanderungssprache eingebettet. Nach einer Untersuchung der Glauben und Haltungen jedes Orts werden diese einander verknüpft um festzustellen welche Ethnie die besten Glauben und Haltungen zu der Minderheitsprachvarietät bewahrt und welche Ethnie den höchsten Erhaltungsgrad der Verwandtschaftsbegriffe der bestimmten Sprache anzeigt. Man geht davon aus, Haltung lernt man, die ist nicht angeboren (HENDERSON & BRYAN, 1932) und Familie und Schule sind zwei Räume, die die Entwicklung der Haltung in Bezug auf die Sprache beeinflussen. Dadurch wird mit Bürgern aus Gemeinden mit verschiedenen Merkmale (Alters, Sozialschichte und Geschlecht) und mit vier Dozenten aus Chapecó gearbeitet. Die Forschungsmethodik folgt den theoretischen methodologischen Prinzipien der pluridimensionalen Dialektologie im Sinne Thuns (1996, 1998, 2005, 2009, 2010). Die Ergebnisse zeigen, dass die Portugiesisch-Deutsch Zweisprachige die besten verdeutlichsten Glauben und Haltungen in Bezug auf Minderheitsprache haben so wie auch einen höchsten Erhalt der Verwandtschaftsbegriffe: 72,73% unter den Deutscher und 54,26% unter den Italo. Unter den Generationen ist die GII die den größten Erhalt in beiden Orte beweist. Es wird auch festgestellt, dass es in jeder Stadt eine Gleichgewicht zwischen männerlichen und weiblichen Informanten über den Erhalt der Begriffe gibt; die Männer erhalten etwas mehr als die Frauen aber die Zahlen stehen ganz Nähe: Deutscher mit 75,82% (M) und 71,21% (W); Italo mit 54,38% (M) und 54,32% (W). Durch die diastratische Dimension wird beweisst, dass in São Carlos die Ca den höchsten Erhalt hat und in Coronel Freitas die Cb. Unter den Dozenten wird festgestellt, dass sie die Wichtigkeit der linguistischen Fältigkeit erkennen aber eine Notwendigkeit eine bessere Erklärung über Kinderbilinguismus wird identifiziert und eine Entmystifizierung über, welche Sprache müssen in der Schule gelehrt werden,, müsste angelegt werden.

Schlüsselwörter: Pluridimensionale Dialektologie; Einwanderungssprache; linguistische Glauben und Haltungen; linguistischer Erhalt.

RIASSUNTO

Questo lavoro si propone di analizzare le credenze linguistiche del tedesco-brasiliani in relazione al tedesco a São Carlos-SC, e italo brasiliano in relazione all'italiano (Talian) a Coronel Freitas-SC. Le credenze espresse dagli informatori sono legate agli atteggiamenti linguistici, poiché "gli atteggiamenti influenzano il comportamento" (Kaufmann, 2011). Lo strumento di raccolta dei dati è stato parte del questionario del progetto (Atlante delle lingue in contatto in Fronteira)- Línguas em Contato na froteira ALCF (Krug, Horst, 2013). Con esso, abbiamo verificato delle credenze linguistiche durante l'applicazione di questioni di natura metalinguistica, e abbiamo indagato attitudini del calcolo della manutenzione dei termini di parentela nella varietà di immigrazione (ottenuta applicando un questionario lessicale), poiché questi termini "Oltre ad avere importanza affettiva, svolgono il ruolo di esprimere l'organizzazione sociale" (GHASARIAN, 1996). E oltre ai otto informatori tedesco-brasiliani (São Carlos) e otto italo-brasiliani (Coronel Freitas), vi è un gruppo di informatori costituito da quattro insegnanti con la formazione in pedagogia, e attivi nell'educazione della prima infanzia a Chapecó. Con questo gruppo, abbiamo applicato cinque domande estratte dal questionario metalinguistico per verificare le credenze in relazione al bilinguismo infantile e al contesto scolastico. Abbiamo selezionato São Carlos e Coronel Freitas perché condividono aspetti comuni: la prossimità a Chapecó, considerata la capitale dell'ovest di Santa Catarina; la colonizzazione iniziata negli anni 20 del secolo XX dagli immigrati venuti dal Rio Grande do Sul; numero di abitanti e base economica molto simili; ed entrambi hanno imbevuto nelle loro storie la presenza di una lingua di immigrazione. Dopo l'analisi di credenze e atteggiamenti di ciascuna delle due località, i due punti sono relazionati, per verificare che l'etnicità conserva credenze e atteggiamenti più favorevoli verso alla varietà minoritaria, e che presenta un maggior grado di manutenzione dei termini di parentela della lingua in questione. Considerando che gli atteggiamenti sono appresi, non sono innati, (Henderson & BRYAN, 1932). e che due spazi di grande influenza nello sviluppo degli atteggiamenti verso le lingue sono la famiglia e la scuola, abbiamo lavorato con i cittadini delle comunità, con diversi profili (età, classe sociale e genere) e quattro insegnanti a Chapecó. La metodologia di ricerca segue i principi teorico-metodologici della Dialettologia Pluridimensionale di Thun (1996, 1998, 2005, 2009, 2010).). I risultati indicano che sono i bilingui portoghesi-tedeschi che hanno credenze e atteggiamenti più positivi nei confronti alla lingua minoritaria, oltre a un maggiore mantenimento dei termini di parentela: il 72,73% tra i Tedeschi e il 54,26% tra gli italiani. Tra le generazioni, è la GII che presenta maggiore manutenzione nelle due località. Abbiamo scoperto che esiste, dentro ad ogni città, un equilibrio tra il mantenimento dei termini tra gli informatori maschi e femmine; gli uomini li mantengono un poco più delle donne, ma i numeri sono piuttosto vicini, I tedeschi: 75,82% (M) e 71,21% (F). Gli italiani: 54,38% (M) e 54,32% (F). Nella dimensione diastratica, abbiamo scoperto che a São Carlos, la Ca presenta una maggiore manutenzione a Coronel Freitas, la Cb. Tra gli insegnanti, abbiamo verificato che riconosco l'importanza della diversità linguistica, ma abbiamo identificato la necessità di ulteriori chiarimenti sul bilinguismo infantile e una demistificazione sulle "lingue che dovrebbero essere insegnate" nelle scuole.

Parole chiavi: Dialettologia Pluridimensionale. Lingue di immigrazione. Credenze e Atteggiamenti Linguistici. Manutenzione Linguistica.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diastrática em São Carlos/SC	126
GRÁFICO 2: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diastrática em Coronel Freitas/SC	127
GRÁFICO 3: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diageracional em São Carlos/SC).	128
GRÁFICO 4: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diageracional em CoronelFreitas/SC	129
GRÁFICO 5: ados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diagenérica em São Carlos/SC).	130
GRÁFICO 6: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diageracional em Coronel Freitas/SC).	130
GRÁFICO 7: Dados das aplicações dos termos de Sanguíneo, Espiritual e Aliança (Cruz de Thun 2010) em São Carlos/SC	133
GRÁFICO 8: Dados das aplicações dos termos de Sanguíneo, Espiritual e Aliança (Cruz de Thun 2010) em CoronelFreitas/SC	133
GRÁFICO 9: Dados das aplicações dos termos de parentesco Sanguíneo em São Carlos e Coronel Freitas.....	134
GRÁFICO 10: GRÁFICO 9: Dados das aplicações dos termos de parentesco de Aliança em São Carlos e Coronel Freitas.....	135
GRÁFICO 11: Dados das aplicações dos termos de parentesco Espiritual em São Carlos e Coronel Freitas	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Santa Catarina com destaque para Coronel Freitas, São Carlos e Chapecó	30
Figura 2: Esquema variacional e disciplinas da variação:	81
Figura 3: Dimensões da dialetologia pluridimensional	84
Figura 4: Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais.....	85
Figura 5: Distribuição dos informantes nos municípios de São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Municípios brasileiros com línguas cooficializadas.....	41
QUADRO 2: Níveis de vitalidade das línguas	56
QUADRO 3: Questões objetivas sobre crenças linguísticas (1 a7).....	94
QUADRO 4: Resultados individuais questões 1 a 7	95
QUADRO 5: Questões objetivas sobre crenças linguísticas (8 a13)	95
QUADRO 6: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13)	96
QUADRO 7: Questões subjetivas (14 a20)	96
QUADRO 8: Respostas à pergunta 1: Que língua costuma falar na família?.....	100
QUADRO 9: Respostas à pergunta 2: Em que língua você gosta de conversar mais?.....	101
QUADRO 10: Respostas à pergunta 3: De modo geral, em que língua costuma falar mais?	102
QUADRO 11: Respostas à pergunta 4: Qual sua língua materna?	103
QUADRO 12: Respostas à pergunta 5: Quando vem visita, que língua prefere usar?	104
QUADRO 13: Perguntas sub-itens da questão 6: Que língua costumam usar nas seguintes ocasiões.....	105
QUADRO 14: Respostas à pergunta 6: Que língua você usa nas seguintes ocasiões	106
QUADRO 15: Respostas à pergunta 7: Ao encontrar-se com um estranho, que língua costuma usar?	106
QUADRO 16: Respostas à pergunta 8: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a variedade Ale./Ita, mas insistia em falar português?	107
QUADRO 17: Respostas à pergunta 9: Acha importante que os filhos aprendam a língua dos pais(Ale./Ita)?	107
QUADRO 18: Respostas à pergunta 10: Há situações em que você/as pessoas sente(m) vergonha de falar Ale./Ita?	108
QUADRO 19: Respostas à pergunta 11: Acha que deveria ter ensino de Ale./Ita?	108
QUADRO 20: Respostas às perguntas 12/13: Quando você fala Pt., mistura co Ale./Ita?, e quando fala Ale./Ita., mistura com Pt.?	109

LISTA DE ABREVIATURAS

Ca- Classe Alta

Cb- Classe Baixa

GI- Geração I (informantes entre 18 e 36 anos)

GII- Geração II (Informantes a partir de 55 anos)

M- Informate do sexo Masculino

F- Informante do sexo Feminino

Pt.- Português

Ita.- Variedade italiana local (Coronel Freitas)

Ale.-Variedade alemã local (São Carlos)

em Al. - Resposta em Alemão

em It.- Resposta em Italiano

ALCF-OC- Atlas das Línguas em Contato na Fronteira - Oeste Catarinense

ALMA-H- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias ALemãs na Bacia do Prata-
Hunsrückisch

CEP- Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO -

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
.....	35
3.1 Língua, Variedade, Dialeto e Variante.....	35
3.2 Língua Materna.....	40
3.3 Língua de Imigração, Língua Majoritária e Língua Minoritária.....	44
3.4 Multilinguismo e Bilinguismo.....	46
3.5 Diglossia.....	52
3.6 Manutenção e Substituição Linguística.....	53
3.7 Code-mixing e Code-switching.....	57
3.8 Crenças e Atitudes Linguísticas.....	60
3.9 Relação entre língua e identidade.....	66
3.10 Termos de Parentesco.....	68
3.11 Pesquisas da área - Recorte do Oeste de Santa Catarina.....	70
3.12 Prelúdio dos estudos da Diversidade Linguística.....	73
3.12.1 Dialectologia Tradicional.....	75
3.12.2 Sociolinguística.....	77
3.12.3 Dialectologia Pluridimensional Relacional.....	79
.....	85
.....	86
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	86
4.1 Seleção dos informantes e dimensões analisadas.....	87
4.2 Instrumentos de coleta de dados.....	89
4.3 Seleção e tratamento dos dados.....	91
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	92
5.1 Crenças Linguísticas.....	93
5.2 Aplicações dos termos de parentesco: algumas considerações.....	117
5.3 Resultados e análises sobre a aplicação dos termos de parentesco (questionário lexical).....	124
.....	124
5.3.1 DIMENSÃO DIASTRÁTICA.....	125
5.3.2 Dimensão diageracional.....	128
.....	129
5.3.3 Dimensão diagenérica.....	129
5.3.4 Percentual do uso dos termos de parentesco em São Carlos e Coronel Freitas: uma comparação entre as duas cidades.....	132
5.3.5 Uso dos termos sanguíneo, de aliança e espiritual.....	134
5.4 RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES.....	137
5.5 Considerações sobre Crenças Linguísticas de Informantes de Chapecó, com Formação em Pedagogia, e Atuação na Educação Infantil.....	140
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149
ANEXOS.....	158

1. INTRODUÇÃO

A diversidade de etnias no processo de colonização do Brasil, somado à pluralidade indígena aqui já existentes, e constantes fluxos imigratórios, proporcionaram a formação de um panorama nacional constituído de diferentes línguas, e por isso, de multilinguismo¹. Porém, a oficialização do português como "a língua do Brasil", traz a ilusão de que somos um país monolíngue, fato que camufla nossa realidade marcada pela existência de diversas variedades², além da língua portuguesa. Segundo Oliveira (2008),

[...] no Brasil de hoje são falados por volta de 210 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones), e as comunidades surdas do Brasil ainda 2 línguas, a Língua Brasileira de Sinais - Libras e a língua de sinais Urubu-Kaapós. Somos, portanto, um país de muitas línguas-plurilíngue, como a maioria dos países do mundo - em 94% dos países do mundo são faladas mais de uma língua .

A paisagem linguística brasileira foi e é desenhada por movimentos migratórios em diferentes contextos históricos e sócio-culturais. Imigrantes trazem suas línguas, que em contato com as línguas que aqui já existem, constroem a diversidade linguística que se redesenha através dos contatos intradialetais (entre diferentes dialetos de uma mesma língua) e inter-linguísticos (entre diferentes línguas), ao longo do tempo. Historicamente houve três grandes fluxos imigratórios para o Brasil: a colonização pelos portugueses no século XIV, o tráfico escravo a partir da primeira metade do século XVI, e imigrantes europeus e asiáticos no século XIX e primeira metade do século XX (FERRAZ, 2007). Este cenário constitui a identidade nacional baseada na fábula das três raças: branco (colonizador português), negro e indígena. (MATTA apud CROCI 2011).

Estes três grupos são expressivos na constituição histórica brasileira devido ao número de imigrantes que vieram, e pela conjuntura histórico-social que se configurou a partir da chegada dos portugueses e negros ao Brasil. Porém, destacamos que migraram europeus advindos de outros países que não exclusivamente Portugal e também asiáticos, como japoneses e Chineses. Segundo Cogo, (2014, p.24) "a partir de 2008,

¹Clyne (2007) The term "multilingualism" can refer to either the language use or the competence of an individual or to the language situation in an entire nation or society.

²Trudgill (2000) We shall be applying variety as a neutral term to say any "kind of language".

intensifica-se no Brasil a chegada de novos fluxos migratórios internacionais constituídos, dentre outros, por norte-americanos, espanhóis, portugueses, senegaleses e haitianos.

Deste modo, "a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos" (RASO MELLO e ALTENHOFEN 2011). Nesta conjuntura, o português, que é uma das línguas de imigração, denominada por Altenhofen (2011) como "língua da colonização", é de acordo com o artigo 13 da Constituição Federal a língua oficial do Brasil. Assim, o português foi promovido a língua majoritária, compartilhando o solo brasileiro com outras línguas de imigração (alóctones) e línguas indígenas (autóctones), consideradas, por conseguinte, línguas minoritárias³.

Os primeiros imigrantes europeus chegaram ao Brasil após a abolição da escravatura, pois para fomento do capitalismo era necessária a criação de um mercado consumidor, e o regime escravocata era um obstáculo ao desenvolvimento de um novo sistema econômico, no caso, o capitalismo. Como forma de substituir a mão-de-obra escrava, o Brasil incentivou a imigração de europeus no século XIX. Os imigrantes europeus que chegavam ao Brasil eram destinados a duas situações: mão-de-obra para o latifúndio (concentrado em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) ou ocupação de regiões que geograficamente não interessavam aos grandes latifundiários. (PRADO, 1970).

Segundo Croci, (2011, p. 82) "O século XIX, pelo menos até os primeiros anos da década de 80, é, portanto, profundamente marcado pela colonização, em particular no Sul, pelas migrações internas". Europeus que não foram trabalhar nos latifúndios, concentraram-se em grande quantidade no sul do Brasil que é marcado pela formação de colônias européias, colocando essa região do país talvez entre as mais plurilíngues do mundo. (ALTENHOFEN; MARGOTTI 2011).

Diferentes foram as origens dos imigrantes europeus, pois para o Brasil vieram, além de portugueses, italianos, espanhóis, alemães e "principalmente em Santa Catarina, pequenos contingentes de colonos poloneses, noruegueses, suecos, suíços, irlandeses e franceses" (CROCI, 2011). Além da diversidade de etnias, diversificado foi o número de imigrantes de cada grupo étnico que se estabeleceu no Brasil, pois alguns povos chegaram em volumoso número, e outros em número menor. Dentre os imigrantes europeus, destacam-se em termos quantitativos, além dos portugueses, os italianos

³Ferraz (2007)[...] aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial.

(510.533 pessoas entre os anos de 1884/1893; 86.320 pessoas entre os anos de 1914/1923) e alemães, (22.778 pessoas entre os anos de 1884/1893 e 29.339 pessoas entre os anos de 1914/1923). (Croci 2011). Deste modo, segundo Altenhofen e Margotti (2011, p.289): "dentre as pouco mais de 30 línguas de imigração faladas no Brasil, o alemão e o italiano sobressaem-se tanto pela presença numérica de seus falantes (dimensão demográfica), quanto pela área geográfica onde é possível registrar sua presença (dimensão diatópica)".

Vários imigrantes alemães e italianos primeiramente instalaram-se no Rio Grande do Sul e depois migraram para Santa Catarina em busca de novas terras férteis. Segundo Vicenzi (2008),

A colonização europeia no Sul do Brasil por pequenos proprietários camponeses ensejou a formação de núcleos coloniais pioneiros- Colônias Velhas- que, gradativamente, expandiam-se através da chegada de novos imigrantes e sobretudo do aumento demográfico vegetativo que produziu uma população à procura de terras virgens e férteis para formar novos núcleos - Colônias Novas. Nesse processo, principalmente imigrantes casados adquiriam uma colônia, para explorá-la, nas terras postas à disposição pelo Estado ou empresas particulares. A chegada dos filhos aumentava a força de trabalho, e, portanto, a produção. Ao crescerem e se casarem, os filhos buscavam um novo lote, onde fosse possível prosseguir com o ciclo iniciado pelos pais [...]. Com o esgotamento das terras à disposição da migração no Rio Grande do Sul, a frente de expansão colonial agrícola sul-rio-grandense atravessou o Rio Uruguai para instalar-se em Santa Catarina. (VICENZI, 2008. p, 16)

Muitos colonos riograndenses migraram para o noroeste do estado de Santa Catarina. Neste processo de formação de colônias, vários eram os fatores que determinavam a organização das comunidades. Além da etnia, em algumas situações, a religião também era um critério. A exemplo, Tunápolis e Cunha-Porã em Santa Catarina são duas cidades de colonização teuto-brasileira, sendo a primeira de maioria protestantes e a segunda, católicos. Esta concentração de acordo com o credo religioso desenvolveu-se porque na época buscou-se, em algumas comunidades, o princípio da colonização homogênea, ou seja, cada comunidade teria habitantes de um só credo. WEHRMANN (2016).

Voltando à temática histórica da migração do Rio Grande do Sul para o noroeste de Santa Catarina, foi neste momento de formação de novas colônias, em épocas bastante próximas, que se iniciou a colonização da região que hoje corresponde ao município de São Carlos (com teuto-brasileiros) e Coronel Freitas (com ítalo-brasileiros) em 1927 e 1929, respectivamente (IBGE 2010). Em sua maioria católicos, os migrantes trouxeram a

estas cidades suas culturas e línguas, que co-existem em cada localidade em meio ao português, em um possível processo de substituição, pois há famílias que não transmitem mais a língua alemã e italiana às novas gerações.

Estes cenários tão próximos economicamente e geograficamente, de culturas distintas, que tem em comum a descendência europeia (alemã e italiana), e por isso, cada um com sua língua minoritária, configuram um solo fértil para uma análise no que se refere aos contatos linguísticos. Campo este amplo e ricamente entrelaçado por aspectos históricos, sociais, psicológicos e linguísticos. Por essa conjectura, pretendemos, como objetivo geral para esta pesquisa, relacionar crenças linguísticas de bilíngues português/alemão e português/italiano em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC, e analisar atitudes, através da manutenção dos termos de parentesco nas línguas minoritárias locais.

A leitura do objetivo geral remete-nos ao questionamento: a pesquisa propõe-se a relacionar crenças e analisar atitudes, esta sentença, por ter dois verbos, configura dois, e não apenas um objetivo geral, mas é exatamente isso que faremos. Pois, para relacionarmos crenças às atitudes, precisamos comparar as crenças (extraídas através de conversas livre e questionário metalinguístico) ao conhecimento que o indivíduo tem da variedade minoritária, pois isso permite uma projeção de quanto a língua é utilizada (sua atitude), que é uma propensão ao comportamento.

Em poucas palavras, e de uma forma bastante simplória, é a análise do que o informante pensa, sente sobre a língua, (crenças) e uma projeção do que ele possivelmente faz (atitudes, que são uma propensão ao comportamento). É um análise dos componentes que constituem as atitudes, apresentados por Kaufmann (2011): **1) cognitiva** (reflete crenças e convicções), **2) afetiva** (reflete avaliação positiva ou negativa) **3) conativa** (crenças e avaliações transformados em intenções comportamentais). Deste modo, nesta pesquisa, quando referimo-nos às crenças, tratamos das componentes cognitivas e afetivas, e quando tratamos de atitudes, referimo-nos à componente conativa, embora as três sejam constituintes do que chamamos de atitudes linguísticas.

Para o cumprimento do objetivo geral proposto, desdobramos o trabalho em objetivos específicos, que são construídos através das diretrizes da **Dialetologia Pluridimensional** (que elucidaremos em breve no capítulo de introdução), e por isso constituídos em dimensões: **diageracional, diatrática, diassexual, e dialingual:**

Objetivos	Hipóteses
1. Descrever os espaços e funções de uso das variedades minoritárias em cada localidade.	Supomos que não haja notáveis diferenças, pois ambas comunidades foram fundadas na década de 20 (São Carlos 1927, Coronel Freitas 1929), por imigrantes oriundos do Rio Grande do Sul, famílias do Vale do Taquari que foram para São Carlos e de Guaporé e Serafina Correa que mudaram-se para Coronel Freitas. Pois, segundo Altenhofen (2011) as variáveis tempo (idade das localidades); origem dos imigrantes, suporte institucional (ensino) exercem uma grande influência na variação linguística.
2. Analisar se algum dos grupos étnicos (teuto-brasileiros ou ítalo-brasileiros) apresentam um grau de manutenção maior dos termos de parentesco na variedade minoritária	Supomos que a manutenção seja maior no grupo alemão, pois segundo Krug (2004, p.104) "o papel da língua na expressão da identidade é mais relevante entre alemães do que entre italianos, para os quais "o alemão preserva mais seu alemão que o italiano seu italiano"
3. Averiguar, na dimensão diageracional, crenças entre a Geração I e Geração II e manutenção dos termos de parentesco variedade minoritária, comparando as duas gerações.	Na Dimensão Diageracional , supomos que a geração mais jovem, (GI) nutra atitudes menos favoráveis em relação à língua, pois através de línguas de prestígio terão ascensão social, e pensamos que a motivação destes jovens seja aprender a variedade considerada "língua teto" ou "língua padrão" e não a variedade dialetal da localidade. Pértile (2009) observou em sua pesquisa na região do Alto Uruguai Gaúcho um movimento de busca de valorização e manutenção da variedade italiana, mas a considerada "padrão", aprendida através do ensino formal, e não a da localidade. Segundo Horst (2014) "muitos membros da comunidade defendem que a criança aprenda cedo o português, julgando que a aprendizagem de uma língua minoritária só lhe trará prejuízo. O baixo prestígio e a estigmatização da variedade linguística minoritária faz com que muitos indivíduos, principalmente os mais jovens, substituam a mesma pela variedade dominante, prestigiada. (Krug, 2004)

<p>4. Inferir como a escolaridade influencia na relação do informante com a língua de imigração.</p>	<p>Na Dimensão Diastrática, supomos que a classe baixa (Cb) use mais a língua de imigração que a classe alta (Ca), pois os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala à variedade padrão (LABOV 2008) e Margoti (2004) destaca que os mais escolarizados são responsáveis pela maior difusão do português.</p>
<p>5. Verificar a relação entre o gênero e crenças sobre a língua minoritária, e grau de manutenção dos termos de parentesco nas variedades minoritárias de cada localidade.</p>	<p>Na Dimensão Diassexual, supomos que as mulheres tenham a tendência em valorizar mais a língua nacional, pois segundo Labov (2008, p. 146-147) a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio. Afirmação esta em conformidade a Chambers e Trudgill (2004, p. 61) que declaram que as "mulheres tendem na média, usar variantes de mais alto status que homens".</p>
<p>6- Relacionar crenças de docentes acerca da relação entre bilinguismo infantil e desenvolvimento escolar.</p>	<p>Supomos que não haja significativas diferenças nas crenças de professores em relação às variedades minoritárias, pois nem sempre há a inclusão de questões dessa natureza lingüística no currículo de professores em formação. Segundo Krug (2004) "a escola contribui na redução das variedades minoritárias, sendo uma das principais fontes de estigmatização, preconceito e falta de prestígio atribuído às línguas minoritárias". Para Kersch (2011) em pesquisa com dados do Atlas Diastrático e Diastrático do Uruguai (ADDU) em que o português está inserido como uma variedade minoritária, "A escola acabou por fortalecer o preconceito em relação às variedades do português e seus falantes, disseminando uma atitude negativa em relação a eles, elegendo o espanhol como a única variedade correta e relegando às variedades do português um papel marginal.</p>

Sempre que há duas ou mais línguas em contato, desenvolvem-se crenças favoráveis ou desfavoráveis a determinada variedade, fator que pode zelar pela manutenção de uma língua ou impulsionar a substituição de determinada variedade. Pesquisas na área do bilinguismo e das línguas em contato apontam que em

comunidades multilíngues há situações de substituição de línguas e também de preservação e manutenção.

Um exemplo de substituição linguística é apresentado por Fishman (2006) em que nos Estados Unidos netos e bisnetos de imigrantes, falantes de línguas do país de origem de seus pais, tornam-se monolíngues no inglês:

[...] Os netos e bisnetos de imigrantes tem massivamente tornado-se monolíngues em inglês, tendo perdido contato social direto com falantes da língua trazida para este país por seus avós e bisavós. (FISHMAN, 2006, p. 407)⁴

Este processo em que os pais deixam de transmitir uma língua, e/ou os filhos não possuem o desejo de aprender, é o ponto em que uma língua pode sofrer extinção em uma comunidade. Percebe-se nestas situações que imigrantes, falantes de uma variedade minoritária, passam a ter filhos bilíngues, e netos/bisnetos monolíngues. Romaine (1995, p. 5) faz menção a esta situação ao declarar que "O bilinguismo é um passo rumo a estrada da extinção linguística".⁵

Em contrapartida, uma validação da possibilidade de preservação de uma língua é o exemplo do irlandês, língua majoritária da Irlanda antes da dominação dos ingleses na idade média. A língua irlandesa é "uma das línguas do sub-grupo Celtaico, da família das línguas Indo-Européias, e está fortemente relacionada ao Gaelico Scocês" (HINDLEY, 1990, p. 3).⁶ O domínio inglês levou a vasta disseminação da língua inglesa, quando Henrique II, em 1175, firmou o Tratado de Windsor no qual a Irlanda passou a ser regida por leis inglesas, e neste contexto, a língua irlandesa foi seriamente ameaçada. No final do século XIX, houve uma forte conscientização acerca da ameaça de perda do irlandês que culminou em um forte movimento de restauração da língua através da criação, em 1893, da Liga Gaélica (Conradh na Gaeilge) que transformou o apoio ao irlandês um movimento amplo, motivado pela luta em prol à manutenção desta língua. Embora o inglês atualmente possua mais destaque e maior número de falantes como língua materna, o irlandês manteve-se vivo, também como língua materna, em algumas regiões, e é uma das línguas oficiais, da Irlanda. Devido ao incentivo a preservação, teve seu estudo implantado nas escolas públicas do país pelo governo.

⁴No original: The grandchildren and great-grandchildren of immigrants have overwhelmingly become English monolinguals, having lost direct and socially patterned contact with speakers of the language brought to this country by their grandparents and great-grandparents.

⁵No original: *It has been said that bilingualism is a step along the road to linguistic extinction.*

⁶No original: No original: one of the Celtic sub-group of the Indo-European language family and is closely related to Scottish Gaelic

Assim, línguas podem ser mantidas ou substituídas. Diferentes fatores interfluenciam o fomento ou o apagamento de uma língua minoritária. Pertile (2009) analisou na região do Alto Uruguai Gaúcho (englobando municípios de Erechim, Getúlio Vargas, Jacutinga e Severiano de Almeida) os fatores que desencadeiam o fomento ou substituição das variedades italianas trazidas pelos imigrantes ao Brasil. Para a pesquisadora,

[...] os dados apontaram como **fatores mais favoráveis à manutenção do *talian***: a transmissão intergeracional, a concentração demográfica do grupo de fala (homogeneidade étnica), o estado de isolamento das comunidades e as atitudes positivas dos falantes em relação à língua de origem. Por outro lado, se apresentaram como **fatores que aceleram a perda do *talian***, a política de repressão do estado, o papel da escola como instituição pública vinculadora de um ensino monolingualizador e monovarietal realizado somente através do uso do português, o desprezo ou ausência de suporte institucional e o grau de urbanização aliado à falta de uma conscientização sobre os benefícios do bilinguismo e o uso e manutenção da língua de origem. Evidentemente, esses fatores se apresentaram com distintas configurações conforme os pontos pesquisados. (PERTILE, 2009, p. 227-228)

Dentro da esfera das questões psico-sociais, as crenças das pessoas de uma comunidade em relação às variedades locais são um aspecto influenciador no prestígio ou estigmatização de uma língua, desenvolvendo atitudes e comportamentos. O estudo de crenças linguísticas compreende o posicionamento dos falantes em relação a determinada língua, e esta relação do indivíduo com a(s) variedade(s) pode desencadear manutenção ou substituição de variedades. Segundo Preston (2004, p. 40),

[...] a língua tem uma vida própria, e nossa compreensão sobre a crença das pessoas sob vários aspectos da língua em si, desempenham um importante papel na compreensão das bases das atitudes linguísticas".⁷

As atitudes são desenvolvidas não estritamente em relação a língua, e sim em relação a seus falantes, e acabam sendo refletidas nas variedades. Segundo Hamers & Blanc (2004, p. 222) "[...] Julgamentos de valores expressam os estereótipos, atitudes e preconceitos que membros de uma comunidade de fala tem em relação aos falantes de uma outra comunidade e suas línguas"⁸. Os autores também apontam que não há nada

⁷No original: "[...] language has a life of its own and our understanding of folk belief about various aspects of language itself plays an important role in understanding the foundations for language attitudes."

⁸No original: "[...] value judgments express the stereotypes, attitudes and prejudices that members of a speech community have towards the speakers of another community and their language."

intrínseco a uma língua que a torne "superior" ou "inferior" a outra, este aspecto é meramente uma questão de avaliação social.

Assim, as atitudes em relação a uma língua refletem avaliações aos sujeitos bilíngues ou multilíngues que possuem em seu repertório determinada variedade. Partindo da ideia de que a aquisição de uma língua, bem como as crenças desenvolvidas por ela e o grupo de fala, tem como principais espaços de fomento a família e escola, buscamos investigar crenças e atitudes linguísticas em bilíngues de diferentes gerações, cidadãos teuto e ítalo-brasileiros de São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC, respectivamente, e também agregamos uma célula à pesquisa, que é constituída de informantes que tenham formação docente, (de Chapecó) para contemplar o espaço família e escola na investigação de crenças linguísticas. Esta célula que será tratada como um grupo de controle, é composta de quatro informantes, professores de educação infantil, atuantes em Chapecó, que tiveram em sua prática pedagógica a experiência de trabalho com crianças bilíngues que têm como língua materna não o português, ou não somente o português. Neste grupo, foram aplicadas cinco das vinte perguntas do questionário metalinguístico que foi utilizado como ferramenta de coleta de dados (e aplicado na íntegra) em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC.

Para pesquisa entre teutos e ítalos, os dados foram coletados através de entrevistas feitas a indivíduos bilíngues em português/alemão e bilíngues em português/italiano. Pelo bilinguismo ser um dos aspectos que perpassam a pesquisa, colocamos suscitadamente alguns apontamentos acerca desta temática, bem como sobre as variedades envolvidas na pesquisa: português, alemão e italiano.

O bilinguismo é estudado por diferentes áreas da ciência, como psicologia, sociologia, e educação (ROMAINE 2005). Por ser um objeto científico plurifacetado, por questões metodológicas, não serão abordadas e aprofundadas as diversas faces que constituem o bilinguismo, e sim a influência das crenças no processo de manutenção e substituição de variedades minoritárias.

Definir sujeito bilíngue parece, à primeira vista, uma tarefa simples e nada problemática, sendo bilíngue, na visão popular, o sujeito capaz de falar duas línguas perfeitamente (HAMERS e BLANC 2004). Porém, há uma complexidade na questão, refletida nos vários conceitos apresentados na literatura por diferentes teóricos. Para Bloomfield (1933) bilinguismo é "controlar duas línguas como um falante nativo". Haugen

(1953) apresentou bilinguismo como a habilidade de produzir "declarações completamente compreensíveis em outra língua" (apud MACKEY, 1972, p. 555).

Bilinguismo também é considerado o uso alternado de duas línguas pelo mesmo indivíduo variando em: **1) grau** (o indivíduo pode não dominar de forma balanceada as quatro habilidades); **2) função** (as diferentes situações em que o indivíduo usa as línguas); **3) alternância** (como e em que extensão as línguas são alternadas) **4) interferência** (quão bem as línguas são mantidas e usadas separadamente) (MACKEY 1972). Macnamara (1967 apud HAMERS e BLANC, 2000) afirma que bilíngue é quando uma pessoa possui competência mínima em pelo menos uma das quatro habilidades de uma língua. Para este estudo será adotada a concepção de Mackey (1972) em que o ponto em que um indivíduo se torna bilíngue é difícil de precisar, por isso é relativo, e varia em grau função, alternância, interferência, associada à definição de Macnamara (1967) em que bilíngue é a pessoa que desenvolveu uma das quatro habilidades de uma língua (Fala, Audição, Leitura e Escrita).

Apresentados aspectos acerca de crenças, atitudes e bilinguismo que orientam a pesquisa, veremos agora o português, alemão e italiano a que se refere este trabalho. A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. As pessoas não falam o espanhol, mas uma variedade do espanhol, por exemplo. (COSERIU 1982). Antenor Nascentes (1953; 1958 apud ALTENHOFEN, 2005) dividiu o português em dois grupos: o do Norte e o do Sul, e denomina a região de São Paulo ao Rio Grande do Sul de subdialeto sulista. Koch (2000 apud ROMANO, 2014) divide esta área em duas grandes áreas linguísticas: paranaense e rio-grandense, denominando Santa Catarina de *Leque Catarinense* (uma área de transição subdivida em *Feixe Rio-Grandense* e *Feixe Paranaense*). Altenhofen (2005) delimita oito áreas linguísticas: área de transição; corredor central de projeção paranaense; corredor oeste de projeção rio-grandense; corredor leste de projeção rio-grandense; zona lateral açoriano-catarinense; zona lateral do Paraná do norte; Zona Lateral da fronteira sul-riograndense; áreas bilíngues de português de contato. A área de pesquisa localiza-se no *corredor oeste de projeção rio-grandense*, em que gaúchos, de descendência europeia e bilíngues, estabeleceram-se no oeste de Santa Catarina e avançaram ao sudoeste do Paraná. (Altenhofen 2005)

Pelas origens dos imigrantes, a área possui falantes bilíngues, cujas variedades, em contato com o português, configuram o português da região: um português de

imigrantes gaúchos em contato com alemão em (São Carlos) e italiano (em Coronel Freitas).

Quanto ao italiano, e alemão, os imigrantes que chegaram ao Brasil trouxeram diferentes variedades dialetais de cada uma de suas nações de origem, que no Brasil, através de contatos interlinguísticos e intralinguísticos assumiram características próprias. Pesquisas tem apontado que os diferentes dialetos de italiano que chegaram ao Brasil passaram por um processo de nivelamento dialetal, surgindo entre os ítalo-descendentes uma "língua franca" através de uma Koiné linguística formada pela fusão dos dialetos da língua italiana em contato com o português.

Qua, metesti tutti insieme, par farse capir um col'altro, par forsa ghe ga tocà mescolar su i suoi dialeti d'origine, cosita, ghe ze nasesto sta nova léngua pi véneta che altro, parché i véneti i zera la magioranza, el Talian o Veneto brasilian. (LUZZATTO, 2000, p. 25 apud MIAZZO, Giorgia 2011p, 33)⁹

Sobre o Alemão, atualmente encontram-se diferenças dialetais ALTENHOFEN (1996 apud Meyer 2009). Os alemães que migraram mais tarde, trouxeram uma variedade mais próxima ao alemão padrão em relação aos que primeiramente chegaram ao Brasil. O *Deitsch* é caracterizada como a variedade mais dialetal, e *Deutsch* como a mais próxima ao padrão, denominada "Hochdeutsch", ou "língua teto". (MEYER, 2009)

Neste trabalho, não buscaremos descrever a(s) variedade(s) de português, italiano e alemão faladas nas localidades, por isso, referiremo-nos a elas como português, italiano e alemão.

Os pressupostos teóricos que embasam os preceitos metodológicos da pesquisa são apresentados pela Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1196, 1998, 2005, 2010) que contempla a arealidade da geolinguística tradicional e dimensões sociais da sociolinguística. Para Thun (1998, p. 704) "dialetologia areal e a sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, confluem em uma geolinguística ampliada que pode chamar-se oportunamente de Dialetologia Pluridimensional"¹⁰

Assim, a Dialetologia Pluridimensional busca investigar a fala em diferentes espaços geográficos (como a dialetologia tradicional), mas agrega variáveis

⁹Aqui, colocaram tudo junto para conseguirem se entender um com o outro, por força precisaram misturar seus dialetos de origem, assim nasceu esta língua mais veneta que as outras, porque o veneto era a maioria, o talian ou vêneto brasileiro. (Tradução da autora)

¹⁰No original: *La dialectologia areal y la Sociolinguística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolinguística ampliada que puede llamarse oportunamente "Dialetologia Pluridimensional."*

extralinguísticas sociais, (preceitos oriundos da sociolinguística) como idade, gênero, classe social etc. (Thun, 2010).

Há diferentes dimensões de análise indicada pela Dialetoologia Pluridimensional, cujos critérios de estratificação são apresentados a seguir:

- **Diatópica:** esta dimensão trabalha com diferentes localidades de uma comunidade de fala;

- **Diastrática:** dimensão que aborda diferentes classes sociais, sendo Classe Baixa (Cb) informantes com até o ensino médio, e Classe Alta, (Ca) com em Ensino Superior completo ou em andamento;

- **Diageracional:** dimensão que envolve diferentes faixas etárias, constituídas de primeira Geração (GI), pessoas de 18-36 anos e segunda Geração (GII), acima de 55 anos.

- **Dimensão Diagenérica ou diassexual:** dimensão que engloba os gêneros masculino (M) e feminino (F) na seleção dos informantes participantes da pesquisa.

- **Diafásica:** dimensão que se refere aos diferentes estilos de uso de uma língua (conversa livre, leitura, escrita, pergunta e resposta)

- **Dialingual:** dimensão que se refere ao trabalho com mais de uma língua.

- **Diarreferencial** - dimensão que leva em consideração a análise dos comentários metalinguísticos manifestados pelos informantes participantes da pesquisa.

Uma pesquisa não englobará necessariamente todas as dimensões apresentadas acima, porém há três delas consideradas "**standard**": Diageracional, Diassexual e Diastrática. Os pilares que sustentam as análises e discussões desta pesquisa são contatos linguísticos, bilinguismo, crenças/attitudes linguísticas, manutenção/substituição de línguas minoritárias.

Os dados para esta pesquisa foram coletados a partir de entrevistas de cunho metalinguístico (acerca de crenças linguísticas) e questionário lexical, cujo objetivo era investigação do conhecimento e uso dos termos de parentesco pelos informantes de cada localidade. Através da aplicação de ambos questionários, relacionamos crenças (questionário metalinguístico) e attitudes (questionário lexical).

Como já exposto, além de oito informantes de São Carlos/SC, e oito de Coronel Freitas/SC, entrevistamos quatro docentes, pedagogos por formação, atuantes na educação infantil em Chapecó. Com este grupo, a pesquisa sucedeu-se através da aplicação de cinco perguntas oriundas do questionário metalinguístico que foi aplicado na íntegra entre os teutos e os ítalos. Com estes informantes, a entrevista ocorreu em

português, e o objetivo foi extrair percepções acerca de bilinguismo infantil e contexto escolar.

Conforme já citado, as atitudes são constituídas de um **componente cognitivo** que são convicções e crenças, **componente afetivo**, que gera avaliação positiva ou negativa do objeto em questão, e **componente conativa**, em que crenças e valores desencadeiam intenções comportamentais. (KAUFMANN 2011). A partir deste pressuposto, o questionário metalinguístico abarca questões de cunho cognitivo e afetivo, enquanto o questionário lexical investiga o quanto a língua é conhecida pelo indivíduo e o quanto a utiliza ativamente (respostas espontâneas) e passivamente (por insistência e sugestão), e uma possível tendência de uso, que culmina no comportamento.

Através do questionário lexical buscamos verificar o quanto da variedade é conhecida e usada pelos informantes. A escolha da temática lexical deve-se ao fato de que os indivíduos recebem os primeiros elementos de sua formação de identidade social pela estrutura do parentesco, e assim como foi nas sociedades tradicionais, os termos de parentesco e as relações familiares continuam sendo importantes atualmente. (GHASARIAN 1996); (HORST 2011).

Como mencionado anteriormente, as ferramentas de pesquisa foram: **conversa semi-dirigida** sobre os antepassados, a língua, pessoas que usam o idioma na comunidade, como foi o processo de aprendizagem do italiano e do português, cujo o objetivo foi a coleta de uma fala mais espontânea, **questionário sobre Crenças**, constituído de 20 questões e **Questionário Lexical** contendo o levantamento de 41 itens lexicais sobre a temática parentesco sanguíneo, de aliança e espiritual, bem como anotações em **Caderno de Campo**.

Em São Carlos os dados dos termos de parentesco foram extraídos do banco de dados do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata-Hunsrückisch, desenvolvido em conjunto com a universidade Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha e Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). O questionário dirigido às crenças, foi aplicado por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Atlas das Línguas em Contato na Fronteira - Oeste de Santa Catarina (ALCF:OC), incluindo a autora. Estes dados ficarão no banco de dados do ALCF:OC que está em fase de coleta de dados. Em Coronel Freitas, as entrevistas de cunho metalinguístico e lexical foram aplicadas pela autora desta dissertação, e também

integrarão o banco de dados do ALCF:OC. Em ambas cidades, as entrevistas foram aplicadas seguindo os mesmos preceitos metodológicos.

As questões que orientaram a pesquisa de campo foram extraídas do questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira do Oeste Catarinense (KRUG e HORST 2013), aprovado pelo conselho de ética em pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob o parecer 702.162 e no número de indentificação 20380713.2.0000.5564.

A motivação para a pesquisa surgiu por questões pessoais e científicas. A pessoal foi o fato de eu ter crescido em Coronel Freitas, e observar como era comum o uso das variedades italiana durante minha infância e adolescência, e hoje, perceber uma significativa diminuição da frequência e espaços de uso dessa língua. Cientificamente, a motivação surgiu ao perceber que à medida que estes temas não são trazidos à discussão e consequente conscientização, abandonam-se oportunidades de valorização de um patrimônio que goteja e se perde com a não manutenção das línguas, com o passar das gerações.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos: Iniciamos com a introdução, apresentando os objetivos do trabalho, hipóteses, diretrizes teóricas e metodológicas que nortearam a pesquisa, bem como a natureza do *corpus* que constitui a pesquisa, e a motivação e importância que impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos a contextualização geográfica da pesquisa: da chegada de imigrantes europeus ao Brasil à colonização das localidades pesquisadas: São Carlos-SC e Coronel Freitas-SC, ambas cidades situadas no Oeste Catarinense, formadas essencialmente por descendentes de imigrantes europeus oriundos do Rio Grande do Sul.

No terceiro capítulo, abordamos a fundamentação teórica deste trabalho que discorre sobre as temáticas que enredam a pesquisa: Bilinguismo (Mackey 1972); Língua Materna (Altenhofen 2002); Diglossia (Ferguson 1959/1974), (Fishman 1967), Manutenção e Substituição Linguística, (Fishman 1974), (Krauss 2007); Crenças e Atitudes Linguísticas, (Vandermeeren 2005), (Kaufmann 2011), (Lasagabaster 2004), (Preston 2004) e Termos de Parentesco (Ghasarian 1996), (Levi Strauss 1929[1949]), (Geckeler apud Horst 2011), (Goldschmidt 2004 apud Wepik 2017), (Fukui 1979 apud

Horst 2011), e Dialetoologia Pluridimensional. Apresentamos também, de forma sumária, a dialetoologia tradicional e sociolinguística, para uma maior e melhor compreensão da dialetoologia pluridimensional proposta por THUN (1996, 1998, 2005, 2009, 2010).

No quarto capítulo, explanamos os procedimentos metodológicos que nortearam a coleta e análises dos dados. Os instrumentos utilizados foram o questionário metalinguístico e questionário lexical sobre os termos de parentesco (KRUG e HORST 2016), questionário elaborado para o desenvolvimento do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense. (ALCF:OC), conversa livre e caderno de campo.

No quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados, norteados pelos objetivos propostos, e embasados pelos fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos apresentados no capítulo 3 e 4, respectivamente.

No sexto e último capítulo, apresentamos as considerações finais, que despontam a partir da análise dos dados, que refutarão ou sustentarão as hipóteses inicialmente levantadas.

A pesquisa vincula-se à linha diversidade e mundaça linguística do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, e apresenta como temática nuclear o bilinguismo e línguas em contato.

O trabalho, além da motivação pessoal da autora, que cresceu em um contexto familiar de uso de português e italiano, justifica-se no sentido de que as línguas, o bilinguismo, o valor da diversidade cultural, a consciência linguística bem como os benefícios do bilinguismo para o indivíduo em seu desenvolvimento cognitivo e social, são questões que escoam despercebidamente em algumas comunidades com um valioso patrimônio cultural: diversidade linguística e indivíduo bilíngues.

É contraditório pensar que no momento em que vivemos uma forte globalização e incentivo à aquisição de diferentes línguas, comunidades deixam de perceber oportunidades de aprender mais de uma variedade em um contexto familiar. Embora o Brasil seja um país plurilíngue, com contextos diversificados de línguas em contato "e dos esforços recentes no sentido de inventariar a diversidade linguística brasileira, ainda carecemos, infelizmente, de uma maior compreensão das questões que envolvem tais contextos. (HORST, 2014 p. 16)

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

As localidades da pesquisa são três municípios do oeste de Santa Catarina: São Carlos, Coronel Freitas, e Chapecó (como grupo de controle). São Carlos e Coronel Freitas, além de terem imbuídas em sua história a presença de uma língua minoritária, fruto do percurso de colonização que apresentaremos a seguir, compartilham características semelhantes: ambas estão próximas a Chapecó, considerada capital do oeste catarinense (São Carlos a 60 km e Coronel Freitas 27 km), possuem número de habitantes aproximado, (entre 10.000 e 11.000) e fundação em um mesmo período por maioria migrantes descendentes de europeus, vindos do Rio Grande do Sul: São Carlos em 1927, e Coronel Freitas em 1929 (IBGE 2010). No entanto, uma das características que diferenciam uma cidade da outra, e que se torna o aspecto central do estudo relacional para esta pesquisa, é a etnia desses imigrantes, pois encontramos teuto-brasileiros em São Carlos e ítalo-brasileiros em Coronel Freitas, o que subjaz nas duas cidades a presença de variedades de imigração (Ale. e Ita.), além do português.

Como já mencionado, os municípios situam-se no Oeste Catarinense, e segundo o senso do IBGE de 2010, São Carlos possui uma população de 11.038 habitantes distribuída em 161.292 km², Coronel Freitas 10.213 habitantes em uma extensão territorial de 233.968 km² e Chapecó tem 183.530 habitantes e uma área de 626.060 km². São Carlos começou a ser colonizada por imigrantes oriundos do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul em 1927, e emancipou-se em 1954. Coronel Freitas teve esse mesmo processo colonizatório iniciado dois anos mais tarde (1929), por imigrantes oriundos de Guaporé e Serafina Corrêa, e a emancipação da cidade sucedeu-se em 1961. Atualmente a principal atividade econômica em São Carlos é a produção agrícola, e em Coronel Freitas a agropecuária. Chapecó, fundada em 17 de agosto de 1917, destaca-se pela agroindústria, sendo um polo de produção frigorífica de carne suína e frango.

A seguir apresentamos o mapa que ilustra a localização dos municípios no estado de Santa Catarina:

Figura 1: Mapa do Estado de Santa Catarina, indicando localização de São Carlos , Coronel Freitas e Chapecó



Figura 1: mapa de Santa Catarina com destaque para São Carlos, Coronel Freitas e Chapecó.
Fonte: https://pt.wikivoyage.org/wiki/Santa_Catarina. Adaptado por Bernieri (2017)

Antes das cidades serem formadas, esta região do estado já era ocupada essencialmente por índios e caboclos. Durante o período colonial, a região oeste esteve em disputa entre Espanha e Portugal. Durante a Guerra das Independências (1810-1816) a disputa continuou entre Brasil e Argentina, até que em 1895 o então presidente dos Estados Unidos (Grover Cleveland) definiu esta região como pertencente ao Brasil. Em seguida, durante os quatro anos da Guerra do Contestado (de outubro de 1912 a agosto de 1916) a disputa das terras foi entre índios, caboclos, fazendeiros e empresas colonizadoras. (WERLANG, 1992)

Durante o século XVIII, a região havia sido ocupada pela criação de gado bovino e extração da erva-mate que ocorreu paralelo à dizimação da população indígena que nestas terras habitavam. Para Werlang (1992, p. 10),

A ação dos bandeirantes, missionários, bugreiros e expedições militares foi decisiva para tal massacre [...] Portanto, quando da chegada das empresas colonizadoras, a partir de 1917, a população indígena estava reduzida a pequenos grupos.

As empresas colonizadoras e o estado alinhavam interesses de legitimar e rentabilizar ao máximo o domínio, e portanto, a comercialização de terras. Possuíam título oficial de posse sobre as propriedades negociadas, títulos estes concedidos pelo estado que tinha interesse em garantir posse e domínio da região através de núcleos populacionais agrícolas, evitando desta forma possíveis reivindicações e ocupações destas terras. (VICENZI, 2006)

Esta política de (des)ocupação da região oeste, em que ocorreu a migração do Rio Grande do Sul a Santa Catarina foi conjunta ao crescimento demográfico dos descendentes europeus que moravam no Rio Grande do Sul, pois segundo Vicenzi (2006, p.303),

Os colonos europeus chegados ao Rio Grande do Sul ocuparam as Colônias Velhas, e a seguir, seus filhos estabeleceram-se nas Colônias Novas, em regiões cada vez mais setentoriais, abertas devido ao forte processo de expansão demográfico. Porém, grande parte da terceira geração não encontrou terras disponíveis no estado que acolhera seus avós e seus pais. [...] assim intensificou-se a migração interna entre os estados.

WERLANG (1992, p. 18-20), além do aspecto observado por Vicenzi, apurou outras questões que levaram a migração de famílias gaúchas a Santa Catarina: esgotamento do solo, fragmentação da propriedade (pois propriedades retalhadas e com uma qualidade de solo baixa dificultava o sustento da família, e o fracionamento contínuo teve de ser evitado para não inviabilizar seu uso). Somado a esses fatores, estava a preocupação com o futuro dos filhos, pois como não havia condições de estudarem, a lavoura era a única fonte de sustento, e isso trazia a necessidade de se ampliar a propriedade e terra para produção. Outro aspecto apontado pelos informantes da pesquisa de Werlang (1992), era a presença de formigas saúva que danificavam os pareraias. Dentre todos os fatores já citados, o pesquisador apresenta que famílias de origem italiana relataram que as terras acidentadas, com grandes declives, contribuíram para acelerar o esgotamento do solo, devido à erosão, além de dificultar o fracionamento da terra.

Dos europeus que migraram ao Brasil, significativo foi o número de alemães e italianos no sul do país. A imigração ocorreu em um momento que a Europa passava por

um período de crise e o Brasil buscava mão de obra para substituir o trabalho escravo, e "branquear" a nação.

A imigração ocorreu de duas formas, uma de iniciativa oficial e outra particular: a primeira visava povoar zonas desocupadas, e a segunda objetivava o preenchimento da necessidade de mão-de-obra para o latifúndio, que substituísse o trabalho desempenhado pela mão de obra escrava. (PRADO Jr, 1970, p. 19). Segundo Croci (2011, p. 79) "para os grandes latifundiários significava que se podia começar a importação de mão de obra da Europa para substituir os escravos, evitando que os imigrantes se convertessem em proprietários."

Herédia (2001) apresenta os vários objetivos que permeavam a impulsificação do movimento colonizatório:

[...] a formação de um grande exército pela necessidade de defesa do território onde eram visíveis as dificuldades de controle das fronteiras e conseqüentemente da própria hegemonia; a ocupação dos espaços vazios que propiciasse o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, criando classes sociais intermediárias entre o senhor de terras e o escravo; a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre, assalariada devido à expansão da causa abolicionista e à implantação do trabalho livre que desenvolveriam as cidades, estimulariam o comércio e fomentariam a criação de serviços de infra-estrutura, gerando um desenvolvimento para o país. Além desses objetivos, havia a clara intenção de branquear a raça, uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do império, garantindo que os colonos europeus que viessem colonizar o Brasil fossem brancos. (HERÉDIA 1997, p.32)

Segundo Werlang (1992, p.15), os colonos imigrantes que não foram trabalhar nos grandes latifúndios migraram para regiões cujas áreas não eram propícias às culturas desenvolvidas para exportação pelos latifundiários, dessa forma, a colonização teve êxito no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Com o esgotamento da propriedade agrária no Rio Grande do Sul, houve o impulsionamento de comercialização de propriedades agrícolas em Santa Catarina por empresas colonizadoras, como a Colonizadora Bertaso que (atuou em Coronel Freitas) e a Cia Territorial Sul Brasil em São Carlos. Segundo Vicenzi (2006),

Através da propaganda, realizada no Rio Grande do Sul, que enfatizava o caráter virgem e fértil das terras oferecidas, a Colonizadora Bertaso incentivava os migrantes a adquirirem pequenos e médios lotes rurais no oeste de Santa Catarina. Sobretudo, a propaganda proporcionou a rápida propagação entre os colonos gaúchos da ideia de que a "riqueza aguardava a todos, no oeste de Santa Catarina. As promessas de ganho para os colonos criavam a expectativa de uma

nova vida, apesar de tratar-se de uma continuidade, sem variações de qualidade, da economia conhecida nas colônias velhas gaúchas. (VICENZI 2006, p.305)

O início da história de São Carlos e Coronel mistura-se a Chapecó, pois eram distritos deste município que até meados de 1953 detinha uma grande extensão territorial. São Carlos teve início em 1927, quando colonos de origem alemã, vindos da Colônia-Velha-RS, saíram de suas terras e vieram para Santa Catarina através de uma intensa política de povoamento. A empresa colonizadora que atuou nesta localidade foi a Companhia Territorial Sul Brasil, por meio do agente Sr. Carlos Culmey, quem inspirou o nome da cidade, devido ao carinho que os pioneiros devotavam a este engenheiro civil e geólogo que desbravou, além de outros municípios catarinenses, municípios gaúchos e parte da Argentina.

Em 1938, a localidade de São Carlos foi denominada 14º distrito de Chapecó, devido a sua intensa ocupação, e sua emancipação ocorreu em 21 de fevereiro de 1954. Uma das principais características da configuração étnica, é de que os habitantes de São Carlos são descendentes de alemães, oriundos de colônias do noroeste do Rio Grande do Sul. Segundo Kerbes (2004), para Carlos Culmey...

[...] não podiam faltar escolas e igrejas nas comunidades. Para facilitar a organização, distribuiu os colonos de tal forma que os alemães católicos, alemães evangélicos e italianos católicos estivessem morando em regiões distintas. A formação de comunidades com a mesma origem étnica e credo religioso criariam menos conflitos entre si, além de facilitarem a organização comunitária evitando a construção de duas ou mais igrejas ou escolas na mesma comunidade. [...] as terras localizadas entre o rio Chapecó e Barra Grande foram destinadas aos alemães católicos, surgindo, desta colonização, os municípios de São Carlos, Saudades e Pinhalzinho. (KERBES, 2004, p.10)

A cidade de Coronel Freitas passou a ser colonizada em 1929 por famílias procedentes do Rio Grande do Sul, que migraram com o intuito de obter terras para cultivo e extração de madeira, e com o objetivo de "desenvolver o sertão" (RADIN, 2001). As terras eram negociadas através da atuação da Empresa Bertaso, Maia e Cia, e segundo dados do IBGE (2010), as primeiras famílias a instalarem-se na comunidade foram Bernardi, Zanatta, Fortti, Mazzo, Brizot, Petrolli, Pedroso e Marchese, em sua maioria ítalo-descendentes. Em 1952, foi elevada a distrito pertencente a Chapecó e, em 1961, à categoria de município. A cidade foi emancipada em 1961, e a história de Coronel Freitas, até então, mistura-se à história de Chapecó, fundada em 1917 e colonizada por

imigrantes oriundos do Rio Grande do Sul, cujas negociações dos lotes sucederam-se pela Empresa Bertaso, Maia Cia, através das concessões de terras obtidas pela Companhia através do Governo. Primeiramente, a base econômica era sustentada através da extração da madeira e erva-mate, e a partir de 1940 a criação de suínos contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade. Em Coronel Freitas, atualmente, a base econômica do município é desenvolvida em parceria com agropecuária e agroindústria, e o segmento de maior destaque é a Produção Moveleira. Em São Carlos, a base é a agropecuária. (IBGE 2010).

Chapecó, cidade de atuação profissional dos informantes docentes, está a 550 Km de distância da capital do estado, Florianópolis, e tem uma população de 183.530 habitantes (IBGE 2010). De acordo com Radin, (2001 apud Bortolotto 2015), o município de Chapecó foi criado em 1917, e a ocupação territorial se desenvolveu através de concessões do governo a empresas colonizadoras que atuaram fortemente na região. Naquele período, até a década de 1940, a fonte econômica era extração de madeira e erva-mate. Atualmente, atividades da indústria voltada a aves, suínos e derivados tem destaque na base econômica da cidade.

Apresentada a contextualização histórica das cidades envolvidas na pesquisa, passaremos para o próximo capítulo, com o escopo de discorrer acerca das bases teóricas que sustentam e orientam este trabalho.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Língua, Variedade, Dialeto e Variante

Várias são as possibilidades de conceitos que podem ser constituídos ao elaborar-se uma definição do que seja língua, pois dependerá do ângulo em que se observa este objeto científico multifacetado. O desenvolvimento desta pesquisa faz exigências teóricas acerca da compreensão do sentido de **dialeto**, **variedade**, **variável** e **variante**, que apresentaremos a seguir:

Segundo Pertile (2009) e Altenhofen (2011), o termo **dialeto** carrega uma conotação negativa, e é por muitos falantes das variedades dialetais e estudiosos considerado uma língua não padrão, julgado como errado e às vezes feio; considerado uma língua "inferior".

Neste trabalho, utilizaremos com mais frequência os termos "variedade alemã" e "variedade italiana", porém, ao mencionarmos Língua e Dialeto atribuímos aos dois termos o mesmo valor, pois " [...] todas variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos e governados por regras que são totalmente adequadas para as necessidades de seus falantes". (TRUDGILL, 2000 p.8)¹¹. Segundo Chambers & Trudgill (1980, p.3), dialeto é visto no uso comum sob três perspectivas:

[...]dialeto é geralmente visto como uma forma rústica de linguagem, não-padrão, associada com o campo, à classe trabalhadora, ou outros grupos que não possuem prestígio. DIALETO é também um termo que é frequentemente aplicado a formas de linguagem, particularmente aquelas faladas em partes mais isoladas do mundo, que não tem forma escrita. Dialectos são também referidos como algum tipo de (geralmente errôneo) e desvio da norma - como aberrações de uma forma de linguagem correta ou padrão. (CHAMBERS & TRUDGILL 2004, p.3)¹²

¹¹ (Trudgill, 2000) all varieties of a language are structured, complex, rule-governed systems which are wholly adequate for the needs of their speakers.

¹² (CHAMBERS & TRUDGILL 1980)dialect is a substandard, low-status, often rustic form of language, generally associated with the peasantry, the working class, or other groups lacking in prestige. DIALECT is also a term which is often applied to forms of language, particularly those spoken in more isolated parts of the world, which have no written form. And dialects are also often regarded as some kind of (often erroneous) deviation from a norm - as aberrations of a correct or standard form of language

Os autores, ao tratarem de dialeto, não adotam as perspectivas citadas acima, e declaram que todas pessoas são falantes de pelo menos um dialeto, e que o considerado "padrão" é um dos dialetos de uma língua, que por questões de julgamento social, fatores extra-linguísticos como sócio-históricos e sócio-econômicos, foi elegido e considerado um dialeto "superior" aos outros. Assim, a diferença entre língua e dialeto é o status histórico atribuído a uma variedade, que fomenta o desenvolvimento de atitudes acerca de uma língua pelos falantes e ouvintes. As crenças e atitudes frente a uma língua, podem fomentar a manutenção ou culminar em um processo de substituição linguística, assunto que trataremos no tópico 3.6, neste capítulo da dissertação.

Nesta comparação entre língua e dialeto, retomamos, com as palavras de Coseriu (1982, p. 10-11) que "[...] Entre dialeto e língua não há diferença de natureza substancial. Intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e lexical".¹³ Porém, nem sempre pode-se utilizar "Língua" e "Dialeto" como sinônimos. Coseriu (1982, p.11) traz uma questão interessante ao declarar que "Mas se todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto".¹⁴ Neste sentido, a língua é apresentada como uma entidade autônoma, e os dialetos são variedades das línguas. A exemplo, mencionamos o francês, italiano, espanhol, português que eram dialetos do latim, e com o passar do tempo, tornaram-se línguas constituídas por seus dialetos, que também podem abarcar distintas variedades dialetais. "Uma língua histórica se constitui, e podemos dizer que se delimita como tal, e portanto, como um conjunto de dialetos [...] a existência de uma língua comum por cima da variedade dialetal[...]" COSERIU (1982, p.12)¹⁵

Coseriu (1982) faz a distinção entre dialetos primários secundários e terciários:

[...] Os dialetos das línguas históricas, carentes de forma comum, podem chamar-se de dialetos primários; os dialetos surgidos dentro da língua comum, dialetos secundários. E, dentro da língua comum, se estabelece uma modalidade exemplar (língua standard) também esta pode diferenciar-se no espaço e apresentar, portanto, variedades regionais que serão dialetos terciários. (COSERIU, 1982, p.22)¹⁶

¹³ No original: "entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza 'substancial'. intrinsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fonico, gramatical e lexical"

¹⁴No original: "*pero, si todo dialecto es una lengua, no toda lengua es un dialecto*" Mas se todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto. (Tradução da autora)

¹⁵No original: Una lengua histórica se constituye - es decir que se delimita como tal, y, por ende, como conjunto de dialectos [...] la existencia de una lengua común por encima de la variedad dialetal [...].

¹⁶No original: los dialectos de las lenguas históricas carentes de forma común, pueden llamarse dialectos primarios; los dialectos surgidos dentro de la lengua común, dialectos secundarios. Y si, dentro de la lengua común, se establece una modalidad ejemplar (lengua estándar), también ésta puede diferenciarse en el espacio y presentar, por tanto, variedades regionales, que serán dialectos terciarios.

Um dialeto pode ser regional e/ou social, pois os falantes além de se identificarem com uma determinada região, também identificam-se com certos grupos sociais. Para Chambers e Trudgill (2004, p. 45) "[...] eles geralmente se identificam não somente como nativos ou habitantes de um local particular, mas também como membros de um grupo social, etário, étnico ou outras características sociais."¹⁷

No que tange aos aspectos sociais, denomina-se **Socioleto** a variedade compartilhada por um grupo social com características comuns (profissão, idade, hobby) e **Etnoleto** as características da língua de um determinado grupo étnico. Segundo Fought (2006 p.238), "Nossa identidade étnica pode nos fornecer o presente de uma língua completamente diferente [...] ou pode nos oferecer um rico e diferente dialeto como o Inglês Afro-Americano."¹⁸

Alvim et al. (2010) apresentam uma definição de **socioleto, cronoleto e idioleto**:

Socioleto designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características culturais. Cronoleto diz respeito a variedade própria de determinada faixa etária, de uma mesma geração de falantes, e idioleto designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, construir as sentenças etc. (ALVIM et al. 2010, p.235)

Além da complexidade de questões sociais que configuram os dialetos, a delimitação de um dialeto regional é complexa, e não-homogênea. Para Wolfram (1998) complexo também é definir a região de um dialeto pois, "falantes localizados no mesmo território geográfico podem estar afiliados a muitos grupos étnico/sociais diferentes, e assim acabar falando variedades muito diferentes"¹⁹

Para o mesmo autor, definir dialetos de uma língua através da inteligibilidade mútua, não é um critério efetivo em todas as situações, pois:

As diferenças da língua associadas com dialeto podem ocorrer em qualquer nível da língua, incluindo assim pronúncia, gramática, semântica, e diferenças no uso da língua. A uma primeira vista, a distinção entre "dialeto" e "língua" parece simples - dialetos são subdivisões de uma língua. No entanto, em uma inspeção

¹⁷ No original: they often identify themselves not only as natives or inhabitants of a particular place but also as members of a particular social age group, ethnic background, or other social characteristic.

¹⁸ No original: *Our ethnic identity identity might provide us with the gift of an entirely different language [...] or it may hand over to us a rich and different dialect such as African-American English.*

¹⁹ (WOLFRAM 1998) speakers located in the same geographical territory may be affiliated with quite different ethnic and/or social groups, and thus end up speaking quite disparate different varieties.

mais detalhada, a fronteira entre dialetos e línguas podem tornar-se não claras como simples critérios como uma afinidade estrutural mútua ou a quebra de inteligibilidade mútua. Assim, muitos dos conhecidos dialetos Chineses como Pekingese (Mandarin), Cantonese, e Wu (Shanghai) são mutualmente ininteligíveis na sua forma falada. No mesmo sentido Suécos e Noruegueses são geralmente capazes de se entenderem, apesar de suas culturas e literaturas garantirem a designação de línguas diferentes.²⁰(WOLFRAM 1998)

Como podemos observar, "o termo dialeto pode ser usado para se aplicar a todas variedades, não apenas variedades consideradas não-padrão"²¹ (TRUDGILL, 2000, p. 5), e um dialeto desempenha a mesma função de uma língua, e por ter o mesmo valor funcional deveria ter o mesmo valor social. No entanto, percebemos que há dialetos de uma língua que são normalmente considerados mais prestigiosos. Neste trabalho, utilizaremos os termos Língua, Dialeto e Variedade como sinônimos. Muitas vezes optaremos por usar a palavra variedade, pois de acordo com Trudgill (2000, p.5) podemos empregar a palavra "**variedade** como um termo neutro para aplicar-se a qualquer tipo de língua de que falaremos sem sermos específicos"²² se será uma língua considerada "padrão" ou dialeto de uma língua.

Além dos conceitos de Língua, Dialeto e Variedade, outro termo imbuído nas pesquisas de cunho linguístico relacionadas à esfera social, é a compreensão de **Variável**, e **Variante**, esclarecidas por Tarallo (2012) como Variável sendo um conjunto de variantes de uma língua, exemplificado pelo autor através da marcação do plural do sintagma nominal:

1- AS meninaS bonitaS (norma-padrão do português)

aS meninas bonita (/); (o falante retém a variante [s] na posição de determinante e de nome-núcleo, mas lança da variante (/) para a posição de adjetivo modificador.)

²⁰No original: The language differences associated with dialect may occur on any level of language, thus including pronunciation, grammatical, semantic, and language use differences. At first glance, the distinction between "dialect" and "language" seems fairly straightforward - dialects are subdivisions of a language. However, on close inspection, the boundary between dialects and languages may become blurry as simple criteria such as structural affinity or mutual intelligibility break down. Thus, many of the so-called dialects of Chinese such as Pekingese (Mandarin), Cantonese, and Wu (Shanghai), are mutually unintelligible in their spoken form. By the same token Swedes and Norwegians are generally able to understand each other although their distinct cultures and literatures warrant their designation as different languages.

²¹No original: *The term **dialect** can be used to apply to all varieties, not just to nonstandard varieties*".

²²No original:[...] variety as a neutral term to apply to any kind of language we will to talk about without being specific

2- aS menina(/); bonita(/) ;(o falante utiliza-se da variante não-padrão (/) nas duas posições finais do SN, retendo marca de plural somente na posição inicial.)

Assim, variantes linguísticas são "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes da-se o nome de variável linguística". (TARALLO, 2012, p. 8). Para o autor, as variantes estão em relação de concorrência dentro da comunidade, e configuram-se em: variantes padrão versus não padrão; conservadora versus inovadora; de prestígio versus estigmatizada. Para Tarallo (2012):

(...) Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora de prestígio; a variante [...], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão." (TARALLO, 2012, p.12)

Nesta pesquisa, na aplicação do questionário lexical, serão levantadas as diferentes variantes em alemão e italiano conhecidas e usadas pelos informantes acerca dos termos de parentesco elencados para este trabalho. A exemplo, mencionamos o termo "**mãe**" em italiano que apresentou como variantes as palavras: "**madre**", "**mare**" e "**mama**". Assim, língua é sinônimo de variedade, que pode ser constituída por variedades de uma língua ou dialetos de uma língua, e por serem um sistema com variações, apresentam variantes que compõe uma variável.

Tarallo (2012, p. 19) define língua como "um veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social", e as situações de comunicação variam de acordo com o contexto em que ocorre, culminando no uso de diferentes variedades linguísticas pelos indivíduos. Assim, a língua é uma entidade que se interrelaciona com seus próprios dialetos e/ou com variedades de outras línguas que compartilham o mesmo espaço geográfico. A exemplo, o Brasil possui variedades de Alemão e Italiano que não são as mesmas encontradas na Alemanha e Itália, pois com a colonização, línguas foram "importadas" para nosso território, e aqui entraram em contato, além do português, com outras variedades de línguas europeias, surgindo as "*overseas varieties*", ou seja, as "variedades além-mar" (SCHREIER, 2010).

Essa riqueza de línguas presentes em um país como o Brasil, que em um olhar superficial possa parecer uma nação monolíngue, produzem uma complexidade de

aspectos e questões quando pensamos sobre língua materna. Pois, para indivíduos que crescem em contato com duas variedades distintas, ou que em um momento da vida usam uma variedade e com o curso do tempo adquirem uma outra língua e transitam entre as duas em um movimento pendular, ou "desvencilham-se" da primeira, optando exclusivamente pelo uso da segunda língua que aprenderam, como definir sua(s) língua(s) materna(s)? Esta temática demanda uma maior reflexão acerca do tema *língua materna* que abordaremos a seguir.

3.2 Língua Materna

O conceito de língua materna é polissêmico e dinâmico. Limitá-lo a definições como: "A língua oficial do país em que se nasceu", a "língua ensinada pela mãe", "primeira língua do indivíduo" ou a "língua dominante" pode acarretar em imprecisão, pois há uma multiplicidade de aspectos enredados em seu significado. Para Pertile (2009),

Há uma complexidade que se esconde por trás de definições aparentemente simples. Isso porque as definições comumente usadas ultrapassam o nível linguístico, incluindo aspectos sociais, educacionais, políticos, históricos e ainda, aspectos de ordem interna do falante. (PERTILE 2009, p.30)

Historicamente, a língua materna tem sido definida como língua nacional, mas nem sempre a língua materna de um indivíduo converge com a língua oficial de uma nação. Romaine (1995, p. 8) aponta que "há trinta vezes mais línguas que países"²³ e em várias nações multilíngues nem todas suas línguas são oficializadas. Como exemplo, citamos o Brasil que "como um país pluricultural, pluriétnico e plurilíngue, conta com mais de duzentas línguas diferentes, faladas em comunidades étnico-culturalmente diferenciadas e situadas por todo o território nacional" (FERRAZ, 2007), mas que apesar desse número expressivo tem co-oficializadas, de acordo com o instituto IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) treze línguas em quatorze municípios.

²³No original: there are thirty times as many languages as there are countries.

Relação de municípios brasileiros que cooficializaram uma ou mais línguas, e suas respectivas línguas cooficializadas.

São Gabriel da Cachoeira -AM	Nheengatu, Baniwa e Tukano
Tocantínia -TO	Akwê Xerente
Bonfim-PR	Macuxi e Wapichana
Tacuru- MS	Guarani
Pancas- Es	Pomerano
Santa Maria de Jetibá-ES	Pomerano
Domingos Martins-ES	Pomrano
Laranja da Terra -ES	Pomerano
Vila Pavão -ES	Pomerano
Canguçu-RS	Talian
Serafina Corrêa-RS	Talian
Antônio Carlos -SC	Hunsrukisch
Santa Maria do Herval -RS	Hunsrukisch
Pomorode- SC	Alemão

QUADRO 1: Municípios brasileiros com línguas cooficializadas. Fonte: Morello, Rosangela; Oliveira, Gilvan M. Seiffert, Ana P. (2015) Minicurso: Política de cooficialização de línguas por municípios e suas potencialidades. In: Primeiro Encontro nacional de Municípios Plurilíngues. Disponível em: <<http://e-ipl.org/a-politica-de-cooficializacao-de-linguas-por-municipios-e-suas-potencialidades>>

Quanto à relação entre língua materna e língua aprendida pela mãe, este critério também não pode ser aplicável em todas as situações. Romaine (1995, p.20) cita os grupos da área de Vaupés, Amazônia Colombiana em que a primeira língua aprendida pelo indivíduo é a língua do pai, (pela qual normalmente o indivíduo se identifica) e a usa em conjunto à língua posteriormente aprendida, que é a língua de sua mãe e esposa.

O termo língua materna recebe diferentes conotações em diferentes contextos sócio-culturais. No contexto Europeu da Idade Média, era delegada à mãe a tarefa de cuidados com o lar, educação dos filhos e conseqüente maior presença e modelo na aquisição da língua pela criança. Segundo Altenhofen (2002), a expressão "língua materna"

[...] encontra raízes históricas na tradição católica romana medieval, onde se opunha ao latim, para designar a língua aprendida e falada "naturalmente" no lar. Originariamente, a denominação (Muttersprache) teria sido empregada por monges católicos para designar uma determinada língua da qual faziam uso em lugar do latim, quando falavam da cátedra" (ALTENHOFEN, 2002, p. 146)

Naquela época, era atribuída à "língua materna" uma conotação desprestigiada, pois era a língua utilizada por pessoas que não conheciam o latim, e por isso "não-cultas". Fato este que reforça a forte relação em que o posicionamento frente a uma variedade reflete o posicionamento frente ao grupo social que a utiliza.

Segundo Romaine (1995, p.19) "O termo *língua materna* tem sido usado por linguistas em um senso técnico para referir-se a primeira língua aprendida por indivíduos"²⁴. A autora também destaca que alguns pesquisadores preferem tratar como "língua materna" a língua geralmente falada em casa por um indivíduo durante sua infância, embora não necessariamente usada por ele atualmente enquanto outros preferem os termos "primeira língua", "segunda língua" e "língua da comunidade".

As definições apresentadas acima apoiam-se no contexto social de aprendizagem e uso da língua. Há também definições que tem-se apoiado na competência linguística do indivíduo e a língua com que o indivíduo mais se identifica em certo período de sua vida:

Uma língua materna seria a língua que uma pessoa melhor sabe. Dado o fato que competência em mais de uma língua é raramente igualmente distribuída ao longo dos domínios da vida, muitos bilíngues podem saber uma língua melhor porque eles foram ensinados na escola por ela e ainda por sentir um forte sentimento de conexão em relação a uma outra língua que tem aprendido e usado em casa. Assim, a língua com que um indivíduo se identifica geralmente é considerada sua língua materna. (ROMAINE 1995, p. 22)²⁵

Assim, observa-se uma polissemia de sentidos atribuídos à conceitualização de língua materna, sendo apresentada como a primeira língua aprendida, a língua do lar, ou aquela que "melhor sabemos". Conforme Altenhofen (2002), há o emprego dos termos primeira língua, segunda língua e língua da comunidade. Definir qual ou quais a(s) língua(s) materna(s) de um indivíduo acarreta em uma complexidade de elementos, pela natureza em que se configura, implica em uma combinação de vários fatores a serem considerados. Skutnabb-Kangas (1998) apresenta este dinamismo na definição de língua materna ao elencar critérios para sua verificação, sugerindo que se observe fatores como: a) ordem de aprendizagem; b) usos e funções; c) grau de proficiência; d) identidade; e) afetividade. Altenhofen (2002, p. 159) apresenta língua materna como:

²⁴No original: The term 'mother tongue' has often been used by linguists in a technical sense to refer to an individual's first learned or primary language"

²⁵No original: a mother tongue would be the language one knows best. Given the fact that competence in more than one language is rarely ever equally distributed across all domains of life, many bilinguals might know one language better because they have been schooled in it yet feel a stronger affective attachment to another language which was learned and used in the home. Thus, the language an individual identifies with is often referred to as the mother tongue.

"[...] um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, d) apresentando-se porém geralmente como a língua dominante e) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, por isso, f) provida de um valor afetivo próprio" (ALTENHOFEN (2002, p.159)

A afetividade mencionada por Skutnabb-Kangas (1998) e Altenhofen (2002) é um aspecto importante a se ressaltar ao pensarmos em língua materna, pois além de uma competência linguística - cognitiva que se desenvolve ao se aprender uma língua, está intrínseca uma relação de afetividade, pois é "uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais". (SPINASSÉ, 2006, p.4).

Em situações de bilinguismo precoce, ou em que uma das línguas maternas não seja mais usada, devemos nos perguntar não exclusivamente qual é a língua materna de um indivíduo, mas em que medida determinada língua é materna, nas palavras de Altenhofen (2002):

[...] é preciso tomar o bilinguismo como um conceito não absoluto, mas relativo, onde não importa tanto saber se determinado indivíduo é bilíngue ou não, mas sim em que medida é bilíngue, visto ser distinto e muito difícil determinar o ponto exato que divide a sua proficiência em ambas as línguas envolvidas. Da mesma forma, diremos a partir de agora que, muito mais do que definir qual e o que é língua materna, se é que ainda nos parece adequado falar em língua materna. (ALTENHOFEN, 2002, p. 145)

O reconhecimento à(s) língua(s) materna(s) é uma temática de extrema importância, uma vez em que nela está enredada perda ou manutenção de visões de mundo, respeito à diversidade e benefícios psico-sociais que o desenvolvimento bilíngue traz aos cidadãos e comunidades. O site da UNESCO, na ocasião do Dia Internacional da Língua Materna, fez uma publicação em 21 de fevereiro de 2017, reafirmando o compromisso com a diversidade linguística e multilinguismo. Declarou que "A língua está na nossa essência humana. Culturas, ideias, sentimentos e até mesmo desejos por um mundo melhor chegam até nós, em primeiro lugar e sobretudo, em uma língua específica."

A discussão sobre língua materna é pertinente em solo em que há diversidade, no caso desta pesquisa, o contato entre o português riograndense, falado em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC, e as variedades de imigração destas cidades. Esta situação

linguística configura um contexto em que línguas são socialmente posicionadas como majoritárias, minoritárias, assunto que discutiremos no próximo item.

3.3 Língua de Imigração, Língua Majoritária e Língua Minoritária

O tecido linguístico brasileiro é entrelaçado de muitos fios, constituído por variedades indígenas, (línguas autóctones), línguas afros, de sinais e de imigrantes (alóctones) que tecem a diversidade presentes em nossa nação. A historiografia revela que o processo pelo qual o português tornou-se a língua nacional não foi um percurso natural, mas forçado sociopoliticamente.

Segundo estimativa de Rodrigues (1993, p. 23 apud Oliveira 2008), havia, em 1500, 1078 línguas indígenas, e no ano de 2000 este número havia reduzido para 170, mostrando que em 500 anos, 908 línguas deixaram de ser transmitidas, e assim, não existem mais em território nacional, em uma estarrecedora média de 1,8 línguas a menos por ano.

Atualmente, a estimativa de número de línguas presentes em território nacional é apresentada, por diferentes pesquisadores, com dados que oscilam: Segundo Oliveira (2008, p.3), "No Brasil hoje são faladas por volta de 210 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas, (chamadas autóctones), as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas". Para Altenhofen (2013), a estimativa é de que haja no Brasil 330 línguas, total constituído de 274 línguas autóctones e 56 variedades alóctones. De acordo com o Site da Ethnologue (2017):

O número de línguas individuais listadas para o Brasil é 237. Destas, 216 vivem e 21 estão extintas. Das línguas vivas, 201 são indígenas e 15 são não-indígenas. Somado a isso, 6 são institucionais e 31 estão se desenvolvendo, 26 estão em vigor, 56 estão em problema, e 97 estão morrendo. (ETHNOLOGUE)²⁶

Línguas autóctones são línguas de grupos indígenas, as primeiras presentes em solo brasileiro. Línguas alóctones são as línguas de imigração definidas por Altenhofen e Margotti (2011, p. 290) como:

²⁶No original: The number of individual languages listed for Brazil is 237. Of these, 216 are living and 21 are extinct. Of the living languages, 201 are indigenous and 15 are non-indigenous. Furthermore, 6 are institutional, 31 are developing, 26 are vigorous, 56 are in trouble, and 97 are dying. Site www.ethnologue.com. Acesso em jan. 2017

1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, compartilham o status de língua minoritária. Distinguem-se das línguas indígenas (autóctones) e de línguas específicas (como as línguas de sinais), que, embora também constituam línguas minoritárias, não possuem na sua gênese um processo de imigração.

Dentro deste universo linguístico brasileiro, as línguas alocam-se em diferentes espaços geográficos e sociais. Embora as variedades sejam estruturalmente complexas, atendam às funções comunicativas, e linguisticamente possuam o mesmo valor, socialmente diferentes valores são atribuídos às línguas, tornando algumas menos prestigiosas socialmente (minoritárias) em oposição às majoritárias. Ferraz (2007) define línguas minoritárias como:

aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial. (FERRAZ, 2007, p.45).

O sul do Brasil, devido à sua história de imigrações, é uma das regiões mais ricas em pluralidade linguística no país (ALTENHOFEN, 2011), e por isso, espaço em que se encontram diferentes línguas minoritárias.

Ao abrir as portas para os imigrantes, o Brasil recebeu indivíduos oriundos de diferentes regiões do que hoje constitui-se território italiano e alemão, (pois na época estes países ainda não haviam se consolidado como nações) e com eles, aportaram aqui as diferentes variedades dialetais de cada localidade de origem dos emigrantes. Estes distintos dialetos entraram em solo brasileiro em contato intralingual (entre dialetos de uma língua) e interdialetal (entre diferentes línguas), e como resultado, passaram por mudanças. Segundo Altenhofen e Margotti (2011):

As línguas de imigração apresentaram variações dialetais muito acentuadas, de acordo com a matriz de origem dos imigrantes. No caso do italiano, predomina hoje um coine vêneta, ou talian. No caso do alemão, difundiu-se, entre os descendentes a partir do Rio Grande do Sul, também um coine, o Hunsrückish. Contudo, em determinadas áreas ocupadas por alemães, mantiveram-se outras variedades, como o pomerano, o vestfaliano, e o Plautdietsch menonita. (ALTENHOFEN e MARGOTTI 2011, p. 297)

O status de língua minoritária ou majoritária não é atribuído exclusivamente ao número de falantes, mas ao status social que é designado a determinada variedade. Atribui-se alto status às línguas cujos grupos apresentam maior poder econômico e social.

Indivíduos que dominam esta variedade, se apoderam deste "capital linguístico", terão mais propensão à mobilidade social. Neste panorama, está a clara evidência de que o status é uma consequência do poder, e não uma causa. (BOURDIEU e PASSERON 1990 apud GIBBONS e RAMIREZ 2004).

Apresentados os conceitos de Língua, Dialeto, Variedade, Variante, Língua Materna, de Imigração, Majoritária e Minoritária, trataremos agora do contexto que permite tal diversidade: bilinguismo e multilinguismo.

3.4 Multilinguismo e Bilinguismo

Segundo Clyne (1998), o termo multilinguismo refere-se à competência de uso de mais de uma língua por um indivíduo, ou à situação linguística de uma sociedade. No entanto, ao nível individual, normalmente emprega-se o termo "*bilingualism*". No nível social, o autor apresenta uma distinção entre bilinguismo oficial e de fato, e para ilustrar tais situações, exemplifica com a realidade da Suíça e Canadá:

Por exemplo, a Suíça é oficialmente uma nação multilíngue, e tem sido declarada como tal, mas lá, multilinguismo é baseado no princípio territorial. Enquanto documentos públicos para a nação inteira são em Francês, Alemão e Italiano, a maioria das pessoas crescem monolingualmente em uma área que tipicamente tem uma língua oficial. Canadá é oficialmente uma região bilíngue porque inglês e francês são consagrados na Constituição Canadense como línguas oficiais, mas a maioria dos Canadenses ainda tem contato regular (fora da escola) com apenas uma delas. Além do mais, há muitas outras línguas usadas no Canadá hoje - mais de uma centena de línguas de herança, trazidas para o Canadá por grupos de imigrantes, algumas delas mantidas por diversas gerações, e concentradas em áreas particulares, assim como as línguas indígenas dos índios e dos *Inuit* (Eskimos). Assim, o Canada, enquanto nação oficialmente bilíngue, é de fato uma nação multilíngue. (CLYNE, 2008)²⁷

²⁷No original: For instance, Switzerland is an officially multilingual nation in that it has been declared such, but there, multilingualism is based on a territorial principle. While public documents for the entire nation are in French, German, and Italian, most people grow up monolingually in a canton which typically has one official language. Canada is officially a bilingual nation because English and French are enshrined in the Canadian Constitution as the official languages, but most Canadians still have regular (nonschool) contact with only one of these. Moreover, there are many other languages used in Canada today - over a hundred heritage languages brought to Canada by immigrant groups, some of them maintained for several generations and concentrated in particular areas, as well as the indigenous languages of the Indians and the Inuit (Eskimos). So Canada, while officially a bilingual nation, is a de facto multilingual one.

O bilinguismo é estudado sob vários âmbitos; é pesquisado psicologicamente, sociologicamente, linguisticamente e educacionalmente. Estas esferas que o constituem, desenham a complexidade dos elementos envolvidos ao se tratar o fenômeno do bilinguismo e línguas em contato.

Psicologicamente, pode-se pensar o bilinguismo no sentido de compreender cognitivamente o processo da aquisição de mais de uma língua, suas representações e habilidades desenvolvidas, pois "do ponto de vista do indivíduo, as duas línguas são dois tipos de atividade nas quais os mesmos órgãos são empregados"²⁸ (WEINREICH, 1979).

Sociologicamente, o bilinguismo pode ser estudado pelo viés da sociologia das línguas que enfoca a relação de alguns grupos sociais com determinada variedade. Análises desta natureza revelam relações de poder, pois observa-se nas línguas relações de hegemonia, prestígio ou estigmatização que tem suas bases constituídas na estrutura social. Para Baker (2011, p.374), bilinguismo "é também estudado na relação entre poder e sistemas políticos"²⁹

No âmbito dos sistemas linguísticos são enfocados diferentes aspectos nas pesquisas, como os contatos entre línguas, processos de empréstimos, nivelamento dialetal, code-mixing e code-switching, para citar alguns.

Educacionalmente, discussões são levantadas acerca dos benefícios de uma educação bilíngue, são feitos registros de localidades que fomentam a manutenção de diferentes variedades, incluindo as minoritárias, e regiões que percorrem em direção ao caminho oposto.

Todas estas faces constituem o panorama em que se configura a temática do bilinguismo. Para Heye, (2003, p. 229), "a relevância do bilinguismo é sugerida pela vasta literatura existente [...] investigações acerca do tema, realizados sob diferentes enfoques, se apresentam como contribuições isoladas de determinadas disciplinas ou áreas específicas de estudo, de acordo com o objeto de seu interesse particular". Porém, por mais que tenham vertentes oriundas de diferentes campos epistemológicos (psicologia, sociologia, linguística e educação) elas não são tratadas de forma isolada, pois se interinfluenciam, se complementam. Este aspecto é reforçado por Mackey (1968:583 apud Romaine 1995, p. 7) ao enfatizar a "[...] inter-disciplinariedade da natureza do campo do

²⁸No original: From the point of view of the individual, the two languages are two types of activity in which the same organs are employed.

²⁹ No original: [...]is also studied in relationship to power and political systems.

bilinguismo quando afirma que não pode ser descrito dentro da ciência da linguística"³⁰.

Para Mackey (1972):

Bilinguismo não pode ser descrito dentro da ciência da linguística; deve ir além. A linguística tem estado interessada no bilinguismo no sentido de que pudesse ser usado para explicar as mudanças em uma língua, já que língua, não o indivíduo é a preocupação desta ciência. Psicologia tem se preocupado com o bilinguismo comum uma influência nos processos mentais. Sociologia tem tratado o bilinguismo como um elemento em conflito cultural. Pedagogia tem se preocupado com o bilinguismo em conexão com a organização escolar e meio de instrução. Para cada uma destas disciplinas, bilinguismo é incidental, é tratado como um caso especial ou como uma exceção à norma.³¹(MACKEY 1972, p. 583)

Por questões metodológicas, nesta pesquisa não exploraremos todas as faces que englobam a temática do bilinguismo. Nos propomos, apesar da complexidade, apresentar os conceitos de bilinguismo, os critérios considerados ao definir um indivíduo como bilíngue e os diferentes tipos de bilinguismo.

Indivíduos bilíngues constituem uma grande porção da população mundial, em variados países, e felizmente, indistinto de classe social:

Bilíngues estão presentes em todos os países do mundo em cada classe social, e em cada grupo etário. Numericamente, bilíngues e multilíngues são, então, a maioria no mundo: Estima-se que eles constituem entre metade e dois terços da população mundial. (BAKER 2011, p. 66)³²

Em uma análise superficial, parece simples a definição de indivíduo bilíngue: aquele que fala duas línguas. Para Heye (2003, p.229), "se considerarmos bilíngue somente o indivíduo que possui domínio igual e nativo de duas línguas, estaremos por certo excluindo a grande maioria."

Teoricamente, diferentes conceitos do que seria um indivíduo bilíngue já foram apresentados em um movimento cuja direção "alarga" a definição. Para Bloomfield é a

³⁰No original: [...] inter-disciplinary nature of the field of bilingualism when he says that it cannot be described within the science of linguistics

³¹No original: Bilingualism cannot be described within the science of linguistics; it must go beyond. Linguistics has been interested in bilingualism only in so far as it could be used as an explanation for changes in a language, since language, not the individual is the proper concern of this science. Psychology has regarded bilingualism as an influence on mental processes. Sociology has treated bilingualism as an element in culture conflict. Pedagogy has been concerned with bilingualism in connection with school organization and media of instruction. For each of these disciplines bilingualism is incidental; it is treated as a special case or as an exception to the norm.

³²No original: Bilinguals are present in every country of the world, in every social class and in all age groups. Numerically, bilinguals and multilinguals are in the majority in the world: it is estimated that they constitute between half and two thirds of the world's population.

"habilidade de controlar duas línguas como um falante nativo", Mackey compreende o bilinguismo como "o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo" e para Haugen é a habilidade de produzir "declarações completamente compreensíveis em outra língua". (MACKEY, 1972, p. 555).

Definição também ampla é a trazida por Mc Clary (2004) que apresenta indivíduo bilíngue como:

[...] qualquer pessoa que use mais de uma língua para se comunicar, mesmo minimamente. Dessa forma, poderíamos dizer que existem graus de bilinguismo individual. Num extremo estão os bilíngues equilibrados, fluentes nas duas línguas, no outro extremo os bilíngues precários, que sabem falar algumas palavras e expressões suficientes para se fazer entender, e os semibilíngues, que compreendem (ou que lêem) uma segunda língua, mas que não conseguem falá-la. (2004, p.28)

Para Mackey (1972) a ampliação no conceito do que seria um indivíduo bilíngue é devido a arbitrariedade da identificação do ponto em que um indivíduo torna-se bilingue:

Esta ampliação do conceito de bilinguismo é devido à percepção de que o ponto em que um falante de uma segunda língua torna-se bilíngue é arbitrário ou impossível de determinar. Parece óbvio, assim, se estudamos o fenômeno do bilinguismo, somos forçados a considerá-lo como algo inteiramente relativo. (MACKEY 1972, p. 555)³³

Os estudos sobre bilinguismo reforçam que para compreendermos alguns fenômenos acerca da língua e seus usos, se faz necessário lançarmos um olhar externo ao sistema linguístico, pois: o bilinguismo não é um fenômeno da língua, mas uma característica de seu uso, uma prática linguística que varia em grau, função, alternância e interferência. O grau é o quanto um indivíduo domina uma língua, a função é para que ele a usa, a alternância é a extensão em que alterna entre uma variedade e outra, e a interferência é o quanto é capaz de usar as línguas separadamente, e o quanto as mistura. (MACKEY 1972).

Diferentes são os contextos e formas de aquisição de duas ou mais línguas por um indivíduo. Dependendo da ordem de aprendizado "Há um número de possíveis rotas envolvidas na aquisição bilíngue: por exemplo, crianças podem adquirir mais de uma

³³Esta ampliação do conceito de bilinguismo é devido à percepção de que o ponto em que um falante de uma segunda língua torna-se bilingue é arbitrário ou impossível de determinar. Parece óbvio, assim, se estudamos o fenômeno do bilinguismo, somos forçados a considerá-lo como algo inteiramente relativo.

língua mais ou menos simultaneamente, ou elas podem adquirir uma das línguas antes das outras, isto é; consecutivamente ou sucessivamente.³⁴(ROMAINE 1995, p. 181)

Os diferentes contextos de aprendizado "configuram o tipo de bilinguismo do indivíduo". Hamers e Blanc (2003) consideram que por ser o bilinguismo um fenômeno multidimensional, diferentes aspectos o compõe, apresentando seis dimensões de análise: **1) Competência Relativa, 2) Organização Cognitiva, 3) Idade de Aquisição, 4) Presença ou não de indivíduos falantes de L2, 5) Status atribuídos às línguas; 6) Identidade cultural.** E a configuração de bilinguismo consecutivo ou sucessivo mencionadas por Romaine (1995) são apresentadas pelos autores dentro da dimensão 3 (idade de aquisição):

Na bilinguagem infantil, deve-se distinguir: (a) simultâneo quando a criança desenvolve duas ou mais línguas maternas do início do desenvolvimento da linguagem, [...] como por exemplo a criança de uma família com pelo menos duas línguas mistas; e (b) bilinguagem infantil consecutiva quando a criança adquire uma segunda língua cedo na infância mas depois da aquisição, que habilidades linguísticas básicas de sua língua materna tenham sido desenvolvidas. Neste caso e em todos outros casos de bilinguismo consecutivo nos referimos a língua materna como L1 e a segunda língua como L2. (HAMERS & BLANC, 2003 p. 28)³⁵

Outras cinco dimensões, referem-se a questões relacionadas a diferentes aspectos: **1) Grau de bilinguismo (Relative Competence)**, em que o indivíduo pode apresentar um bilinguismo balanceado, ou seja: todas habilidades da língua desenvolvidas de forma balanceada. **2) Cognição (Cognitive Organization)**, em que o bilíngue composto³⁶apresenta um única representação cognitiva para duas traduções equivalente, e o bilíngue coordenado³⁷ desenvolve representações distintas. **3) Idade (Age of acquisition)** já descrita acerca do bilinguismo consecutivo e sucessivo. **4) Presença ou não de falantes na comunidade (Exogenity)** em que no bilinguismo endógeno duas

³⁴ No original: There are a number of possible routes involved in bilingual acquisition: for example, children may acquire more than one language more or less simultaneously, or they may acquire one of the languages before the other, i.e. consecutively or successively.

³⁵In childhood bilinguality one must distinguish: (a) simultaneous early or infant bilinguality when the child develops two mother tongues from the onset of language, [...] as for example the child of a mixed-lingual family; and (b) consecutive childhood bilinguality when he acquires a second language early in childhood but after the basic linguistic acquisition of his mother tongue has been achieved. In this case and in all other cases of consecutive bilingual acquisition we refer to the mother tongue as L1 and to the second language as L2.

³⁶Romaine (1995) In compound bilingualism the person learns the two languages in the same context, where they are used concurrently, so that there is a fused representation of the languages in the brain.

³⁷Romaine (1995) For the compound bilingual the languages are interdependent, whereas for the coordinate bilingual, they are independent.

línguas são usadas como nativas, e no bilinguismo exógeno uma das línguas é oficial mas não é utilizada com propósitos institucionais. **5) Status (Social Cultural Status)** relacionado ao Status atribuído às línguas na comunidade. **6) Identidade Cultural (Cultural identity)**, os indivíduos bilíngues podem ser classificados em (biculturais, monoculturais, aculturais e desculturais) em termos de identidade, sendo bicultural o indivíduo que se identifica com a cultura das duas línguas, monocultural o que se reconhece com a cultura de um dos grupos apenas, acultural o que renuncia a identidade cultural da L1 e adere à cultura da L2, e descultural quando o indivíduo desiste de sua identidade cultural, mas não assume ou falha ao reconhecer-se com a cultura do grupo falante de sua outra língua.

Dimensões acerca do bilinguismo também são apresentadas por Baker (2011). Além de reforçar os aspectos elucidados por Hamers e Blanc (2003), o autor acrescenta duas dimensões, e estas relacionadas a elucidar a distinção entre bilíngues passivos e ativos, bem como a decisão dos indivíduos em escolher a língua desejada a aprender. (Bilinguismo Eletivo)

Para Baker (2011), os bilíngues podem ser analisados em oito dimensões que se sobrepõem: **1) Habilidade:** há bilíngues com competência produtiva (fala e escrita) e outros são bilíngues passivos, e tem habilidades receptivas mais desenvolvidas (compreensão ou leitura). **2) Uso:** também definida por Mackey como função, que reflete os contextos de uso da língua. **3) Balanço de duas línguas:** um bilíngue ou multilíngue dificilmente terá o mesmo nível de domínio em todas as habilidades de todas suas línguas; **4) Idade:** quando uma criança aprende duas línguas desde o nascimento ocorre o bilinguismo simultâneo, e se aprender depois dos três anos, será bilíngue consecutivo ou sequencial; **5) Desenvolvimento:** é dividido em incipiente (uma habilidade bem desenvolvida, e as outras nos estágios iniciais) e bilinguismo ascendente e recessivo que representam o oposto, no primeiro a fluência cresce, e no segundo quando uma língua está decrescendo; **6) Cultura:** o bilíngue pode ser monocultural, bicultural (conhecimento da língua e cultura, sentimentos e atitudes em relação às duas línguas) ou passar por um processo de aculturação, situação de imigrantes que aprendem a língua majoritária do novo país; **7) Contexto:** dependendo da configuração linguística da sociedade, pode haver o bilinguismo endógeno (a comunidade usa duas ou mais línguas) e bilinguismo exógeno a comunidade não usa uma segunda língua que o indivíduo possui. **8) Bilinguismo Eletivo:** contrapõe-se ao bilinguismo circunstancial, pois os indivíduos

escolhem aprender uma língua (em contexto educacional geralmente uma língua majoritária como Inglês, Francês, Alemão...).

Diante do que foi exposto, há vários enfoques na conceitualização de bilinguismo, e diversas nuances envolvidas nos processos de aquisição e de uso da língua. Para este trabalho, consideramos bilíngues indivíduos que possuem pelo menos uma das quatro habilidades no idioma (leitura, escrita, fala ou audição). Isto inclui pessoas que são capazes de ouvir, entender uma língua mas que não a falem. Este posicionamento é congruente à afirmação de MACNAMARA, (1967 apud HAMERS e BLANC, 2006) que propõe que: " bilíngue é alguém que possui uma competência mínima em apenas uma das habilidades da língua, compreensão auditiva, fala, leitura e escrita em uma outra língua que não seja sua língua mãe"³⁸

Contextos sociais em que há o uso de mais de uma variedade por sujeitos bilíngues pertencentes a uma mesma localidade, podem gerar situações diglósicas, tema que abordaremos a seguir.

3.5 Diglossia

Como mencionado anteriormente, além das línguas indígenas, africanas, e de imigrantes europeus e asiáticos, atualmente o Brasil tem recebido imigrantes (haitianos e senegaleses, por exemplo) que trazem em suas bagagens culturais as variedades de seus países de origem. Assim, este mosaico linguístico fez com que em muitas comunidades a língua portuguesa coexistisse com suas próprias variedades, e com outras línguas, constituindo comunidades diglósicas. Ferguson (1974) descreveu diglossia em termos de variedades de uma mesma língua (dialetos) existindo em uma mesma área geográfica. Distinguiu entre variedades H (High status) e L (Low status) refletindo as relações de status e prestígio das variedades em um dado contexto social. Sendo o que também tratamos como variedade majoritária e minoritária. Fishman (1967), estendeu este conceito para dois ou mais dialetos que não necessariamente sejam de uma mesma língua, e que existem lado a lado em uma mesma comunidade. A noção de bilinguismo caminha lado a lado com a noção de diglossia. Inicialmente diglossia foi

³⁸No original: [...]bilingual is anyone who possesses a minimal competence in only one of the foreign language skills, listening comprehension, speaking, reading and writing, in a language other than his mother tongue".

apresentada por Ferguson (1974) como um aspecto que ocorria dentro de uma mesma língua, na variação de uso da fala e da escrita:

A diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir uma língua padrão ou standards regionais, há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (frequentemente gramaticamente mais completa), veículo de uma considerável parte da literatura escrita, seja de um período anterior ou pertencente a outra comunidade linguística, que se aprende em sua maior parte através de um ensino formal, este usa em forma oral ou escrita para muitos fins formais, mas que não é empregada por nenhum setor da comunidade para a conversação comum. (FERGUSON, 1974, p. 260)³⁹

Fishman (1967) apresenta quatro situações que podem se configurar na relação destes dois aspectos. A primeira é **Individual bilingualism and diglossia** (indivíduo bilíngue e diglossia), em que em uma dada comunidade os indivíduos são capazes de usar tanto a variedade Alta (H) quanto Baixa (L), normalmente as empregando para funções específicas. A segunda é **Diglossia without bilingualism**, (diglossia sem bilinguismo) em que haverá duas línguas em uma certa área, e um grupo falará uma língua e o outro grupo uma variedade diferente. A terceira é **Bilingualism without diglossia**, (bilinguismo sem diglossia) em que a maior parte dos indivíduos são bilíngues e não restringem as funções das línguas, que podem ser usadas para qualquer função. A quarta retrata uma realidade em que não há nem um e nem outro: **Neither Bilingualism nor Diglossia**, (nem bilinguismo, nem diglossia) situação em que uma sociedade passou por processo de mudança e substituição linguística e línguas foram "extintas".

Em comunidades que usam mais de uma língua, podemos encontrar situações de fomento a pluralidade que resulta em manutenção linguística ou situações de substituição, que leva a perda de patrimônio linguístico. Manutenção e substituição linguística serão tratadas no item a seguir.

³⁹No original: La diglosia es una situación linguística relativamente estable en la cual, además de los dialectos primarios de la lengua (que puede incluir una lengua estándar o estándares regionales) hay una variedad superpuesta, muy divergente, altamente codificada (a menudo gramaticalmente más compleja) vehículo de una considerable parte de la literatura escrita ya sea de un periodo anterior o perteneciente a otra comunidad lingüística, que se aprende en su mayor parte a través de una enseñanza formal y se usa en forma oral o escrita para muchos fines formales, pero que no es empleada por ningún sector de la comunidad para la conversación ordinaria.

3.6 Manutenção e Substituição Linguística

A faculdade da linguagem é uma das mais fascinantes habilidades humanas, e nas línguas, uma das formas de expressão desta competência, está um repositório da cultura e história das comunidades e povos falantes de uma variedade sem prestígio. Quando uma língua se extingue, perde-se uma fonte de conhecimentos, pois muitas vezes são variedades ágrafas, sem registro documental. Não há na literatura um consenso acerca do número exato de línguas faladas no mundo atualmente. Mackey (1991) sugere 6170 línguas vivas, Moseley e Asher (1994) aproximadamente 5900, a UNESCO de 6.000 a 6.700 línguas (apud BAKER, 2011). O site da Ethnologue - Languages of the world (2017) estima que haja mais de 7000. Conforme publicação deste site, "É difícil encontrar clareza em um oceano de mais de 7.000 línguas."⁴⁰

Para Baker (2011, p. 43), esta variação na estimativa do número ocorre pela dificuldade em definir o quanto uma língua é diferente de um dialeto (suas fronteiras que definem o ponto em que são duas línguas diferentes) e em obter-se informação abrangente sobre línguas em regiões vastas como África, América do Sul e Ásia. Baker, então conclui afirmando que há aproximadamente 6.000 línguas no mundo hoje. Estes dados refletem a dificuldade em chegar-se a um número exato, ou manter o número atualizado, pois há línguas que possuem pouquíssimo falantes, e quando o último indivíduo morre, a língua morre com ele. A exemplo, Duarte (2016) ao apresentar a diversidade linguística no Brasil e a situação das línguas ameríndias (aquelas faladas por primitivos habitantes da América e seus descendentes) aponta que a Língua **Aurê-Aurá**, do tronco linguístico Tupi-Guaraní tem número estimado de 2 falantes, localizados no Maranhão, e da variedade **Jumá**, do mesmo tronco linguístico, restam ainda 4 falantes localizados no Amazonas.

Independente do cenário em que as línguas surgem, o número de línguas faladas vêm ao longo da história reduzindo, iniciando na pré-história quando passamos de caçadores a agricultores, e as poucas milhares de línguas faladas atualmente, são "remanescentes de uma piscina de línguas que já foi anteriormente muito mais rica, e o

⁴⁰No original: It is hard to find clarity in a sea of more than 7,000 languages".

encolhimento da diversidade linguística tem se acelerado durante os últimos milênios de anos." ⁴¹ (BREZINGER 2007).

Ravindranath (2009) define Language shift como "o processo pelo qual uma comunidade de fala em uma situação de contato (consistindo de falantes bilíngues) gradualmente para de usar uma de suas línguas em favor da outra." ⁴² Para Fishman

O estudo de manutenção linguística ou substituição linguística está relacionada com a relação mudança e estabilidade do uso habitual da linguagem por um lado, e processos culturais, sociais e psicológicos por outro, quando populações que diferem em suas línguas estão em contato uma com outra. ⁴³ (FISHMAN 1963, p.32)

Os fatores de substituição linguística são sociais, e pesquisas têm focado nas atitudes dos falantes, domínios de uso das línguas na comunidade, bem como outros aspectos. A relação entre manutenção e substituição não é simplesmente uma questão bipolar de sim e não (GIBBONS; RAMIREZ 2004). Em certas comunidades há bilíngues e multilíngues em que há forças de tensão entre estes dois polos, devido a fenômenos de esferas psicológicas e sociais que refletem nas escolhas linguísticas dos falantes. Muitas vezes, a imagem veiculada de uma nação uma língua, ou o desconhecimento dos benefícios de preservação de variedades dialetais fazem com que patrimônios linguísticos e culturais se percam ao passar das gerações.

[...] A questão da manutenção de uma língua minoritária não é uma simples questão bipolar entre sim e não. Uma compreensão maior de manutenção e substituição de línguas minoritárias requer um exame do grau de manutenção e grau de aquisição de vários elementos de proficiência, incluindo língua falada habilidades de letramento básicas, gramática e registro na forma culta. ⁴⁴ (GIBBONS e RAMIREZ 2011, p.1)

Muitas vezes, os fatores que levam a não transmissão e consequente manutenção de uma variedade estão relacionados a mitos envolvendo "danos" cognitivos durante o

⁴¹ No original: remaining of a once much richer pool of languages, and the shrinking of language diversity has accelerated during the last few thousand years.

⁴²No original: the process by which a speech community in a contact situation (i.e. consisting of bilingual speakers) gradually stops using one of its two languages in favor of the other".the process by which a speech community in a contact situation (i.e. consisting of bilingual speakers) gradually stops using one of its two languages in favor of the other".

⁴³No original The study of language maintenance or language shift is concerned with the relationship between change or stability in habitual language use on th one hand, and ongoing psychological, social or cultural processes on the other hand, when populations differing in language are in contact with each othe

⁴⁴[...] The issue of maintenance of minority language is not a simple yes-no polar issue. A more nuanced understanding of minority language maintenace and shift requires the examination of the degree of acquisition of various elements of proficiency, including spoken language, basic literacy skills, grammar and high register

processo de aquisição bilíngue, ou as atitudes linguísticas, em relação a uma variedade não considerada prestigiosa, e que por isso, não promoverá mobilidade social e econômica para o indivíduo.

Porém, muitos são os benefícios da manutenção de variedades minoritárias e o estímulo à educação de crianças bilíngues ou multilíngues. Baker (2011, p. 45) cita como alguns argumentos favoráveis à manutenção a importância da preservação da diversidade, o quanto a língua está relacionada a questões identitárias dos grupos, o como são repositórios de história e cultura, contribuindo para a soma e crescimento do conhecimento da humanidade, além de serem as línguas interessantes por si mesmas.

Ramirez e Gibbons (2004) listam vários benefícios na esfera individual (flexibilidade cognitiva, oportunidades de viagem e trabalho...), familiar (estreitamento de laços e contato familiar), comunitário (manutenção da comunidade e orgulho) e nacional (bilíngues fluentes culturalmente conscientes e contatos com outras nações).

Krauss (2007, p. 1) propõe um esquema em que apresenta os níveis de vitalidade das línguas, em que entre os extremos de estável (stable) e extinta (extinct) há outros quatro apresentados no quadro a seguir:

		Preservada	a+	
		Estável	a-	Todos falam, inclusive crianças
A M E A Ç A D A	E M D E C L Í N I O	Instável	a	Algumas crianças falam, todas crianças falam em alguns lugares
		Definitivamente em perigo	b	Faladas apenas a partir da geração dos pais
		Severamente em perigo	c	Falada apenas a partir da geração dos avós
		Criticamente em perigo	d	Falada apenas por poucos, e geração dos bisavós
		EXTINTA		AUSÊNCIA DE FALANTES

Quadro 2: Níveis de vitalidade das línguas Fonte: KRAUSS (2007) Traduzida por Bernieri (2017)

O autor classifica como preservadas as línguas que não estão só sendo aprendidas como língua materna, mas que predizemos que estarão sendo aprendidas no futuro também, ao longo de pelo menos um século. São designadas extintas línguas que não se falam mais ou até são potencialmente faladas (lembradas), ou que nenhuma

documentação possa ser obtida. "Entre preservadas e extintas está o espectro inteiro de línguas ameaçadas, provavelmente 95% das 6.000".⁴⁵(KRAUSS, 2007).

O termo "*ameaçada*", vem de uma analogia da biologia, usado para referir-se às espécies em perigo de extinção. Fishman (2006, p. 421) elucida esta aproximação ao escrever que "[...] línguas permanecem expostas à lei Darwiniana da selva linguística: as fortes sobrevivem e, em competição com as fortes, as fracas morrem."⁴⁶

A temática da manutenção normalmente é trazida às comunidades quando uma língua está "encolhendo", recolhendo seu uso do meio social para o lar e deixando de ser usada com o passar das gerações. Trabalhar a conscientização da importância e benefícios do bilinguismo, da diversidade, e preconceitos linguísticos pode evitar o processo de substituição, promovendo a manutenção e revitalização de uma língua. Revitalização é definida por Fishman (2006, p. 425) como "[...] o ponto do total do status de planejamento do campo linguístico que devota-se a melhorar as circunstâncias sociolinguísticas de línguas que sofrem de balanço negativo prolongado de usuários e usos".⁴⁷

O bilinguismo, e o trabalho em prol a sua manutenção, especialmente quando uma das variedades for minoritária, engloba muitos aspectos de natureza social, contatual e atitudinal, preenchidas por muitos fatores particulares a cada comunidade que interagem de forma complexa. Por isso, projetos de intervenção para defesa da manutenção e revitalização de uma língua requerem atenção personalizada a cada espaço social, respeitando suas particularidades.

É magnificante aos olhos de um linguista as minúcias que advém dos contatos linguísticos. Através da bilinguagem do indivíduo, do multilinguismo social, e até mesmo das comunidades multilíngues em processo de substituição, há muitos fenômenos que precisam ser cientificamente compreendidos, para que possamos transpor barreiras de preconceito para com as variedades e seus falantes. Dois elementos que são fortemente difundidos no senso comum, oriundos dos contatos linguísticos, e que produzem julgamentos equivocados e consequentes crenças e atitudes de desprestígio, são o *Code-mixing* e *Code-switching*, que apresentaremos a seguir.

⁴⁵Between safe and extinct is the entire spectrum of endangered languages, probably 95% of the 6,000.

⁴⁶[...] No original: languages remain exposed to the Darwinian law of the linguistic jungle: the strong survive and, in competition with the strong, the weak die off".

⁴⁷ [...] the corner of the total field of language status planning that is devoted to improving the sociolinguistic circumstances of languages that suffer from a prolonged negative balance of users and uses."

3.7 Code-mixing e Code-switching

Pela língua exceder a mera função de transmitir uma mensagem de cunho denotativo, há em sua natureza múltiplos aspectos a serem analisados. Eles emergem à medida que ocorre a percepção dos desdobramentos que se fazem necessários para uma contínua tentativa de sempre se "dar conta" dos fenômenos linguísticos.

Pelo bilinguismo ser um fenômeno da fala e não do código (Mackey 1972), por um período, na linguística, não se fomentaram pesquisas relacionadas a línguas em contato. Ousamos afirmar que este fenômeno que em muitos, se não a maioria dos locais, é a regra e não a exceção, configura-se em um tripé sustentado por três viés principais de análise: Foco no indivíduo (sua bilinguagem), na comunidade (multilinguismo), ou aos fenômenos que surgem nos códigos linguísticos quando há mais de uma variedade em contato. A área dos contatos linguísticos é pouco estudada pela linguística, em parte porque a maioria das pesquisas é realizada sob uma variedade por vez. (SCOTTON, 2002).

O Brasil é um solo muito fértil para análises deste cunho, visto a diversidade de variedades existentes aqui. Segundo Altenhofen; Margotti (2011, p. 293)

[...] pouca atenção é dada ao papel do contato entre línguas de imigração e o português. [...] "as fontes de estudos sobre bilinguismo e línguas em contato nas regiões de colonização italiana e alemã até o início da década de 1980 são textos sem pretensões acadêmicas [...]" (ALTENHOFEN; MARGOTTI (2011, p, 294).

Atualmente a dialetologia pluridimensional tem impulsionado estudos na área, desvelando fenômenos linguísticos bem como sobre bilinguismo português-línguas minoritárias, ampliando os três direcionamentos citados acima. (Foco no indivíduo e sua bilinguagem, na comunidade multilíngue, e fenômenos que emergem nos códigos linguísticos através dos contatos das línguas dos indivíduos bilíngues, e entre as línguas da comunidade.

No que tange a questões científicas cujo enfoque é o código, o bilinguismo germina múltiplos fenômenos no uso das variedades, como o Code-mixing e Code-switching. Para Thomason (2001, p.132), *code-mixing* é a "mudança de código intrassentencial, quando a mudança acontece dentro da mesma sentença", e *code-switching* "é o uso de material de duas (ou mais) línguas por um único falante na mesma conversa".

Esta definição é reafirmada por outros autores, que apresentam a distinção de ambas estratégias de uso de línguas como sendo *code-mixing* a troca intrassentencial e *code-switching* situações diglósicas, em que um código é empregado por vez. (SINGH 1985:34 apud ROMAINE 2005)

Assim, *Code-mixing* é o misturar de duas línguas dentro de uma mesma estrutura frasal, isto é, intrassentencialmente, enquanto que o *Code-Switching* é o processo de troca entre uma língua e outra, em eventos diferentes de fala, ou estágios estruturalmente identificáveis. Estas estratégias são habilidades intelectuais que requerem competência bilíngue. Acontece quando duas línguas entram em contato pelo mesmo falante. É um mecanismo estruturado em condicionamentos lexicais, sintáticos, sociais e psico-sociais, pois "as várias línguas tem diferentes funções e a escolha da língua a ser usada é determinada de acordo com variáveis sociais". (CLYNE, 2007).

Este ir e vir dos códigos e mistura deles à primeira vista pode ser interpretada como desvios da norma, devido a baixa proficiência linguística. Segundo Trudgill (2000,p.8), estes mecanimos "são frequentemente cosiderados como preguiça, ignorância ou falta de inteligência", porém, ao observarmos a maestria com que o falante bilíngue "administra" os dois códigos, nos convida a analisar e repensar afirmações normalmente oriundas do senso comum, não pautadas em pesquisas linguísticas. Este e tantos outros aspectos originários dos contatos linguísticos reafirmam a importância de pesquisas científicas para ampliar o conhecimento sobre a sujeito bilíngue, sociedade multilíngue e fenômenos oriundos de códigos em contato, salientando que "Bilinguismo é uma complexa interrelação psicológica, linguística e social. (MACKEY, 1972).

Pesquisas linguísticas têm demonstrado que as nuances de uso de *code-mixing* e *switching*, seja de maneira consciente ou inconsciente pelo falante, subjaz diferentes subtipos de *code-mixing*, que segundo Muysken (2007) alguns desses casos de mistura de códigos são possíveis de ser encontrados no contato de diferentes variedades, outros no entanto são bem específicos de algumas determinadas localidades e situações particulares de contatos linguísticos. Porém, como o objetivo do trabalho não é uma análise aprofundada das diferentes tipologias de códigos mistos, por questões metodológicas, não nos cabe aqui uma maior descrição bibliográfica do assunto.

Assim, finalizamos essa breve menção da temática apontando que os processos psicolinguísticos em que a misturas de códigos podem surgir são, segundo Muysken (2007): **a)** no cenário de Manutenção Linguística onde podem ser adicionados itens de um

léxico a outro; **b)** em processo de Substituição Linguística, em que ocorre transferência de elementos de uma língua à outra; **c)** durante a Criação bilíngue, em que corre a junção do léxico de uma língua à gramática de outra; e **d)** na Resistência bilíngue, que é uma massiva reestruturação gramatical sob a influência de uma outra língua.

Muito há a ser apresentado sobre esta temática que traduz a riqueza de possibilidades de uso das variedades por seus falantes. Porém, como já aclarado, por questões metodológicas desta pesquisas, limitamo-nos aqui, tendo apresentado o conceito de code-mixing, code-switching, e situações que estes fenômenos podem surgir. Sem dúvida, um sujeito bilíngue ou multilíngue tem a seu dispor um repertório linguístico para explorar várias formas estilísticas operadas com maestria de forma consciente ou inconsciente.

Uma maior compreensão destes fenômenos, que em algumas ocasiões são considerados "erros", desvios da norma" pelo senso comum podem influenciar positivamente crenças e atitudes linguísticas em relação às variedades, e conseqüentemente em relação aos falantes. A seguir, discorreremos acerca dos conceitos de crenças e atitudes.

3.8 Crenças e Atitudes Linguísticas

Como já exposto, a língua desempenha um importante papel social que transpõe a função de comunicar informações, pois conotações estão entrelaçadas no ir e vir da fala entre locutor e interlocutor, que se configuram pelo que é dito, e também através do "como" os indivíduos falam. Ao conversarmos com um desconhecido, por exemplo, formamos julgamentos sobre a origem da pessoa, o grau de escolaridade, a classe social, não exclusivamente pela sua aparência física, mas também pelo seu repertório linguístico.

Esta percepção acerca do(s) "efeito(s)" do uso da língua é apresentada por Trudgill (2000) ao afirmar que:

[...] onde quer que falemos não podemos evitar de dar aos nossos ouvintes dicas sobre nossas origens e a pessoa que somos. Nosso sotaque e nosso discurso geralmente mostram de onde viemos, e qual tipo de *background* temos. Podemos até mesmo dar alguma indicação de algumas de nossas ideias e atitudes e toda

esta informação pode ser usada pelas pessoas com quem estamos conversando para ajudá-los a formular uma opinião sobre nós. (TRUDGILL 2000, p.2)⁴⁸

Esses juízos subjetivos que se constroem a partir do socioleto ou variedade utilizada por uma pessoa, são importantes para os estudos linguísticos, pois podem explicar crenças, atitudes e comportamentos linguísticos em relação a uma variedade. Estas atitudes, por sua vez, podem desencadear manutenção ou substituição do uso de uma variedade por outra.

Um dos pioneiros a pesquisar a relação entre língua e atitudes linguísticas foi Labov, que realizou na década de 60 um trabalho na ilha de Martha's Vineyard (uma ilha na dos Estados Unidos, no estado de Massachusetts) que no verão era visitada por turistas. Na pesquisa, Labov percebeu que o som de ditongos como */ay/ (light, luz) e /aw/ (house, casa)* apresentavam dois tipos de pronúncia diferentes na ilha; uma pronúncia de baixo prestígio, fora de moda, típica da ilha, e a segunda pronúncia era uma mais recente na ilha, e a mesma encontrada em alguns sotaques de prestígio. Labov (apud Trudgill 2000) percebeu que a forma até então "em desuso" parecia estar em crescimento, tornando-se exagerada e ocorrendo com mais frequência na fala de nativos do local. Observou que esta mudança emergia devido às avaliações subjetivas que os falantes da ilha tinham em relação aos turistas que "invadiam" a ilha, e a marcação deste ditongo tornava-se o elemento divisor entre nativos e visitantes, pois:

Nativos da ilha ressentiram-se com a massiva invasão de turistas e a mudança, e exploração econômica que dela adivinha. Assim, estas pessoas que indentificavam-se com a maneira de viver na ilha começaram a exagerar a pronúncia típica da ilha, para assinalar sua identidade, separação social e cultural, e para destacar suas crenças nos velhos valores. Isto significou que a forma "antiquada" de pronúncia tinha de fato tornado-se mais prevalente entre certos setores da comunidade mais jovem.⁴⁹(TRUDGILL, 2000, p.12)

Assim, as atitudes linguísticas dos nativos da ilha foram "as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado," (TARALLO, 2012, p. 14). Observa-se então que além da língua

⁴⁸[...] for whenever we speak we cannot avoid giving our listeners clues about our origins and the sort of person we are. Our accent and our speech generally show where we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes and all of this information can be used by the people we are speaking with to help them formulate an opinion about us.

⁴⁹No original: Natives of the island had come to resent the mass invasion of outsiders and the change and economic exploitation that go with it. So those people who most closely identified with the island way of life began to exaggerate the typical island pronunciation, in order to signal their separate social and cultural identity, and to underline their belief in the old values. This meant that the "old-fashioned" pronunciation had in fact become most prevalent amongst certain sections of the younger community.

ser um fator importante de identificação identitária, reflete avaliações e atitudes sobre, e por parte de seus falantes. Este aspecto psico-social que pesquisa crenças e atitudes linguísticas, tem chamado a atenção de linguístas, como assinala Vandermeeren (2005 p. 1318) "[...] as últimas décadas testemunharam uma verdadeira explosão de pesquisa (sociolinguística) lidando com atitudes linguísticas."⁵⁰ Chambers (2004, p.7) aponta o quanto as ciências sociais como psicologia, sociologia, antropologia... são relativamente jovens na sociedade, tendo seus inícios efetivos no século XX, enquanto que áreas que não estão ligadas ao estudo envolvendo a condição humana, como álgebra e física tem origens em data muito anterior. À medida que um campo científico se desenvolve, traz contribuições a outras áreas do conhecimento, e foi na sociopsicologia que a linguística buscou fundamentos para nortear estudos de crenças, atitudes e comportamentos linguísticos, pois " Para se obter uma olhar mais aprofundado da mente dos aprendizes, não há forma mais adequada que estudar suas crenças".⁵¹ (HOSSEINI & PORMANDNIA, 2013). Segundo Kaufmann (2011),

Na sociolinguística, atitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja este comportamento vinculado à variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si. (KAUFMANN 2011, p.122)

Os estudos acerca das crenças e atitudes linguísticas vinculados às línguas minoritárias possibilitam uma maior compreensão acerca dos processos de preservação ou substituição de uma variedade, pois segundo Hosseini & Pormandnia (2013, p. 63) "O aprendizado de uma língua é influenciado por uma variedade de fatores. Dois dos mais importantes são as atitudes e percepções dos falantes em relação à língua alvo".⁵²

O Conceito de atitude conota a orientação psicológica de uma pessoa em vez da física (LASAGABASTER, 2004). Dentro do contexto social em que um indivíduo cresce, ele desenvolve atitudes em relação às pessoas e objetos de maneira geral. Estas atitudes podem ser positivas ou negativas, e podem levar o indivíduo a cultivar hábitos, como o de manter uma variedade minoritária ou não. As atitudes são "construções psicológicas", sentimentos que as pessoas nutrem acerca de um objeto, no caso da linguística, a investigação está na esfera destes sentimentos em relação à língua. Importante ressaltar

⁵⁰No original [...] the last decades witnessed a true explosion of (sociolinguistics) research dealing with language attitudes.

⁵¹No original: In order to get a deeper insight to the mind of language learners, there is no more certain way than to study their beliefs"

⁵²No original learning a language is influenced by a variety of factors. Two of the most important of which are the learner's attitude and perception toward the target language.

que as atitudes são aprendidas, (LASAGABASTER 2004) assim, família e escola contribuem significativamente no fomento das atitudes de um indivíduo em relação a uma língua, e principalmente, ao grupo que utiliza determinada variedade, pois as atitudes frente a uma variedade refletem as atitudes frente a seus falantes, é uma correlação convencional, pois como claramente expressa Trudgill (2000):

Todas variedades de uma língua são estruturadas, complexas, sistemas governados por regras, que são totalmente adequados para as necessidades de seus falantes. Não há nada herdado em variedades não padrões que as tornam inferiores. Uma aparente inferioridade é devido somente a suas associações aos falantes de classes menos privilegiadas, grupos de baixo-status social. Em outras palavras, atitudes em relação a dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social da sociedade. Da mesma forma, valores sociais podem também ser refletidos em julgamentos que concernem variedades linguísticas. (TRUDGILL, 2000, p. 8)⁵³

As atitudes são ajustadas pelo indivíduo de acordo com o grupo ao qual se identifica ou deseja pertencer. (LE PAGE 1968 e LE PAGE e TABOURET-KELLER 1985 apud HAMERS; BLANC, 2004). São uma propensão a um comportamento pautado em crenças construídas pelo indivíduo em relação à língua e às pessoas, através de fatores ambientais, relações sociais como escola, família, profissão, classe social, religião, para citar alguns.

Para Petty e Cacioppo (1996, p.7), é amplamente difundido e acordado entre psicólogos sociais que o termo atitude "deveria ser usado para referir-se ao sentimento geral sobre alguma pessoa, objeto ou assunto".⁵⁴ Para Shelly e Chaiken (1993, p. 1 apud Petty e Cacioppo 1996, p.4) "atitude é uma tendência psicológica que é expressada ao avaliar-se uma entidade particular com algum grau a favor ou em desfavor".⁵⁵ Aspecto que também é reforçado por Botassini (2011, p. 70 apud López Morales, 2004) "as atitudes só podem ser positivas de aceitação, ou negativas, de rejeição; uma atitude nunca pode ser neutra. Já as crenças podem estar integradas por elementos cognitivos e afetivos".

⁵³All varieties of a language are structured, complex, rule-governed systems which are wholly adequate for the needs of their speakers. It follows that value judgments concerning the correctness and purity of linguistic varieties are social rather than linguistic. There is nothing at all inherent in nonstandard varieties which makes them inferior. An apparent inferiority is due only to their association with speakers from underprivileged, low-status groups. In other words, attitudes towards nonstandard dialects are attitudes which reflect the social structure of society. In the same way, societal values may also be reflected in judgements concerning linguistic varieties.

⁵⁴No original: "should be used to refer to a general and enduring positive or negative feeling about some person, object, or issue".

⁵⁵No original: attitude is a psychological tendency that is expressed by evaluating a particular entity with some degree of favor or disfavor"

Nos estudos sobre atitudes, há duas abordagens, uma considerada mentalista e uma segunda considerada comportamental. Kaufmann elucida a compreensão entre crença e atitude ao apresentar a abordagem mentalista das atitudes, em que são apresentados os três componentes internos que a constituem:

A componente cognitiva, refletindo convicções e crenças sobre o objeto da atitude; a componente afetiva, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e a componente conativa, na qual "crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas. (KAUFMANN 2011, p. 122)

Na abordagem mentalista, atitudes são um estado criado através de estímulos ambientais que podem mediar a prontidão de repostas e ação do indivíduo, ou seja; uma possibilidade de prever um comportamento. Na abordagem comportamental, segundo Fasold (1984, apud Parianou 2009),

"atitudes podem ser encontradas nas simples respostas que as pessoas dão nas situações sociais, que implicam em comportamento. Este tipo de comportamento é muito mais fácil de ser observado e analisado, mas não pode ser usado para prever outros tipos de comportamentos" (FASOLD 1984, p. 147 apud Parianou 2009)⁵⁶

Deste modo, ao comparar-se a abordagem mentalista e comportamental, o ponto central de divergência é que a primeira é pensada a partir do pensamento do indivíduo em direção ao seu comportamento, e a segunda do comportamento para seu pensamento. Enquanto o componente cognitivo e afetivo que compõem as atitudes na abordagem mentalista podem prever um comportamento, na abordagem comportamental as atitudes são vistas como resposta a situações específicas, e não podem prever outros tipos de comportamento.

Assim, na abordagem mentalista atitudes podem ser inferidas, e são uma previsão do comportamento, de acordo com Oskamp (1991 apud LASAGABASTER, 2004, p. 401) atitudes são "uma preparação para comportamento, uma predisposição para responder de um modo particular ao objeto da atitude."⁵⁷

Porém, é preciso ressaltar que algumas vezes o que as pessoas dizem não corresponde a seu comportamento. Além da incongruência entre o que um informante pode dizer e o que realmente faz, pode ocorrer, durante a entrevista, um maior

⁵⁶No original: "attitudes are to be found simply in the responses people make to social situations, which implies overt behavior. This kind of behaviour is much easier to observe and analyse, but it cannot be used to predict other kinds of behaviour.

⁵⁷No original: a preparation for behavior, a predisposition to respond in a particular way to the attitude object".

"monitoramento" do informante em relação a sua fala, ou uma inibição diante de uma situação de entrevista, apontados por Labov (2008) como "Paradoxo do Observador".

Em uma entrevista de coleta de dados, poderá ocorrer a situação em que para oferecer uma resposta que o informante suponha ser a "esperada pelo inquiridor" não seja verdadeiramente honesto ao responder, ocasionando uma incongruência entre crenças/attitudes e comportamento. É o que ressalta Lasagabaster (2004):

Embora seja geralmente levado como certo que attitudes predizem o comportamento social (Eiser 1995), parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas attitudes expressas) e o que elas fazem (seus reais comportamentos), apesar do fato de sabermos que nossas attitudes deveriam ajudar os outros a predizerem nosso comportamento. (LASAGABASTER, 2004 p.401).⁵⁸

Kaufmann (2011, p. 122) assinala que attitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou as variedades em si. Porém, ressalta que "para prever um único comportamento temos que avaliar a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, e não sua atitude em relação à meta para o qual o seu comportamento é direcionado" (KAUFMANN 2011). Neste sentido, além do questionário de pesquisa, a observação participante e registro em caderno de campo contribuem para uma melhor compreensão das attitudes e sua relação com o comportamento dos indivíduos de uma comunidade de fala.

Para Preston (2004, p. 40), "é também claro que a língua tem uma vida própria, e que nossa compreensão sobre as crenças das pessoas sobre vários aspectos da língua em si desempenham um importante papel na compreensão dos fundamentos das attitudes linguísticas."⁵⁹

A perspectiva que traz estímulo aos que trabalham em defesa de línguas minoritárias, é que por serem aprendidas, e estarem diretamente vinculadas ao sistema de crenças de um indivíduo, as attitudes podem ser efêmeras ou duradouras, ou seja; podem se transformar ou permanecerem imutáveis. Por serem dispositivos adquiridos através da educação familiar, escolar e relações sociais, projetos de conscientização

⁵⁸No original: Although it is usually taken for granted that attitudes predict social behaviour (Eiser 1995), there seems to be a gap between what people say (their expressed attitudes) and what they do (their actual behavior), despite the fact that knowing our attitudes should help others predict our behaviour.

⁵⁹No original: it is also clear that language has a life of his own and that our understanding of folk belief about various aspects of language itself also plays an important role in understanding the foundations for language attitudes"

linguística podem remodelar atitudes e contribuir positivamente no fomento à preservação linguística de variedades minoritárias.

Ao refletir-se sobre a relação entre língua(s), crenças e atitudes, torna-se clarividente a polissemia que cada indivíduo intrinsecamente carrega em relação a distintas línguas, e esta perspectiva abre um leque para menção da relação entre língua e identidade que esboçaremos a seguir.

3.9 Relação entre língua e identidade

Considerando que a ligação entre língua e identidade é frequentemente tão forte que uma única característica da linguagem é suficiente para identificar o pertencimento de alguém a um dado grupo (TABOURET-KELLER, 1998), torna-se indispensável nesta pesquisa, o dialogismo entre língua e identidade. A inevitabilidade de arrolar esta questão no presente trabalho, reside no cerne que o constitui: crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias de dois grupos étnicos distintos: teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros.

O escopo da discussão deste tema aqui não é cobrir de forma abrangente e plena esta relação, ou apresentar a complexidade e até arbitrariedade da definição de identidade, mas sim, firmar a relação desta com a língua de uma comunidade.

Neste trabalho, adotamos o conceito de identidade étnica com a definição apresentada por Frosi (2013, p.105) que a descreve como "[...] alteridade, ou seja, um grupo étnico se institui como tal por um conjunto de elementos definidores que o distingue de outros grupos". Assim, segundo a autora:

[...] é bastante comum que o entendimento de identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de um sistema específico de cultura, representado por sua vez por uma língua ou por um dialeto comuns e vigentes entre membros de um grupo étnico. (FROSI, 2013, p.104).

Santana (2012, p.49) reforça o papel da língua na constituição identitária de um grupo ao afirmar que "sabe-se que a língua é um dos traços culturais adquiridos em virtude de um indivíduo integrar um dado grupo social ou comunidade linguística", e por isso, o autor complementa afirmando que "[...] muito se tem a explorar no que diz respeito à relação entre cultura e língua, em face da construção de uma identidade cultural".

Esta relação de língua e identidade complexifica-se quando está inserida em um contexto de sujeitos bilíngues cuja comunidade a que pertencem, nem sempre coincide, em sua totalidade, com sua comunidade de fala de língua minoritária. "As relações entre bilinguagem, escolha linguística e identidade cultural são muito complexas e dependem de múltiplos fatores". (HAMERS & BLANC, 2004, p.211). Para os autores, evidências empíricas apontam que experiência bilíngue na infância, influencia o desenvolvimento da identidade etnolinguística, e que crianças bilíngues tendem a desenvolver uma identidade bicultural e percepções étnicas positivas.

Segundo Hamers & Blanc (2012), diversos estudos mencionam a ligação entre proficiência linguística e identidade:

Em um amplo estudo com mais de 5000 jovens de diversos grupos de imigrantes e refugiados na Califórnia e na Flórida (mexicanos, cubanos, nicaraguenses, colombianos, haitianos, jamaicanos, indianos do oeste, filipinos, vietnamitas, cambojanos e outros asiáticos) Rumbaut (1994) descobriu que adolescentes que preferem inglês são mais fluentes em inglês que na língua de seus países de origem, e tendem a se definirem mais como Americanos e menos em termos de seus grupos étnicos de origem; controversalmente, aqueles mais fluentes na língua de seus países de origem étnica, se identificavam mais com aqueles países, e não como americanos. Os bilíngues fluentes - aqueles que mantinham alto nível de proficiência tanto em inglês quando na língua de herança étnica, identificavam-se como "*hyphenated Americans*" (americano-mexicano, por exemplo). Rumbaut associa isto com uma forma aditiva de identidade étnica que inclui identificação plural. (HAMERS & BLANC, 2012, p.218).

Assim, evidencia-se a ligação entre língua, (bilinguismo) e identidade. Para Araújo; Queirós e Bueno (2012), "a língua é um instrumento de fala, no entanto, o seu uso representa também um veículo identitário". Segundo Frosi (2013), "a língua é o símbolo por excelência da etnicidade": a língua dá conta da paternidade (cultura que é herdada em família), expressa o patrimônio (legado recebido pela coletividade) e sustenta a fenomenologia (significado que atribuímos à paternidade). Isto ocorre por a língua ser "um transmissor de cultura, e além disso, é a principal ferramenta de internalização da cultura pelo indivíduo". (HAMER & BLANC, 2004, p. 199).

Várias são as pesquisas e autores que reforçam a relação entre língua e identidade, segundo Le Page (1980, apud Araujo; Queirós e Bueno 2012):

todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade, e as escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza associado às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala [...]. (ARAUJO; QUEIRÓS e BUENO, 2012, p.5)

Esta citação ilustra a complexidade de fatores psicológicos e sociais que enredam a ligação entre língua e identidade. Por questões metodológicas, como já explicado anteriormente, não nos cabe no momento um maior aprofundamento desta questão. Levantamos a temática com a intenção de emergir e firmar a relação entre língua e identidade que ocorre em dois sentidos, apresentados por Keller (2007): a língua vista como um fator de comportamento externo, que permite identificar e relacionar um falante a determinado grupo, ou um meio de o indivíduo se autoidentificar como pertencente a determinada comunidade.

Assim, dentro dos diferentes aspectos que constituem a identidade de um indivíduo está(ão) sua(s) língua(s), "pois a identidade de um indivíduo tem vínculos com suas línguas e com o sentimento de pertença a determinado grupo humano [...] A identidade, em última instância, não existe a priori, é formada e definida historicamente e é plural". (FROSI 2013).

É interessante observar a diversidade de elementos sociais, psicológicos e linguísticos que constituem a temática do bilinguismo e as línguas em contato. Porém neste trabalho elencamos alguns pontos que emergirão no capítulo de análise de dados coletados a partir de entrevistas com bilíngues. Nas entrevistas, um dos aspectos levantados foi o conhecimento dos informantes em relação aos termos de parentesco nas variedades minoritárias, razão pela qual dicorremos sobre o assunto no item a seguir.

3.10 Termos de Parentesco

Os termos de parentesco refletem sua significância social ao pensarmos que "em todas as sociedades humanas, os indivíduos recebem os primeiros elementos do seu estatuto e da sua identidade social através do parentesco". (GHASARIAN, 1996, p.11). Estes termos estão presentes na vida dos seres humanos em suas relações sociais, pois elas se estruturam nas relações familiares. Para Ghasarian, (1996, p.11) "a organização do parentesco coincide com a organização social, econômica e política" e "uma pessoa sem parentes não tem posição social".

Bourguignon (1989 apud Horst 2011) esclarece que a origem dos termos de parentesco é oriunda da criação humana, com fundamentos na organização social existente anterior ao homo-sapiens, presentes entre primatas. Na pré história havia uma estrutura "rudimentar" que se desenvolveu ao longo do processo de evolução.

Inicialmente as relações eram baseadas pela idade e pelo sexo: o mais velho detinha poder sobre o grupo e as mulheres do bando. Através do surgimento dos códigos linguísticos, sistemas simbólicos se desencadearam, e no final da época pré-histórica, as relações internas entre membros dos bandos de homínídeos passaram a ser nomeadas.

As relações de parentesco desencadearam-se de uma base denominada ego que desenvolve três tipos de relações biológicas: 1) Relação de sexualidade (marido e mulher) 2) relação de descendência (pais e filhos) e 3) relação de fraternidade e coletividade (irmão e irmã) LEVI STRAUSS (1982[1949]).

As diferentes gerações são observadas a partir do parentesco sanguíneo. Segundo Horst (2011, p.25): [...] a geração 0 é a do ego e a partir dela pode haver ascendência e descendência. Por exemplo: G-3= bisneto(a), G-2= neto(a), G-1= filho(a), G-0 =eu/irmão(ã), G+1 = pai/mãe, G+2+ avô/(ó), G+3= bisavô(ó).

Quanto à classificação, Ghasarian (1996) categoriza os termos: Real (sanguíneo) Fictício (adoção) e Relações de aliança. Batalha (1995) utiliza os termos Filiação para traduzir a relação consanguínea, e Afinidade para as relações estabelecidas através de dois grupos distintos, através do casamento, que une não apenas duas pessoas, mas duas famílias.

Além do parentesco sanguíneo e de aliança, a vida religiosa agregou novos termos de parentesco instituídos no século VI através dos sacramentos da igreja, quando se definiu que "pais naturais não podiam ser pais espirituais" (GHASARIAN, 1996, p. 162). Neste contexto, dentro do parentesco fictício, está uma categoria denominada de parentesco espiritual, que são padrinhos, madrinhas, afilhados e compadres que se dão no momento do batismo e da confirmação (GOLDSCHMIDT, 2004 apud HORST 2011, p.30). Os padrinhos serão os pais espirituais dos afilhados, assumindo a responsabilidade de tomar conta da criança em caso de falecimento dos pais (GHASARIAN 1996). Segundo Fukui (1979, apud Horst 2011):

Com o sistema do batismo, geram-se dois sistemas de relações, o do apadrinhamento (relação de padrinhos/madrinhas e afilhados/afilhadas) e o do compadrio (relação dos padrinhos/madrinhas com os pais de seus afilhados/afilhadas). Significativo de observar que em inglês *padrinho* e *madrinha* são chamados "*god parents*". (HORST, 2011, p.30)

Atualmente, há nas famílias estruturas variadas, mas estas ainda são comparadas com estruturas mais históricas. Por exemplo, os papéis de pai e mãe permanecem,

embora sejam exercidos por outros parentes como pela madrasta. (WEHRMANN 2016). Atualmente tem aumentado o número de uniões consensuais em detrimento ao casamento oficial, o que eleva as famílias do tipo recomposta, que são famílias "saídas de uniões sucessivas, e que integra pais, filhos, padrastos, enteados, avós, irmãos e meio-irmãos". (HORST 2011).

Assim como Horst (2011), e a pesquisa de Wehrmann (2016) mencionada no capítulo de introdução, outras pesquisas já foram realizadas e estão sendo desenvolvidas trazendo a questão dos termos de parentesco. No oeste catarinense, desde 2015, tem-se desenvolvidos estudos sobre bilinguismo e línguas em contato na região, com o propósito de mapear uma parte do grande e variado mosaico linguístico brasileiro. A seguir, apresentamos o trabalho que foi realizado na região acerca deste tema até o momento.

3.11 Pesquisas da área - Recorte do Oeste de Santa Catarina

A temática "línguas minoritárias" tem recebido atenção através de pesquisas científicas, e ações de organizações que trabalham no registro e reconhecimento do patrimônio linguístico brasileiro. Neste sentido, duas organizações recebem destaque: **IPOL** (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, e **IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que protege e promove os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

Muito haveria para se discorrer sobre a significância e o trabalho destas instituições, porém, focaremos a partir de agora, na apresentação de pesquisas sobre contatos linguísticos realizadas no oeste catarinense, pois pesquisas já realizadas na região apresentam o fenômeno de línguas de imigração em contato com a língua portuguesa local. Trazemos a seguir estas pesquisas com o intuito de compreender o estado de arte no que se refere aos contatos linguísticos e variedades minoritárias no oeste catarinense.

O grupo de pesquisa Atlas das Línguas em Contato na Fronteira - Oeste Catarinense (ALCF-OC) da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, desenvolveu, a partir de 2015, pesquisas acerca de variedades de alemão, italiano, polonês e variedades indígenas na região.

Bortolotto (2015) desenvolveu a pesquisa intitulada "O Talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó-SC e Pato Branco-PR: Manutenção e Substituição dos Termos de Parentesco. O trabalho, orientado pelos preceitos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, descreveu a manutenção e substituição do fenômeno lexical (termos de parentesco sanguíneo, espiritual e aliança) considerando as dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diafásica. Os resultados (análise de respostas espontâneas de questionário lexical) apontaram para 30% de manutenção das variantes *talian* em Chapecó, e 28% em Pato Branco.

Wolschick (2016) e Wehrmann (2016) pesquisaram situações de bilinguismo português/alemão. Wolschick (2016) descreveu aspectos do bilinguismo nas cidades de Mondaí e São João do Oeste/SC. Segundo a pesquisadora:

A análise dos dados da pesquisa levou-nos a constatar que 100% dos informantes de Mondaí e São João do Oeste se consideram bilíngues e que 37.5% dos informantes de Mondaí e São João do Oeste são bilíngues simultâneos, e 62.50% dos informantes de Mondaí e São João do Oeste são bilíngues consecutivos, aprenderam primeiro o alemão. No que concerne às funções para que os informantes usam as suas línguas, constatou-se que a comunidade de São João do Oeste possibilita mais áreas de contato do que a comunidade de Mondaí, onde predomina o português. Também foi possível constatar que as mulheres estão mais propensas à substituição linguística em favor da língua majoritária, o que parecer ser verdadeiro também para a classe alta. (WOLSCHICK 2016)

Wehrmann (2016) analisou a situação do alemão nas cidades de (Tunápolis e Cunha-Porã), através do viés da dimensão diarreligiosa, e segundo dados empíricos, quando comparados católicos a luteranos, são os luteranos que mais mantêm os termos de parentesco em alemão. Observa-se, deste modo, a influência da igreja a favor da manutenção de uma língua minoritária, pois enquanto para católicos o alemão é uma língua para comunicação (a base da confessionalidade é o latim), para os luteranos, além de um instrumento de comunicação, o alemão é um símbolo religioso, visto que foi para o alemão que Martinho Lutero traduziu a bíblia.

Wepik (2017) pesquisou "Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Área/RS e Nova Erechim/SC: O uso dos termos de parentesco. A autora descreveu e analisou crenças linguísticas de indivíduos bilíngues em relação ao polonês local, ou seja, suas percepções e convicções, e relacionou-as com atitudes expressas por estes indivíduos. A análise dos dados mostrou que a língua minoritária é mantida pela Cb (Classe baixa) e pela GII (Geração II). A GI apresenta uma considerável substituição do

Polonês pelo Português Riograndense, indicando uma perda do Polonês, quanto ao uso dos termos de parentesco. Áurea e Nova Erechim apresentam 36% de manutenção do Polonês, sendo que em Áurea a língua ainda é usada em alguns contextos sociais, além do familiar, enquanto que, em Nova Erechim/SC, a mesma é usada principalmente na família. Os informantes, em sua maioria, manifestaram crenças positivas em relação ao Polonês, mas estão cientes do pouco uso da mesma, fato perceptível nas atitudes dos informantes.

Além destes estudos, outras dissertações já foram produzidas, em que se pesquisou o contato português-ucraniano e português-línguas indígenas, e integram o banco de dados do ALCF. Os trabalhos Bortolotto (2015), Wolschick (2016) Wehrmann (2016) e Wepik (2017) foram sustentados pelos princípios teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional. Isso traz a possibilidade de comparação entre as pesquisas. Aparte de suas inúmeras particularidades e especificidades é interessante observar que as pesquisas convergem no sentido de que as variedades de imigração presentes nas localidades são essencialmente orais, (a maioria dos informantes não leem ou escrevem na língua minoritária) e o uso da língua é menor entre informantes da Ca (classe alta): "[...]percebemos que é somente a CbGII que ainda usa a língua fluentemente e consegue se comunicar em Polonês. Quanto a leitura, nenhum informante conseguiu ler, visto que o Pol. é uma variedade oral e não possui grafia". (WEPIK, 2017). Wolschick (2016) afirma que "[...] o grau de bilinguismo da células CaGII é mais elevado que o das outras, pois esses informantes possuem certo conhecimento da escrita Hochdeutsch e também da leitura, além da competência oral e auditiva." Porém, a autora esclarece que por mais que o grau de bilinguismo seja maior entre a CaGII, é a Cb quem mais utiliza o variedade minoritária: "As células que mais usam a língua alemã são as da Cb, sendo os número equilibrados entre as gerações.

Este fenômeno desvela que está na camada normalmente menos prestigiada socialmente (classe baixa, pessoas mais velhas) o maior repositório e riqueza linguística, e que estes são os grupos que teriam muito a contribuir em projetos de revitalização e manutenção de línguas minoritárias. Mas, muitas vezes não tem consciência do tesouro que possuem, por isso precisamos dar muita atenção a este grupo, pois enquanto uma parte da população se sente linguisticamente superior, uma outra grande parcela se sente inferior e não consegue lutar pela manutenção de sua língua materna, por exemplo, por ser a língua de uso familiar.

No que se refere a pesquisas já realizadas nas duas localidades, encontramos, até o momento de desenvolvimento deste trabalho, uma pesquisa realizada por Mahl (2015) que analisa a manutenção e substituição da variedade linguística alemã em São Carlos considerando os termos de parentesco espirituais. A pesquisadora conclui que nos informantes da localidade, há uma maior manutenção do que substituição dos termos de parentesco de tipo espiritual, e quase todos os termos foram, se não proferidos, ao menos reconhecidos pelos informantes. No entanto, em Coronel Freitas, não foram encontradas pesquisas de cunho linguístico.

Além desta pesquisa vir a preencher a lacuna que há nestas localidades, ela é inovadora na dimensão dialingual por relacionar, além do português local, duas variedades minoritárias distintas (Alemão e Italiano), pois a maioria dos trabalhos realizados na região oeste focam-se em uma única variedade.

Como mencionado, estas pesquisas convergem na diretriz teórico-metodológica que as orientam: Preceitos da Dialetologia Pluridimensional, que elucidaremos a seguir.

3.12 Prelúdio dos estudos da Diversidade Linguística

A língua é um dos elementos nucleares nas relações humanas, e tem uma natureza dinâmica que reflete em seus usos mudanças e reconfigurações da estrutura social. Segundo Rodrigues (2004, p.11), "Não há língua que seja, em toda a sua amplitude, um sistema uno, invariado, rígido". A língua é um sistema dinâmico que reflete sua vivacidade no intervalo entre a "normatização" de sua estrutura e o uso, a forma com que os indivíduos "servem-se dela". Assim, uma língua (variedade) erradia diferentes variantes. Para Rodrigues, (2004):

Na realidade, toda língua, quer sirva a uma grande nação consideravelmente extensa e muito diferenciada cultural e socialmente, quer pertença a uma pequena comunidade isolada de apenas poucas dezenas de indivíduos, é um complexo de variedades, um conglomerado de variantes. (RODRIGUES, 2004, p.11)

Deste modo, um espaço geográfico que compartilha uma "única língua" é inundado por variantes, variações oriundas das nuances em seus usos, culminando em dialetos regionais, sociais, étnicos etc. Grandiosa também é a riqueza de um espaço que reflete esta realidade com a adição de mais línguas, em contextos bilíngues e multilíngues.

A realidade linguística brasileira encaixa-se neste cenário. Se a pensarmos como um painel, a paisagem que constitui o cenário das línguas no Brasil, é uma obra

incompleta, que foi e é pintada em muitas cores e formas, e por mais que tenha havido iniciativas de torná-lo "monocromático", a diversidade permanece.

A diversidade linguística (dentro de uma mesma língua e em relação a várias línguas compartilhando um mesmo espaço geográfico) está no DNA Brasileiro, assim como de muitas (se não todas) as nações. Porém, "O biliguismo frequentemente está relacionado a uma minoria (língua minoritária) que se encontra entre uma maioria (língua majoritária)" (WOLSCHICK, 2016, p. 13).

A partir da percepção e consciência da existência da diversidade em relação às línguas e seus usos, iniciou-se os estudos dialetológicos, que nasceu primeiramente com a dialetologia monodimensional (também denominada de geolinguística) e continua se desenvolvendo em simultaneidade com a Sociolinguística e Dialetologia Pluridimensional.

Estes três campos da linguística (Geolinguística, Sociolinguística e Dialetologia Pluridimensional) investigam a língua contemplando a oralidade, e consequente diversidade que dela germina. Para compreendermos o prelúdio destes campos científicos, relataremos, sumariamente, os aspectos que incitaram os estudos abarcados por eles. Todavia esclarecemos que não se resumem a "diferentes metodologias de coleta de dados", e sim, preceitos teóricos desenvolvidos através de observações geográfico-sociais do uso das línguas e suas variedades dialetais em comunidades. A partir destas observações, as teorias propõem encaminhamentos metodológicos para cobrir a multiplicidade e complexidade de aspectos observados nas comunidades de fala.⁶⁰

O estruturalista e pai da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, apresentou aspectos acerca da língua e da linguagem que impulsionaram os estudos linguísticos, e contribuíram para o reconhecimento da linguística como campo científico. Ao definir língua, Saussure (2006, p.17) apresentou-a como "um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos", definição que Whitney apud Culler (1979, p.59) reforça ao afirmar que "A Língua é, de fato, uma instituição fundamentada na convenção social, um corpo de usos predominantes numa determinada comunidade, um tesouro de formas, cada uma das quais é um signo arbitrário e convencional".

⁶⁰ [...] os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real (LABOV, 2008 [1972], p. 225)

Dentre as demais contribuições de Saussure, publicadas no início do século XX com o lançamento do livro "Curso de Linguística Geral", está a distinção entre *langue* e *parole*, isto é, língua e fala. Saussure considerou a língua a parte social da linguagem, externa ao indivíduo, e que não pode ser modificada "em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" e a fala, um ato individual (SAUSSURE, 2006, p.22). Por estar interessado nas relações internas do sistema, e considerar a língua como uma estrutura homogênea, Saussure, em seus fundamentos sobre linguística, publicados no século XX, focou suas análises na língua, deixando os aprofundamentos teóricos acerca da fala em suspenso naquele momento. Porém, pesquisas considerando a fala iniciaram-se anteriormente, no século XIX, através dos estudos dialetológicos, que veremos a seguir.

3.12.1 Dialetoлогия Tradicional

Diferentemente da corrente estruturalista, a Dialetoлогия Tradicional, Pluridimensional e a Sociolinguística, direcionaram seus estudos à fala. Em sua gênese, a dialetoлогия buscava registrar as características de fala em diferentes áreas geográficas e documentar os diferentes estágios da língua. Segundo Cardoso (2001), o contexto que germinou os estudos dialetológicos foi...

No século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua. (CARDOSO, 2001, p.1)

Assim, no século XIX, analisavam-se os dialetos. Para Altenhofen (2006, p.159) "o dialeto, alvo principal da pesquisa, era visto como uma espécie de remanescente vivo de eras passadas, (um *Stammdialekt*) e, portanto, um depositário valioso de informações acerca de estágios mais antigos da língua e de seus falantes em uma determinada área ou nação".

Cardoso (2001, p. 2) destaca que a dialetoлогия "vem a ter dois marcos que imprimem as primeiras, e principais diretrizes para trabalho de tal natureza: o levantamento de dados da realidade alemã feito por Wenker e a recolha sistemática para o Atlas Linguistique de la France (ALF), obra de Gilliéron e Edmont". Wenker (1852-1911)

fez levantamento de dados fonéticos de diferentes regiões da Alemanha, através de questionários enviados a professores e religiosos da extensa área rural estudada. Em seu trabalho, 44.251 repostas foram coletadas em 40.736 localidades, abrangendo boa extensão do território do país. Deste levantamento, um capítulo foi publicado em 1881. Gilliéron (1854-1926) iniciou em 1887 a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), tarefa que levou quatro anos e meio. Foram selecionadas 639 localidades da França, incluindo aldeias da Bélgica e Suíça. Na pesquisa, não foram incluídas as regiões cujas línguas não eram românicas. Houve um único inquiridor em todas as localidades, e buscou-se no projeto de desenvolvimento do Atlas, variantes fonéticas, elementos lexicais (expressões populares, eruditas) e aspectos morfológicos. O *Atlas Linguistique de la France* foi publicado em Paris entre os anos de 1902 e 1910.

De origem grega, a palavra *diálektos* significa "modo de falar", observando-se assim a integração da *parole* às pesquisas linguísticas já no século XIX, anterior ao reconhecimento "oficial" da linguística como campo científico.

A dialetologia tradicional é monodimensional, ou seja; limita-se à territorialidade, considerando exclusivamente as diferenças linguísticas entre diferentes espaços geográficos. Segundo Mouton (1996), as principais críticas feitas à geolinguística são:

Pesquisa-se apenas alguns pontos determinados, não todo o território. Se interroga habitualmente a um informante por localidade, o que exclui a possibilidade de observar processos em curso (crianças, jovens, etc.); Um atlas responde a um momento dado (uma sincronia combinada) e não a um recorte anterior ou posterior; O questionário impõe uma formalidade relativa na relação entre inquiridor e informante; A mecânica pergunta-resposta só pode obter uma resposta concreta, mas faz perder-se sinônimos, vozes afetivas, etc. Um questionário não escolhe todo o léxico, nem pode dar uma imagem perfeita da fonética, morfologia, e muito menos da sintaxe; Um atlas somente investiga o nível que representa um informante rural, de certa idade, pouca instrução, do lugar. (MOUTON, 1996, p.76)⁶¹

Assim, a dialetologia tradicional ignora variáveis extralinguísticas, desconsiderando "um objeto digno de estudos e a possibilitar a análise de dados relativamente homogêneos e não excessivamente numerosos" (THUN, 2009, p. 535).

⁶¹ No original: Se encuesta solo unos puntos determinados, no todo el territorio. Se interroga habitualmente a un informante por localidad, lo que excluye la posibilidad de observar procesos en marcha (niños, jóvenes, etc.); Un atlas responde a un momento dado (una sincronía convenida) y no a un corte anterior o posterior; El cuestionario impone una relativa formalidad en la relación entre encuestador e informante; La mecánica pregunta-respuesta suele obtener un sola respuesta, concreta pero hace perder sinónimos parciales, voces afectivas, etc. Un cuestionario no recoge todo el léxico, ni puede dar una imagen perfecta de la fonética, la morfología y, meno aún, de la sintaxis; Un atlas sólo investiga el nivel que representa un informante rural, de cierta edad, poca instrucción, del lugar.

É compreensível o desenvolvimento desta perspectiva científica quando pensamos em seu berço de fomento, o século XIX, em que as pessoas viviam em comunidades mais isoladas pela vida mais rural, restritas condições de mobilidade e meios de comunicação, geograficamente "preservando" mais diferenças regionais. Thun (2005) afirma que:

[...] foi o afastamento da burguesia do mundo rural que causou nos dialetólogos acadêmicos do século passado a ilusão de uma uniformidade da vida e cultura dos camponeses a qual amolda como síntese e peça de conservação de museu, o atlas linguístico estritamente diatópico. (THUN 2005, p. 63-64)

A partir das críticas à dialetologia monodimensional, que por buscar os "dialetos puros" selecionava para informantes, "anciões de nível sociocultural baixo, habitando em zonas rurais, com restrito movimento no espaço e com pouco contato com os de fora."⁶² (THUN, 1998, p. 702) surge na década de 60, a Sociolinguística, assuntos que trataremos a seguir, no próximo tópico.

3.12.2 Sociolinguística

A Sociolinguística emerge em um momento em que se percebeu que o perfil de informantes da dialetologia tradicional encontravam-se em um "mundo rural em vias de desaparecimento, e a exclusão das mulheres, dos jovens, das camadas sociais não camponesas, etc." (THUN, 2009, p. 534). Buscando o registro da variação linguística, a sociolinguística afasta-se da dialetologia tradicional ao introduzir variáveis extralinguísticas (informantes de diferentes idades, gêneros, classes sociais, etc.), para observar diferentes fenômenos de variações em um mesmo espaço geográfico.

Diferente da dialetologia tradicional, a sociolinguística não está interessada em apenas documentar as diferentes formas de linguagem, mas quer responder perguntas de como, e quem usa as diferentes formas de línguas ou variedades; com quem usam; se estão conscientes de suas escolhas; por que algumas formas da língua superam outras; que tipo de informação social atribuímos às diferentes formas, para citar algumas de suas perguntas de pesquisa. (MEYERHOFF, 2011)

⁶² No original: ancianos, de nivel sociocultural bajo, habitando zonas rurales, con restringido movimiento en el espacio y con pocos contactos con los de afuera"

Assim, a sociolinguística, através do desenvolvimento de seus métodos de coleta e análise, agrega o fator social aos estudos linguísticos. Por terem como base a relação entre a língua e a sociedade, a Sociologia da Linguagem e a Sociolinguística podem ser equivocadamente consideradas sinônimas. Esta distinção é esclarecida por Elia (1987) ao apresentar que:

Talvez pudéssemos ver na Sociologia da Linguagem uma inclinação para estudar a incidência do fator social sobre as línguas como um todo organizado, o que levaria, na prática científica, ao estudo do contato de línguas (empréstimos, línguas mistas, falares crioulos, bilinguismo). [...] Por seu turno, a Sociolinguística buscaria surpreender as relações entre estrutura linguística e estrutura social, ou melhor, as relações entre o fator social e organização linguística, mas dentro de um ponto de vista interno. Isto é, não se trata de contato de línguas, mas de diferenciação linguística dentro de uma só língua atribuível a causalidade social (níveis culturais da mesma língua, línguas especiais e gírias) (ELIA 1987. p. 21)

Neste sentido, a principal diferenciação entre sociolinguística e sociologia da linguagem é o foco do investigador: língua ou sociedade. Para Hudson (1980 apud Elia 1987, p.20) "A diferença entre Sociolinguística e Sociologia da Linguagem é em grande parte de ênfase, conforme o investigador esteja mais interessado na linguagem ou na sociedade." Tarallo (2012, p.78), define Sociologia da linguagem como "área de investigação interessada no valor e função da língua no meio social".

Enquanto a dialetologia tradicional é, segundo Altenhofen (2005, p. 161) "disciplina que só descreve a variação diatópica horizontal (dialectologia = geolinguística), sem se preocupar com a variação local nos diferentes extratos sociais", a sociolinguística ao inserir fatores extralinguísticos não foca essencialmente na diatopia.

Concedeu-se assim, abertura de caminhos para se pensar os estudos dialetológicos de uma forma diferente; partindo do monodimensional, cujo foco são variações diatópicas, para o pluridimensional, agregando variáveis sociais, advindas de contribuições de pesquisas sociolinguísticas. Chambers e Trudgill (2004) reforçam a relação da variável geográfica com sociais, ao apresentarem que:

Ao mesmo tempo que a dialetologia estava começando a ser influenciada diretamente (se não sutilmente) pela linguística, foi também influenciada diretamente pelas ciências sociais. Alguns dialetólogos começaram a reconhecer que a dimensão espacial da variação linguística tinha sido concentrada na exclusão da dimensão social. Para alguns, isto foi sentido como uma deficiência,

considerando que a variação social na língua é uma variação regional penetrante e importante. (CHAMBERS E TRUDGILL 2004, p. 45)⁶³

A partir da Dialetologia Tradicional e Sociolinguística, surge a perspectiva teórica da Dialetologia Pluridimensional que busca contemplar as variáveis sociais propostas pela sociolinguística, aos estudos dialetológicos que antes limitavam-se à territorialidade.

3.12.3 Dialetologia Pluridimensional Relacional

Para Cardoso (2001, p. 1), "a dialetologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa indentificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica". Tendo assim, em suas diretrizes, o fenômeno de sua raiz de origem, que são as diferenças espaciais (eixo horizontal) agregado aos fatores sociais extralinguísticos que influenciam o uso de uma língua (eixo vertical).

O princípio da pluralidade inserido na dialetologia agrega à perspectiva diatópica (diferentes pontos geográficos) variáveis da sociolinguística, apresentando e relacionando variações não exclusivamente nos diferentes pontos geográficos, mas dentro de uma mesma comunidade de fala.

Os pressupostos metodológicos da dialetologia pluridimensional combinam a arealidade da dialetologia tradicional com os fatores sociais que orientam as pesquisas sociolinguísticas. Pois, segundo Thun (1998) elas se complementam no sentido que:

A dialetologia areal, monodimensional por tradição majoritária, mas não por necessidade intrínseca é uma sociolinguística (e pragmática) limitada. A sociolinguística, multidimensional por tradição mas relutante ao espaço, é uma dialetologia limitada.⁶⁴

A Dialetologia Pluridimensional pesquisa a língua, incluindo as categorias de espaço e tempo, combinando aspectos sociais. Thun (1998, p. 704) descreve a

⁶³No original: *At the same time that dialectology was beginning to be influenced directly (if only slightly) by linguistics, it was also beginning to be influenced indirectly by the social sciences. Some dialectologists began to recognize that the spatial dimension of linguistic variation had been concentrated on to the exclusion of the social dimension. To some, this was felt to be a deficiency, since social variation in language is a pervasive and important as regional variation.*

⁶⁴No original: *La Dialectología areal, monodimensional por tradición mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, es una sociolinguística (y pragmática) limitada. La Sociolinguística, multi-dimensional por tradición pero reacia al espacio, es una dialectología limitada.*

dialetologia pluridimensional como [...] parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado, e falantes por outro lado".⁶⁵

O espaço da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos puros da dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolinguística, ela engloba a arealidade da geolinguística, pois realiza estudos em diferentes espaços geográficos, considerando distintos estratos sociais nestes espaços, como idade, gênero, classe social, para citar alguns. A Dialetologia Pluridimensional engloba variáveis que são organizadas em dimensões e parâmetros. Segundo Thun (2010, p.6), "o conceito de variável é dividido em dimensão e parâmetro sendo a dimensão a combinação de dois ou mais parâmetros oposicionais."⁶⁶ Para Thun (1998), a Dialetologia Pluridimensional

[...] Pode ser a geolinguística convertida em dialetologia pluridimensional e relacional. É sua tarefa estender a área (arealizar ou diatopizar) cada um dos parâmetros que distinguem a sociolinguística e outras ciências da língua no eixo vertical e descobrir as relações que existem dentro das áreas paramétricas e entre elas.(THUN, 1998, p. 701)⁶⁷

Esta relação entre os dados, contrastando diferentes áreas geográficas (eixo horizontal, ou dimensão diatópica) e as diferentes dimensões sociolinguísticas (eixo vertical), cria um espaço tridimensional, e oportuniza uma observação mais abrangente e aprofundada, à medida que aumenta os aspectos de análise, pois os dados são coletados de forma plural, e não com um único informante como na geolinguística tradicional que na busca do "dialeto puro" almeja-se o indivíduo mais velho, da zona rural; o "Rural Old Man" (ROM). Pois, para Thun, (2010).

O Informante único por localidade protege, é verdade o geolinguista contra a inundação de dados. Mas considerando que nem todos fatos linguísticos são sempre imediatamente descartáveis ou alcançam o nível do conhecimento consciente, o único informante não pode dar a garantia de que a resposta dada espontaneamente por ele é representativa para sua comunidade inteira (THUN,2010 p. 3)⁶⁸

⁶⁵No original: parte de la ciencia general de la variación linguística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro.

⁶⁶ No original: The concept of "variable is split into "dimension" and "parameters", being the dimension a combination of two or more opositional parameters.

⁶⁷No original: puede ser la geolinguística convertida en dialectología pluridimensional y relacional. Es su tarea extender la área ("arealizar ou diatopizar") cada uno de los parámetros que distinguen la sociolinguística y otras ciencias de la lengua en el eje vertical y descubrir las relaciones que existen dentro de las áreas parmétricas y entre ellas.

⁶⁸No original:The unique informant per locality protects, it is true, the geolinguist against the inundation of data. But since not all linguistic facts are always immediately disposable or reach the level of conscious knowledge, the unique informant can by no means give the guarantee that the answer given spontaneously

A seguir, apresentamos a figura 2 com o esquema que representa o espaço tridimensional criado pela dialetologia pluridimensional e sua natureza relacional entre os pontos geográficos e dimensões sociais, apresentados por Thun (2005):

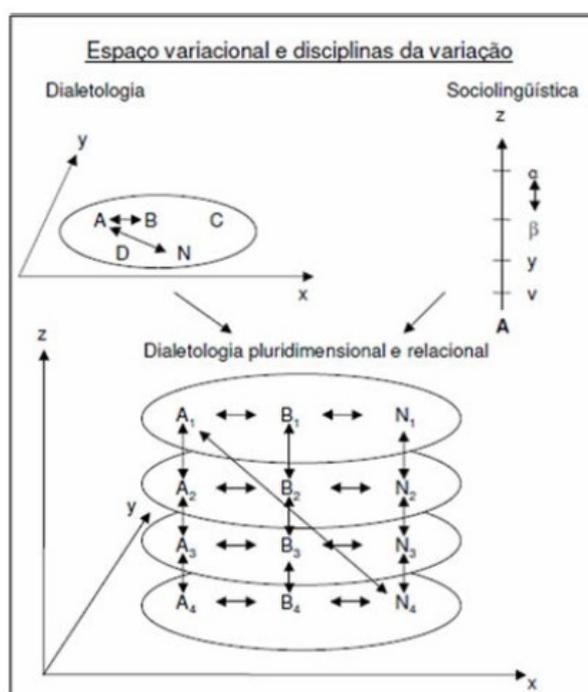


Figura 2: Esquema variacional e disciplinas da variação. Fonte: (THUN, 2005, p.67)

Pelo esquema apresentado, é possível visualizar a dinâmica das relações das diferentes dimensões que são consideradas na geolinguística relacional, pois:

analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também o vínculo entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície ($A_1 \leftrightarrow B_2$ e $A_2 \leftrightarrow B_1$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \leftrightarrow B_2$). (Thun, 2005, p. 68)

Nesta perspectiva, relaciona-se por exemplo, o jovem de classe baixa de um ponto da pesquisa com um jovem de classe alta de outro ponto, criando este sentido tridimensional da pesquisa.

by him is representatie for his whole community.

São campos de interesse as variedades mistas, os fenômenos de contatos linguísticos de línguas de maioria e minoria, formas regionais, variação estilística, comportamento linguístico de grupos em pontos geográficos distintos e crenças metalinguísticas dos falantes comparadas a seus comportamentos linguísticos.

A dialetologia pluridimensional que vai além da forma de registro dos dialetos da Dialetologia Monodimensional, reside na descrição do contexto variacional, ao comparar uma determinada variável na fala de informantes de segmentos sociais distintos, de diferentes idades, graus de escolaridade e localidades. Assim, é uma ciência gerada da variação capaz de prever os rumos da mudança linguística, pois ao selecionar informantes de diferentes gerações, abre a perspectiva de pesquisa através do tempo aparente⁶⁹ adicionando a categoria tempo aos estudos dialetológicos que outrora fixavam-se exclusivamente na categoria espaço.

Além da agregação de dimensões sociais, um outro aspecto ao qual a dialetologia pluridimensional difere da monodimensional é no que se refere ao estilo de resposta admitido. Enquanto que a geolinguística tradicional (monodimensional) aceita unicamente a primeira resposta espontânea, a pluridimensional trabalha com resposta espontânea, por insistência e por sugestão. O método monodimensional, empregado na coleta de dados para o Atlas Linguístico da França, por exemplo, era a captura do modo de falar de uma pessoa como uma fotografia tirada (sem retoques), registrava-se o que era "capturado" uma vez espontaneamente. Segundo Thun (2010),

Metodologicamente concordamos com Gilliéron dando tanta importância para técnica de registro de formas linguísticas comparáveis com a fotografia instantânea. A gravação de qualquer forma linguística individual comparável a uma foto instantânea. Se, de acordo com Gilliéron, retocar é inadmissível quando operados por linguístas nas formas proferidas pelos informantes, diferentemente de Gilliéron, nós não excluímos os retoques dos próprios informantes de seu comportamento espontâneo. Ele pode fazer poses que serão registradas, porque consideramos aquelas atitudes mais formais, como estilos específicos. E à medida que já explicamos, nós não consideramos diferente de Gilliéron apenas a primeira resposta espontânea, e exclusão de qualquer comentário vindo do informante. E também, não ficamos satisfeitos com fotos de um único indivíduo da localidade. (THUN, 2010, p.6)⁷⁰

⁶⁹ O *Tempo aparente*, de acordo com Tarallo (2012) consiste em um recorte transversal da amostra sincrônica em diferentes faixas etárias dos informantes. Nesta pesquisa, o recorte ocorre entre informantes de 18-36 anos (Geração I ou GI) e informantes a partir de 55 anos (Geração II ou GII). O tempo aparente constitui, dessa forma, uma espécie de projeção. Em contrapartida, o *Tempo real* é, segundo Labov (1996) a observação da uma comunidade de fala em dois pontos no tempo. Observação com esta natureza diacrônica pode ser desenvolvida através de comparação com dados atuais e registros antigos de fala de uma comunidade, bem como retornar a uma comunidade, depois de um longo tempo, e repetir um estado, uma pesquisa anteriormente realizada.

⁷⁰No original: Methodologically, we agree with Gilliéron's giving so much importance to technique of registering linguistic forms comparable with photography. The recording of any individual linguistic forms

Deste modo, busca-se também a coleta de diferentes estilos, como leitura, conversa livre e comentários metalinguísticos. Pois, segundo Thun (2009), o método tradicional suprimia

[...] as consequências do contato de variedades que o falante poderia levar para fora de sua memória, e oculta, sobretudo, a existência de variedades regionais da língua comum. Caso não se registre a fala do informante em estilos distintos (variação diafásica), tampouco se pode saber se existe variação entre vários falantes da mesma localidade. (THUN 2009, p.534)

Através da observação de diferentes estilos, abre-se a gama para observação de variedades consideradas padrão e subpadrão em uma comunidade. A pluralidade da nova dialetologia agrega diferentes variáveis divididas entre dimensões e parâmetros, cada dimensão constitui-se através da combinação de dois ou mais parâmetros (THUN 2010). Segundo Thun (2005):

Em relação à pluridimensionalidade, distingue-se entre as dimensões e parâmetros seguintes (sendo a dimensão a relação opositiva, na maioria dos casos binária de parâmetros definitórios como "geração dos jovens", "homens", estilo de leitura etc. (THUN, 2005, p.70)

A seguir, apresentamos a figura 3, ilustrando dimensões e parâmetros abordados pela dialetologia pluridimensional:

comparable with instant photography. The recording of any individual linguistic form must be like a photo. If, according to Gilliéron, retouching is inadmissible when operated by the linguist on the forms uttered by the informant, we do not, unlike Gilliéron, exclude the speaker's own retouching of his spontaneous behaving. He may take poses which will be registered as such because we consider those more formal attitudes as specific styles. And as we already explained, we do not conform to Gilliéron's admitting only one snapshot (the first spontaneous answer) and to his excluding any commentary coming from the informants. Finally, we are not satisfied with the subsequent photos of one individual. by the informant, we do not, unlike Gilliéron, exclude the speaker's own retouching of his spontaneous behaving. He may take poses which will be registered as such because we consider those more formal attitudes as specific styles. And as we already explained, we do not conform to Gilliéron's admitting only one snapshot (the first spontaneous answer) and to his excluding any commentary coming from the informants. Finally, we are not satisfied with the subsequent photos of one individual.

DIMENSÃO		PARÂMETRO	
1.dialingual		Espanhol	
		Português	
2.diatópica		Topostático	
3.diatópica-cinética		Topostático	
		topodinâmico	
4.diastrática		Classe alta	
		Classe baixa	
Diageracional		Geração II	
		Geração I	
6.diassexual		Mulheres	
		Homens	
7.diafásica		R	
		C	
8.diarreferencial		Fala objetiva	
		Fala metalinguística	

Figura 3: Dimensões da Dialectologia Pluridimensional. Fonte: Thun (2005, p.71)

Assim, cada dimensão refere-se a dois ou mais parâmetros: A **Dimensão Dialingual** aborda as diferentes variedades do estudo; **Diatópica** refere-se à(s) localidade(s) da comunidade de fala da pesquisa. Dentro desta dimensão, Thun (1996) evidencia a dimensão ditópico-cinética, em que há informantes de mobilidade estável (topostáticos) e outros de relativa mobilidade (topodinâmicos). A **Diastrática**, é a dimensão concernente às classes sociais; sendo a Classe Baixa (Cb) constituída de informantes que tenham completado no máximo até o ensino médio, e a Classe Alta (Ca) informantes que ingressaram no ensino superior. **Diageracional** tange diferentes faixas etárias: GI (informantes entre 18-36 anos) e GII (informantes a partir de 55 anos). **Diassexual** ou diagenérica refere-se à inclusão de homens e mulheres nos dados para pesquisa. **Dimensão Diafásica** é a consideração da variação estilística nos dados

(leitura, escrita, conversa espontânea, dirigida, por exemplo). A **Dimensão Diarreferencial** abarca os comentários metalinguísticos dos informantes envolvidos na pesquisa, refletindo suas percepções, crenças e atitudes frente às variedades. Há pesquisas que consideram como fator extralinguístico a confessionalidade dos informantes. A partir de Altenhofen (2011, 2013), Horst (2011), Horst e Krug(2012) desenvolveram-se estudos agregando a variável extralinguística religião dos informantes às pesquisas. Segundo Wiese (2005 apud Wehrmann 2016) uma língua e uma religião podem apresentar uma relação circunscrita, pois a língua pode ser considerada um veículo de expressão de fé, assim como o latim era um meio de profissão de fé para católicos, o alemão sucedia-se ou sucede-se para a confessionalidade luterana, por exemplo, desenvolvendo-se, deste modo, a dimensão **Diarreligiosa**.

Face aos objetivos propostos para esta pesquisa, as dimensões que orientaram os critérios de seleção dos informantes são: a) dialingual (bilíngues português-italiano e português-alemão); b) diastrática (classe baixa - informantes com formação média - e classe alta - informantes que ingressaram no ensino superior); c) diageracional (informantes entre 18-36 anos e a partir de 60 anos); d) diassexual (homens e mulheres); e) diarreferencial (respostas objetivas e comentários metalinguísticos);

Uma pesquisa não contemplará, necessariamente, todas as dimensões previamente apresentadas. Segundo Thun, há quatro grupos considerados "*standard*", apresentados graficamente na cruz que apresentamos a seguir, constituída de quatro células, definidas pelo critério diastrático e diageracional (THUN 1998):

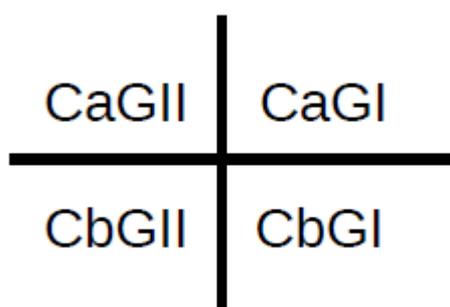


Figura 4: Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais. Fonte: (THUN, 2010, p.709)

Thun (1998) elucida a cruz ao explicar que,

Os dois grupos socioculturalmente altos (Ca= classe alta) ocupam as duas células superiores da cruz, estando as duas células inferiores reservadas aos dois grupos socioculturalmente baixos (Cb= classe baixa). A linha vertical da cruz separa os dois grupos da geração mais velha (GII) dos grupos da geração jovem (GI). (THUN, 1998, p.711)⁷¹

Expostos os preceitos teóricos que direcionam a metodologia de trabalho desta pesquisa, passamos à apresentação dos procedimentos metodológicos de seleção de informantes, coleta, descrição e análise dos dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

⁷¹No original: Los dos grupos socioculturalmente altos (Ca= clase alta) ocupan las dos casillas superiores de la cruz, estando las dos casillas inferiores reservadas a los dos grupos socioculturalmente bajos (Cb= clase baja). El palo vertical de la cruz separa a los grupos de la generación anciana (GII) de los grupos de la generación joven (GI).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta desta pesquisa é relacionar crenças e atitudes de dois grupos de línguas minoritárias (italo-brasileiros e teuto-brasileiros) em Coronel Freitas e São Carlos; duas cidades do Oeste Catarinense, cujas colonização, número de habitantes e base econômica são semelhantes. Busca-se relacionar crenças em relação às línguas minoritárias das localidades, bem como atitudes linguísticas, através de análise de respostas metalinguísticas, e do uso dos termos de parentesco. Objetivamos compreender se crenças e atitudes diferenciam-se entre uma variedade e outra (no caso desta pesquisa, as línguas de imigração italiana e alemã), ou se, independente da variedade, crenças e atitude são desenvolvidas pelos indivíduos das comunidades por serem elas minoritárias dentro de seus contextos.

Como mencionado anteriormente, os preceitos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa estão pautados na dialetologia pluridimensional. Os dados constituíram-se através de entrevistas realizadas com o total de informantes apresentados a seguir:

São Carlos: No total, foram realizadas entrevistas com 8 informantes que responderam ao questionário metalinguístico do ALCF. (O *corpus* do questionário lexical foi extraído do banco de dados do ALMA-H, cujos dados são oriundos de entrevistas com oito informantes de mesmo perfil dos que participaram da pesquisa para crenças linguísticas desenvolvidas para este trabalho)

Coronel Freitas: As entrevistas para coleta de dados foram realizadas através de aplicação do questionário metalinguístico (crenças) e lexical, com a participação de 8 informantes.

Chapecó: As entrevistas foram realizadas com a participação de quatro informantes: docentes, com atual profissional na cidade Neste grupo, que é considerado um grupo de controle, não foi aplicado o questionário lexical, e sim, cinco perguntas oriundas do questionário metalinguístico, também do ALCF.

A seguir, explanaremos os critérios de seleção dos informantes bem como os instrumentos de coleta de dados durante a pesquisa de campo.

4.1 Seleção dos informantes e dimensões analisadas

Os informantes foram selecionados de acordo com os critérios de gênero, faixa etária, classe social (critério de educação formal) e descendência por parte materna e paterna de alemães em São Carlos, e italianos, em Coronel Freitas. Deste modo, as dimensões da pesquisa são, em cada localidade: **diagenérica/diassexual** (quatro homens e quatro mulheres); **diageracional** (quatro informantes da GI entre 18 e 36 anos, e quatro informantes da GII com 55 anos ou mais); **diastrática** (quatro informantes com educação formal até o ensino médio e quatro informantes com ingresso no ensino superior, ou formação completa); e que tenham descendência paterna e materna alemã (em São Carlos) e italiana (em Coronel Freitas) que estejam atualmente morando nestas cidade e que o tempo de permanência no local seja de pelo menos três quartos da vida de cada um deles. A seguir, apresentamos a organização dos 16 informantes, de acordo com os pontos de pesquisa e a organização em Cruz proposta por Thun (1998).

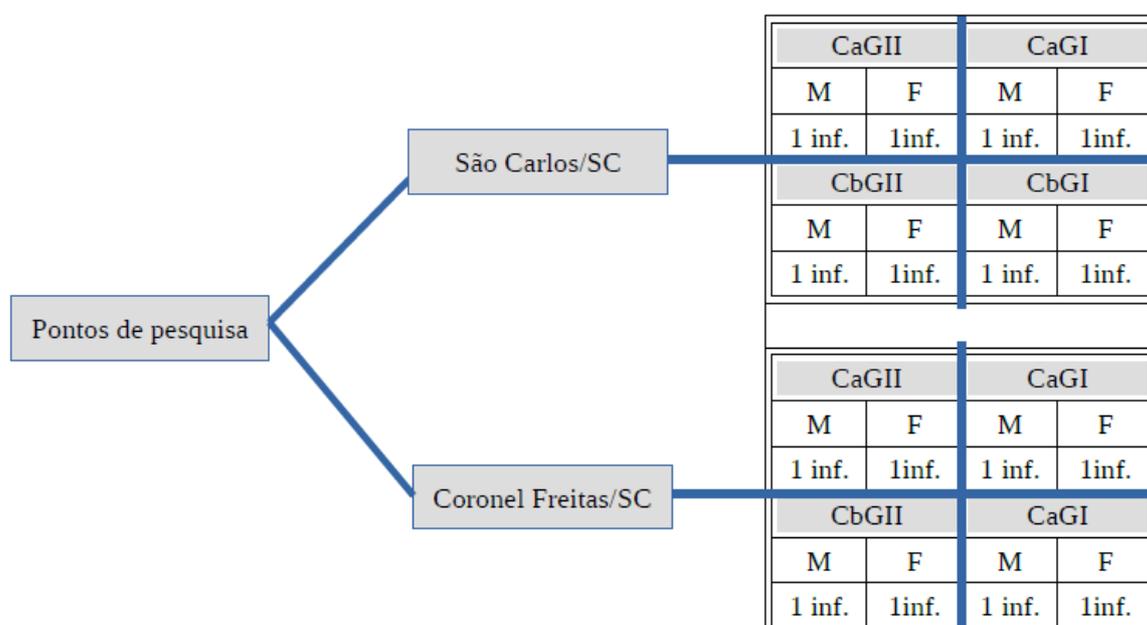


Figura 5: Distribuição dos informantes nos municípios de São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC
 Fonte: Princípio da Pluridimensionalidade (Thun, 1996) adaptado por WEPIK (2017) e BERNIERI (2017)

Além destas células, incluímos um grupo de controle, constituído por docentes. São professores de educação infantil, com formação em pedagogia, residentes em Chapecó, sendo dois deles atuantes na rede privada, e dois da rede pública, que tenham trabalhado com alunos cuja língua materna não era o português.

A seleção dos informantes sucedeu-se através de indicações de conhecidos da pesquisadora nas localidades. Pois, conforme sugere Tarallo (2012, p.27), o pesquisador deve procurar entrar na comunidade através terceiros, ou seja, de pessoas evidentemente já aceitas pela comunidade. Estes conhecidos, indicaram informantes (com perfil orientado pela metodologia). O primeiro contato com os informantes foi realizado por telefone, facebook ou aplicativo *Whats app*, explicando que estávamos buscando voluntários para realização de uma pesquisa sobre colonização alemã e italiana, em especial um registro histórico sobre a língua desses imigrantes. Aos que aceitaram participar, realizamos agendamento de data, local e horário da entrevista. A seguir, apresentamos os instrumentos utilizados para pesquisa.

4.2 Instrumentos de coleta de dados

Os dados para esta pesquisa foram coletados através de entrevistas que foram organizadas em três partes: 1) Conversa semidirigida; 2) Questionário sobre crenças linguísticas; 3) Questionário lexical relacionado à termos de parentesco, (sanguíneo, espiritual e de aliança) e observação participante com registro em caderno de campo.

Os procedimentos de coletas diversificaram-se para que pudéssemos capturar diferenças estilísticas no uso das variedades. A conversa livre, para os que falavam a variedade minoritária e não apenas a compreendiam, foi uma oportunidade de ouvir uma fala mais espontânea. O tema para a conversa foi família e a variedade de imigração, pois "ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, [...] o informante desvencilha-se de qualquer preocupação com a forma". (TARALLO, 2012, p.23)

A segunda parte sucedeu-se através da aplicação de perguntas sobre crenças, que geraram vários comentários metalinguísticos e resultaram em dados qualitativos para análise. Ao total, foram 20 perguntas, sendo 13 delas perguntas fechadas, de respostas objetivas que geraram respostas Ale. / Ita. / Pt. / Sim e Não. As outras 7 perguntas eram de natureza subjetivas, que geravam reflexões metalinguísticas.

As atitudes frente às línguas minoritárias foram levantadas através de uma projeção do quanto os informantes compreendem e as utilizam, mensuradas através do conhecimento e uso de termos lexicais de parentesco. No questionário lexical, utilizamos o seguinte procedimento: Primeiramente, realizávamos com o informante uma pergunta veículo, por exemplo: "*Come ciame la persona che ve ga portá al mondo?*" (Como se chama a pessoa que lhe deu a vida?), e a resposta espontaneamente dita pelo entrevistado era registrada. Em seguida, insistíamos se o informante conhecia ou lembrava de algum outro termo que se referisse à mesma situação, e por último, sugeríamos algumas palavras e lhes perguntávamos se a reconheciam, utilizando, deste modo, a técnica dos três tempos: Respostas **Espontâneas**, por **Insistência** e por **Sugestão**. Houve situações em que palavras não previstas eram manifestadas pelos informantes, e estas também foram registradas e destacamo-nas em negrito.

Os mesmos termos de parentesco foram perguntados aos entrevistados nas duas variedades minoritárias, porém há uma sutil diferença na quantidade de perguntas quando comparamos o alemão ao italiano, pois em italiano há variação de gênero para neto(a), bisneto(a), enteado(a), enquanto que na variedade alemã utiliza-se variantes de um único gênero, e por isso, não perguntou-se duas vezes para coletar opções lexicais no masculino e feminino, como feito para o italiano. Outro aspecto que culminou em diferença numérica de perguntas, é que em italiano se pesquisou os termos "cunhado" e "cunhada", variantes desconhecidas na cultura de teuto-brasileiros. Ressaltamos, no entanto, que esta diferença numérica não implicará em problemas na análise e comparação dos dados, pois serão feitos cálculos de percentuais de respostas espontâneas em português e alemão dos informantes teuto-brasileiros, e separadamente, o mesmo cálculo sob os dados de ítalo-brasileiros. A base que norteia o 100% para este cálculo não é a soma das duas variedades, e sim os dados de cada uma delas separadamente. No próximo capítulo, dedicado à análise dos dados, este cálculo será melhor explicitado para compreensão do leitor.

Em São Carlos, as entrevistas sobre crenças foram realizadas na casa dos informantes, ou em um local público combinado, como a praça. Todas estas entrevistas foram realizadas em dois dias, um dia em maio, e outro em junho de 2017. Os dados lexicais desta localidade foram extraídos do banco de dados do projeto ALMA-H. Em Coronel Freitas, as entrevistas aconteceram nas residências dos informantes, geralmente aos sábados à tarde ou durante a semana, depois das 18h, conforme disponibilidade dos

entrevistados. Em Coronel Freitas, as entrevistas ocorreram entre fevereiro de 2017 e setembro de 2017. Foram coletados dados tanto de crenças quanto atitudes, pois diferentemente do alemão, não havia até então banco de dados sobre esta cidade. Nos dois municípios, algumas entrevistas foram realizadas individualmente, e outras com dois informantes simultâneos, e quando juntos, da mesma classe e geração. Pois segundo os preceitos da Dialetoologia Pluridimensional, ao entrevistarmos dois informantes simultaneamente (um masculino e um feminino) amenizamos o paradoxo do observador.

O registro ocorreu através de um gravador portátil Handy Recorder *H4n*, cuja memória permite gravação por um longo período e facilidade de transferência dos dados para o computador. Logo após as entrevistas, os dados foram armazenados em um notebook, com backup em HD externo.

4.3 Seleção e tratamento dos dados

Após coletados, os dados foram transcritos. Primeiramente realizamos a transcrição do questionário lexical, para o qual elaborou-se um quadro para o registro individual do uso dos termos de parentesco em ambas variedades (alemão e italiano). No quadro referente a cada língua, os termos lexicais foram registrados de acordo com a forma com que o informante os utilizava, orientado pela técnica dos três tempos: reposta espontânea, por insistência, e sugestão. O quadro do registro individual do uso dos termos de parentesco na variedade alemã está no Anexo 7, e referente ao italiano, no anexo 6.

Após a descrição individual do uso de cada termo de parentesco pelos informantes, elaboramos quadros para registro dos totais de repostas espontâneas em português e nas variedades minoritárias de cada cidade. Optamos por registrar o total dos termos espontâneos apenas, porque estes direcionarão as análises, pois por questões de recorte para esta pesquisa, as repostas por insistência e por sugestão serão consideradas somente de forma mais ampla.

Em seguida, geramos gráficos sobre a incidência do emprego destes termos de acordo com a dimensão Diageracional (GI e GII), Diagenérica (Homens e Mulheres) e Diastrática (Classe alta e Classe baixa), e conseqüente análise relacionando os dois pontos de pesquisa.

Esclarecemos que os dados de italiano foram transcritos pela própria pesquisadora, por ser esta uma de suas línguas maternas, enquanto que para os dados do alemão, contou-se com o auxílio de uma professora de alemão, trabalho este realizado em vários encontros semanais. Todos os dados foram ouvidos e registrados em conjunto a esta professora, pois a pesquisadora não compreende a variedade alemã.

Na organização dos dados referentes às crenças, registramos em um quadro as respostas individuais objetivas sobre crenças em relação ao alemão e ao italiano. No que se refere às respostas subjetivas, desenvolvemos análises descritivas, através da extração de depoimentos concedidos pelos informantes durante as entrevistas em seus cometários metalinguísticos.

Com crenças e atitudes descritas, desenvolveu-se uma análise relacionando-as entre diferentes dimensões da mesma localidade (gênero e classe, por exemplo) e entre as duas cidades pesquisadas. (São Carlos e Coronel Freitas)

Os dados dos informantes docentes de Chapecó, coletados através de questionário de crenças linguísticas (das 01 perguntas, foram selecionadas 5 subjetivas), são descritas e analisadas no capítulo a seguir, que descreve e traz reflexões sobre os contatos linguísticos português-língua de imigração (Ale. e Ita.) nos municípios pesquisados.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados em Coronel Freitas (íto-los-brasileiros) e São Carlos (teuto-brasileiros) acerca de crenças linguísticas e atitudes linguísticas em relação às línguas de imigração de cada uma das cidades. Como exposto anteriormente, os dados sobre crenças linguísticas foram coletados através de entrevistas, organizadas com perguntas que objetivaram extrair percepções dos informantes sobre as variedades minoritárias. As atitudes linguísticas, foram obtidas através do conhecimento e uso dos termos de parentesco nas variedades de imigração de cada localidade. A seguir, apresentamos os dados obtidos durante as entrevistas, entrelaçados às análises.

O capítulo está estruturado da seguinte forma:

- a) O **tópico 5.1** apresenta análise de crenças linguísticas dos informantes, a partir dos dados obtidos através do questionário metalinguístico que extraiu percepções dos indivíduos em relação às línguas de imigração nas localidades pesquisadas: São Carlos (alemão) e Coronel Freitas (Italiano).
- b) O **tópico 5.2** traz algumas considerações e percepções da pesquisadora durante a coleta e manipulação dos dados.
- c) O **tópico 5.3** abarca resultados e análises sobre a aplicação dos termos de parentesco (questionário lexical). Apresentamos o total de respostas espontâneas, por insistência e sugestão coletadas, porém, por um recorte que optamos fazer devido à extensão do trabalho, realizamos uma análise exclusivamente das respostas espontâneas. O enfoque destas análises está nas dimensões diastrática, diageracional e diagenérica, entre teutos e ítalo-brasileiros. Este tópico subdivide-se em subtópicos, que tratam de cada uma das dimensões já apresentadas, como podemos verificar a seguir:
 - c) **Tópico 5.3.1** dimensão diastrática;
 - d) **Tópico 5.3.2** dimensão diageracional;
 - d) **Tópico 5.3.3** dimensão diagenérica;
 - e) **Tópico 5.3.4** apresenta uma descrição da incidência de uso dos três tipos de parentesco pesquisados: sanguíneo, aliança e religioso;

5.1 Crenças Linguísticas

Apresentamos a seguir, em diferentes quadros, as perguntas e respostas coletadas em campo para subsequente análise.

Primeiramente expomos o quadro 3, com 7 perguntas que demandaram dos informantes respostas objetivas, ou seja; as perguntas foram estruturadas de tal forma que as respostas a elas seriam: **Português/Alemão/Italiano**. Em seguida, expomos um quadro com as perguntas objetivas de 8 a 13, cujas respostas demandadas eram **Sim/Não**. Esclarecemos que abaixo, as perguntas estão apresentadas em português, mas foram realizadas na variedade minoritária de cada localidade. A tradução destas perguntas para o alemão e italiano, conforme empregadas nas entrevistas, estão nos anexos 2 e 4. Durante a aplicação destas perguntas, era comum o entrevistado não limitar-se a resposta objetiva apenas, (Pt./Ale./Ita. ou Sim/Não), mas complementavam-na explicando o porquê da resposta. Estes comentários metalinguísticos serão analisados de forma descritiva ao longo deste capítulo.

Quadro 3: Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas objetivas: Ale. Ita. ou Pt.

Nº da questão	Pergunta
1	Que língua costuma falar na família?
2	Em que língua gosta de conversar mais?
3	De modo geral, em que língua costuma falar mais?
4	Qual sua língua materna?
5	Quando vem visita, que língua prefere usar?
6	Que língua você fala nas seguintes ocasiões no município:
6.1	No correio
6.2	No mercado e nas lojas
6.3	No sindicato
6.4	No restaurante
6.5	Na prefeitura
6.6	No posto de saúde
6.7	No confessionário
6.8	No posto de gasolina
6.9	No trabalho
7	Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade, em que língua você fala com ele?

Fonte: KRUG e HORST (2013) adaptado por WEPIK (2017), BERNIERI (2017)

Estas perguntas geraram respostas objetivas que são apresentadas no quadros a seguir, ilustrando os resultados obtidos em São Carlos e Coronel Freitas.

Quadro 4: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) sobre crenças linguísticas

Ale/Ita. (●) Pt. (○) Ale/Ita. e Pt. (◐) Sem reposta (□)																
questão	SÃO CARLOS/SC								CORONEL FREITAS/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	◐	○	◐	●	◐	●	●	○	○	○	○	◐	◐	◐	◐
2	●	○	◐	◐	●	●	○	○	○	○	●	○	●	●	●	●
3	○	○	○	○	●	●	□	□	○	○	○	○	●	○	○	○
4	●	●	◐	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●	○	○	○
5	●	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○	○	○	○	●	◐	◐	○
6.1	○	●	○	○	●	◐	□	□	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.2	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.3	○	◐	◐	○	●	●	●	●	○	○	◐	○	○	○	○	◐
6.4	○	◐	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	◐	○
6.5	○	◐	◐	◐	●	●	●	●	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.6	○	◐	○	○	◐	●	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○
6.7	○	◐	◐	○	□	◐	◐	◐	○	○	○	□	□	○	○	○
6.8	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○
6.9	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	◐	●	○	○	○	●	○
7	◐	◐	○	○	◐	●	●	●	○	○	○	○	◐	○	○	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Quadro 5: Questões (8 a 13) que exigiram respostas objetivas (Sim e Não)

Nº da questão	Pergunta
8	Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a língua de casa, a língua italiana/alemã mas insistia em só falar português?
9	Acha importante que os filhos aprendem a língua italiana/alemã dos pais? Por quê?
10	Existem situações em que você/as pessoas tem vergonha de falar italiano/alemão ?
11	Acha que deveria ter ensino de italiano/alemão ?
12	Quando fala Português, você mistura com Italiano/Alemão?
13	Quando fala italiano/alemão, você mistura com português?

Fonte: KRUG e HORST (2013), adaptado por WEPIK (2017) e BERNIERI 2017

Estas perguntas geraram respostas objetivas (Sim e Não) que serão apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 6: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13)

Responderam Sim (●) Responderam Não (○) Sem resposta (□)																
Nº QUESTÃO	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
8	○	●	○	○	●	●	●	●	○	○	●	●	○	●	○	○
9	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
10	○	●	○	○	○	○	○	○	□	○	○	□	○	○	○	○
11	●	●	●	●	●	●	○	○	●	●	●	●	●	●	●	●
12	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	●	○	●	○	●	●
13	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	□	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

As perguntas de 14 a 20, remetem a respostas subjetivas, que serão transcritas ao longo das análises. Apresentamos estas perguntas no quadro a seguir, reforçando que a aplicação delas durante as entrevistas sucederam-se na variedade minoritária cujas traduções estão nos anexos 2 e 4.

Quadro 7: Perguntas subjetivas (questões 14 a 20 do questionário metalinguístico)

14- O que acha das pessoas que só falam português, e nunca sua própria língua de casa?
15- Muitos jovens não falam mais a língua dos pais. O que acha disso?
16- Em que situações você fala a língua italiana/alemã, e em quais o português?
17- Tem diferença entre o italiano/alemão falado em outras localidades e o daqui?
18- Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua italiana/alemã?
19- Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias daqui, que nasceram e vivem em São Carlos/Coronel Freitas?
20- Como se sente mais: italiano/alemão/brasileiro?

As respostas às perguntas subjetivas serão transcritas neste capítulo, ao longo das análises. Não as tabularemos em quadros como feito com as respostas objetivas; serão abordadas discursivamente através de reflexões oriundas destas respostas.

Iniciaremos agora análises sobre as respostas objetivas recém apresentadas, e depois desta etapa que está por iniciar, apresentaremos em quadros o total dos usos

espontâneos dos termos de parentesco em alemão, italiano e português das localidades de São Carlos e Coronel Freitas. Reforçamos que o objetivo de levantar o conhecimento e uso espontâneo dos itens lexicais é verificar atitudes linguísticas dos informantes das comunidades, ou seja; a propensão de uso desta língua pelos informantes de cada grupo étnico.

Através de leituras realizadas, e experiência de pesquisa de campo com o propósito de desenvolver a observação participante e coleta de dados para este trabalho, conscientizo-me de que trabalhar com contatos linguísticos e discorrer sobre crenças linguísticas, é ousar pisar, por mais que ligeiramente, em terrenos de diferentes áreas da ciência, (como história, sociologia, psicologia, linguística, para citar alguns) o que redobra a preocupação de qualquer afirmação aqui feita. Esta interdisciplinaridade foi apontada por Mackey (1972, p.583) ao afirmar que "bilinguismo não pode ser descrito dentro da ciência da linguística; deve ir além".

Esta consciência reforça a importância da sensibilidade e cuidado necessário ao me propor a firmar qualquer posição neste texto. Esta preocupação iniciou anteriormente à pesquisa de campo, pois penso que por mais que eu tenha um posicionamento pessoal, oriundo de minhas próprias crenças e atitudes, era importante que (se de fato isso é possível) haver uma certa "neutralidade" em minha postura como pesquisadora durante as entrevistas, para tentar amenizar o "paradoxo do observador" apresentado por Tarallo (2012). Por isso, quando o contato era feito com o informante, explicava que o tema da pesquisa era colonização italiana/alemã e a história desta língua, pois assim como há registros históricos de muitas outras temáticas, buscava-se a descrição da história e da dinâmica de uso destas línguas nas comunidades.

Optei por explicar desta forma a temática, porque realizei uma espécie de "laboratório", aplicando as ferramentas para esta pesquisa com alguns informantes de Coronel Freitas, antes de entrevistar os informantes cujos dados são descritos neste trabalho. Nesta experiência, quando explicitava abertamente que o foco era o bilinguismo, aprendizado, conhecimento e uso das línguas minoritárias nas famílias e comunidade, não raro ouvia as seguintes afirmações, registradas em caderno de campo:

"Assim... eu entendo, mas eu não sei fala, não so bilíngue." (CaGI-F)

"Eu aprendi com a minha nona, poareta, a gente dizia que ela falava tudo esquerdo, e eu não pratico, não sei mais, quando tento fala em italiano falo tudo misturado" (CbGII-F)

"Em casa, o pai e a mãe só falavam italiano entre eles, mas com a gente, só em português... daí não aprendi... entendo mas falo só uma palavra e outra... não sei... acho que era pra não atrapalhar a gente na escola depois" (CaGII-M).

"Quando eu era criança eu só sabia falar italiano, o pai e a mãe só falavam italiano, eu com meus irmãos também...depois que a gente começou a escola, aprendeu o português, eu não falo mais. Eu entendo tudo, meu marido em casa fala bastante italiano, mas eu não sei mais" (CaGII-F).

"Eu sei, mas é o dialeto, não é bem aquele certo, é aquele meio misturado aqui do Brasil, *tutti medi storti*" (CbGII-F).

Através destes depoimentos de ítalo-brasileiros, observamos dois pontos em destaque: primeiro, que os informantes ficavam preocupados com a possibilidade de dar uma entrevista por pensarem não saber mais a língua. Enfatizavam que entendiam, mas por não praticarem como outrora faziam, diziam não saber mais falar, e por isso, não consideravam-se bilíngues. Segundo, os que costumavam usar a variedade de imigração mais frequentemente de forma ativa, através da fala, consideravam sua variedade, uma variedade "misturada", "incompleta", conforme observamos nas palavras de dois informantes: "*tutti medi storti*", (tudo meio torto) "esquerda", "errada" e por isso, (de acordo com julgamento dos informantes) talvez não digna de pesquisa.

O primeiro aspecto retrata que há entre membros da comunidade ítalo-brasileira desta pesquisa, a crença de que bilíngue é exclusivamente quem tem desenvolvida a habilidade de fala de uma língua. Porém, conforme já apontado por Heye (2003), se considerarmos bilíngues aqueles que tem domínio balanceado das habilidades de uma determinada variedade, excluiremos a maioria. Por isso, conforme afirmado por Mackey (1972), o bilinguismo é um fenômeno relativo, e para esta pesquisa, consideramos bilíngues, indivíduos que tenham competência em no mínimo uma das habilidades de uma língua que não seja a sua materna conforme apresentado por Macnamara (1967, apud Hamers e Blanc 2006).

No entanto, concordamos com o autor, no sentido de que ser bilíngue é ter pelo menos uma habilidade desenvolvida em uma segunda língua, sim; mas discordamos de que seja em uma língua que não a materna. Nosso posicionamento contrário a esta segunda parte da afirmação de Macnamara é porque esta declaração traz imbutida a noção de que há uma relação de uma única via: um indivíduo - uma língua materna; fato este que não atende com unanimidade a realidade de todos indivíduos de cada continente;

as pessoas podem ter mais de uma língua mãe, pois conforme Altenhofen (2002) cabe-nos perguntar se em todos os casos realmente é possível perguntar qual é a (única) língua materna de um indivíduo.

O segundo aspecto é a opinião acerca da "qualidade" da variedade que os informantes atribuem a ela através de comentários metalinguísticos referentes ao italiano local. Considerando-a como uma língua "esquerda", "não correta" e incompleta, por ser esta "misturada". Crenças que encaixam-se com um "estereótipo" de que dialeto não é uma língua, e sim, conforme já relatado por Chambers e Trudgill (2004) como um desvio da norma, geralmente errôneo.

Deste modo, ao entrevistarmos os informantes cujos dados estão descritos neste trabalho, optamos por amenizar o foco na língua, para que pudessem se sentir o mais confortável possível durante a entrevista, seguindo a orientação de Tarallo, (2012, p.27) que propõe que "seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo".

Interessante ressaltar que observamos e registramos em caderno de campo este aspecto exclusivamente com ítalo-brasileiros, em Coronel Freitas, e não teuto-brasileiros em São Carlos. O máximo que ocorreu entre os bilíngues português-alemão foi o comentário de que a variedade que eles falavam era um dialeto do alemão, mas não ouvimos comentários de que é uma língua "misturada", incompleta, como ouvimos de ítalo-brasileiros.

Outro aspecto muito perceptível que configura uma distinção entre os teutos e os ítalos das duas comunidades pesquisadas, é no que se refere ao tipo de bilinguismo: Consecutivo (que aprenderam a variedade minoritária em casa e o português na escola) e Simultâneo: (que tiveram contato e aprenderam tanto a variedade minoritária quanto o português em casa). Entre os oito informantes ítalo-brasileiros, apenas 1 (CbGII-M) era bilíngue consecutivo, e todos os outros sete simultâneos. Já em São Carlos, dos oito informantes, 7 eram bilíngues consecutivos, e 1 simultâneo (CaGI-M). Assim, dentre os informantes pesquisados, foram mais frequentes bilíngues consecutivos em São Carlos, e bilíngues simultâneos em Coronel Freitas, retratando que o uso da variedade minoritária durante a primeira infância foi mais forte no domínio familiar de teuto-brasileiros.

Durante as entrevistas, indagamos aos informantes de cada localidade qual língua costumavam falar mais na família, e recortamos aqui, a parte de um quadro já exposto anteriormente que apresenta a descrição das respostas a esta pergunta:

Quadro 8 Respostas à pergunta 1: Que língua costuma falar na família?

Variedade minoritária (●) Português (○) Variedade minoritária e Pt.(◐) Sem reposta (□)																
	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Nº da questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	◐	○	◐	●	◐	●	●	○	○	○	○	◐	◐	◐	◐

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Conforme retratado no quadro 8, houve informantes que disseram usar exclusivamente a variedade minoritária (●); alguns que utilizam a minoritária e a língua portuguesa local (◐); e informantes que apenas usam o português (○) em família.

Observamos que dos oito informantes, três deles falam apenas em alemão no contexto familiar em São Carlos, enquanto que em Coronel Freitas já não há mais, entre os entrevistados, o uso exclusivo da variedade minoritária no âmbito familiar. Observamos também, que dos oito ítalo-brasileiros entrevistados, quatro já não usam mais italiano, apenas português em casa, enquanto que entre os oito teuto-brasileiros, dois já não utilizam mais o alemão em família. Este dado mostra que ao compararmos as duas variedades minoritárias, o alemão está mais expressivamente presente na vida familiar que o italiano, provável motivo pelo qual há mais bilíngues consecutivos em São Carlos (pessoas que aprenderam a variedade minoritária em casa e o português na escola) e Simultâneos em Coronel Freitas, pois em casa já não havia mais unicamente o uso do talian, e sim do talian com o português.

Este fenômeno retrata a escolha linguística, que é segundo Wei (1994, p.2) "[...] o principal comportamento pelo qual o bilinguismo é expresso".⁷² E o âmbito familiar é o maior e muitas vezes o único ninho que permite a escolha do aprendizado e desenvolvimento de uma variedade minoritária. A relevância do domínio familiar na manutenção de uma variedade minoritária foi apresentada por Wepik (2017) que constatou, em pesquisa sobre a variedade polonesa em duas cidades distintas, (Áurea -capital do polonês no Brasil- e Nova Erechim) que o domínio familiar é muito importante na manutenção de uma variedade minoritária, pois por mais que demograficamente o conhecimento e uso da língua não fosse tão abrangente em Nova Erechim quanto em Áurea, a manutenção dos termos de parentesco equiparou-se, pelo uso da variedade de imigração no contexto familiar, conforme descrito a seguir pela pesquisadora:

⁷² No original: Language choice is the principal behavior through which bilingualism is expressed.

Em Aures/RS, pelo fato de o Polonês ainda ser usado em alguns contextos na comunidade, com pessoas com diversos níveis de conhecimento da língua, ela vem sofrendo mais interferências do Português Riograndense, objetivando facilitar a comunicação. O mesmo não acontece em Nova Erechim/sc, visto o polonês ser mantido somente em âmbito familiar, principalmente pela CbGII, entre falantes da mesma geração e com o mesmo nível de conhecimento. (WEPIK 2017, p. 120)

Retratada a dinâmica de uso das variedades minoritárias no domínio familiar, passamos ao segundo aspecto pesquisado: a língua em que os informantes mais gostam de conversar, cuja descrição dos dados são retomados a seguir, em um recorte do quadro também já apresentado anteriormente:

Quadro 9: Respostas à pergunta 2: Que língua gosta de conversar mais?

Nº da questão	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2	●	○	◐	◑	●	●	○	○	○	○	●	○	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Observamos que dos oito informantes em São Carlos, três manifestam gostar mais do alemão que o português. Porém, na pergunta anterior, não apenas estes três, e sim seis costumam falar alemão em família. Em Coronel Freitas, dos oito informantes, cinco manifestaram gostar mais da variedade italiana que o português, embora apenas quatro tenham afirmado usar o italiano junto ao português no domínio familiar. Estes dados traduzem um aspecto curioso: mais ítalo-brasileiros manifestam preferir a variedade minoritária que teuto-brasileiros, porém são os bilíngues português-alemão quem mais utilizam a língua de imigração no domínio familiar, refletindo, deste modo, uma lacuna entre a componente afetiva das atitudes em relação às variedades minoritárias e o comportamento, em movimentos opostos: ítalo-brasileiros dizem gostar mais de usar a variedade minoritária do que de fato usam, e teuto-brasileiros usam mais do que manifestam gostar. Retratando o que já foi percebido por Lasagabaster (apud Kaufmann 2011, p.125) que "parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que elas fazem (seu comportamento de fato) [...]" motivo pelo qual incluímos a esta pesquisa a observação participante, e diálogos além dos contatos durante as entrevistas, com membros bilíngues das comunidades. Porém Lasagabaster (apud Kaufmann 2011, p.125) complementa afirmando que "mesmo assim, o

conhecimento sobre nossas atitudes deve ajudar outros a preverem nosso comportamento".

Descritos os dados sobre a língua mais utilizada no contexto familiar, e a que os informantes mais gostam de usar, passamos ao terceiro aspecto levantado durante as pesquisas: De modo geral, em que língua costumam falar mais, pois, diferente da primeira pergunta que direciona apenas ao uso da variedade minoritária no âmbito familiar, buscamos compreender, de uma forma mais abrangente, o espaço que as variedades minoritárias tem na vida destes informantes.

Quadro 10: Respostas à pergunta 3: De modo geral, em que língua costuma falar mais?

Variedade minoritária (●) Português (○) Variedade minoritária e Pt.(●) Sem reposta (□)																
	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Nº da questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
3	○	○	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○	●	○	○	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Através da tabulação destes dados, está explícito que são os teuto-brasileiros que usam muito mais a língua minoritária que os ítalo-brasileiros. Pois, dos oito informantes bilíngues português-alemão quatro costumam usar mais o português, e dos oito bilíngues português-italiano, apenas uma comunica-se mais em italiano. Outro aspecto interessante e sobressalente nas duas comunidades, é de que são os informantes da classe baixa que mais usam as variedades de imigração. Fato este igualmente constatado em outras pesquisas na região oeste catarinense sobre o talian, por BORTOLOTTI (2015), e o polonês por WEPIK, (2017). Porém, duas pesquisas recentes sobre alemão no oeste Catarinense, que também envolviam o cunho diatópico WOLSCHICK (2016) Em Mondaí e São João do Oeste, e WEHRMANN (2016) em Tunápolis e Cunha Porã, verificaram que é a Ca que tem maior grau de bilinguismo, porém Wolschick (2016) constatou que por mais que a Ca seja o grupo com maior grau de bilinguismo, quem mais utiliza é a Cb, segundo a pesquisadora:

O grau de bilinguismo das células CaGII é mais elevado que o das outras, pois esses informantes possuem certo conhecimento da escrita do *Hochdeutsch* e também da leitura, além da competência oral e auditiva. Poder-se-ia deduzir daí que essa célula também usa mais a língua minoritária do que as outras células, mas não é isso o que acontece. As células que mais usam a língua alemã são as

da Cb, sendo os números equilibrados entre as gerações. (WOLSCHICK, 2016, p.100)

Deste modo, observa-se que se houver por parte de cada comunidade étnica interesse em implementar e fomentar projetos de revitalização e manutenção linguística nas comunidades, ainda há tempo de resgatar o que poderia ter sido, segundo Baker (2011) um bilinguismo circunstancial e transformá-lo em eletivo. E interessante é observar que a Cb é o grupo que muito tem a colaborar no processo de revitalização, transmissão e manutenção das línguas minoritárias. Por isso, também, tamanha é a importância dos avós, especialmente neste aspecto. E as pesquisas realizadas até o momento na região (sobre polonês, italiano e alemão) apontaram que dentre estes três grupos étnicos, apenas a Ca dos teuto-brasileiros destaca-se pelo seu grau de bilinguismo na variedade de imigração.

Passamos agora à análise da questão que investigou o que os informantes consideram ser sua(s) língua(s) materna(s):

Quadro 11: Respostas à pergunta 4: Qual sua língua materna?

Variedade minoritária (●)		Português (○)		Variedade minoritária e Pt. (◐)		Sem resposta (□)											
		São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Nº da questão		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
4		●	●	◐	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●	○	○	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

A dissimilitude no que se refere à língua materna considerada pelo próprio informante como sua, em cada comunidade, exige qualquer descrição discursiva, pois está muito bem estampada nestes quadros. Embora todos os informantes ítalo-brasileiros sejam bilíngues, em sua maioria simultâneos, apenas o bilíngue consecutivo (que aprendeu apenas o italiano em casa e o português na escola (CbGII masculino) considera a variedade italiana como sua materna.

Questionamos sobre a variedade utilizada pelos informantes ao receberem visitas, e os dados a esta pergunta são expostos a seguir:

Quadro 12: Respostas à pergunta 5: Quando vem visita, que língua prefere usar?

Variedade minoritária (●) Português (○) Variedade minoritária e Pt.(◐) Sem resposta (□)																
	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Nº da questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
5	●	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○	○	○	○	●	◐	◐	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Assim, observa-se que em São Carlos, dos oito informantes, 1 deles usa exclusivamente o alemão, e os outros sete alemão e português, enquanto que em Coronel Freitas, dos oito informantes, um deles usa o italiano, dois português e italiano, e os outros cinco apenas o português. Deste modo, observa-se o quanto o alemão é mais comumente usado quando comparado ao uso do talian nas localidades pesquisadas.

Outro aspecto interessante, que percebemos em observação de campo, é que quando estas variedades são utilizadas, muito mais frequentemente percebe-se o *mixing* com português durante o uso do italiano que durante o uso do alemão, e não podemos afirmar se este fenômeno é devido a uma maior proficiência da língua de imigração por parte dos teuto-brasileiros, ou porque a estrutura sintática do italiano facilita uma maior inserção de léxico da língua portuguesa. Para uma maior assertividade nesta constatação, o fenômeno carece de um estudo mais aprofundado de situações de *Code-mixing* e *Code-switching* entre os dois grupos étnicos.

Após levantarmos a língua que os informantes mais utilizam no contexto familiar, a que mais gostam, as que costumam falar mais, e a percepção individual de sua própria língua materna, averiguamos as línguas usadas em alguns contextos específicos, descritos a seguir:

Quadro 13: Perguntas sub-itens da questão 6: Que língua costuma usar nas seguintes ocasiões:

6.1	No correio
6.2	No mercado e nas lojas
6.3	No sindicato
6.4	No restaurante
6.5	Na prefeitura
6.6	No posto de saúde
6.7	No confessionário
6.8	No posto de gasolina
6.9	No trabalho

A partir do questionamento das variedades utilizadas em cada um destes espaços, recortamos e expomos a seguir, as respostas individuais:

Quadro 14: Respostas da pergunta 6 (expressas no quadro anterior)

Variedade minoritária (●) Português (○) Variedade minoritária e Pt.(◐) Sem resposta (□)																
Nº da questão	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
6.1	○	●	○	○	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.2	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.3	○	◐	◐	○	●	●	●	●	○	○	◐	○	○	○	○	◐
6.4	○	◐	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	◐	○
6.5	○	◐	◐	◐	●	●	●	●	○	○	○	○	◐	○	○	○
6.6	○	◐	○	○	◐	●	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○
6.7	○	□	◐	○	□	◐	◐	◐	○	○	○	□	□	○	○	○
6.8	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○
6.9	○	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	○	◐	●	○	○	○	●	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Estes dados expressam como a variedade alemã ainda é encontrada e utilizada em muito mais domínios que o talian. Outro aspecto interessante a se observar é que em São Carlos é a Cb quem mais utiliza a variedade alemã, quando comparado a Ca desta mesma comunidade, e na classe alta, são expressivamente muito mais as mulheres que os homens que utilizam o alemão além do contexto familiar. Entre os ítalo-brasileiros, também é a classe baixa que mais utiliza a variedade minoritária, e na classe alta, uma

única mulher usa o italiano além do domínio familiar, enquanto que o informante masculino da Ca, usa apenas o português em todas as ocasiões.

Com o intuito de explorar e compreender melhor as situações e contextos de uso das variedades minoritárias, perguntamos qual a língua utilizada pelos informantes ao encontrarem-se com um estranho, e as respostas são apresentadas a seguir:

Quadro 15 Respostas à pergunta 7 Ao encontrar-se com um estranho que língua costuma usar?

Nº da questão	Variedade minoritária (●)				Variedade minoritária e Pt.(◐)				Sem resposta (□)							
	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
7	◐	◐	□	□	◐	●	●	●	□	□	□	□	◐	□	□	□

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Novamente, aqui reflete-se a maior incidência de uso da variedade alemã que italiana. É visível um desdobramento de distintas situações: os informantes da geração mais jovem são bilíngues ativos em São Carlos, enquanto que em Coronel Freitas, são, em sua maioria, passivos, e com isso amplia-se ou restringe-se as possibilidades de uso das variedades minoritárias nas comunidades. Em São Carlos, todos informantes da GI tem desenvolvida a habilidade da fala, enquanto que em Coronel Freitas apenas 1 dos quatro informantes da geração mais jovem usa ativamente, através da oralidade, o talian, enquanto que os demais têm domínio auditivo, apenas. Com isso, desdobra-se a seguinte situação: entre ítalo-brasileiros, há a consciência de que as gerações mais jovens não utilizam a variedade de imigração através da fala, opta-se, por exclusivamente utilizar o português, enquanto que entre teutos a abrangência é maior.

A partir de agora, expomos as questões objetivas (8 a 13) sobre crenças linguísticas, e a tabulação dos dados coletados. Consideramos estas perguntas como objetivas porque foram estruturadas de forma que as respostas geradas fossem **Sim** e **Não**.

A oitava pergunta realizada aos informantes objetivava compreender se haviam experienciado a situação de estarem com pessoas que sabiam a variedade minoritária mas insistiam em se comunicar apenas no português. As respostas coletadas estão ilustradas no quadro a seguir:

Quadro 16 Respostas à pergunta 8: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a língua de casa mas insistia em só falar o português?

Nº QUESTÃO	Sim (●)								Não (○)				Sem resposta (□)			
	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
8	○	●	○	○	●	●	●	●	○	○	●	●	○	●	○	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Observamos que dos oito informantes teuto-brasileiros, cinco responderam afirmativamente a esta pergunta, e dentre os oito ítalo-brasileiros, três. Assim, cinco informantes teutos disseram ter presenciado situações em que indivíduos bilíngues "resistiram" ao uso da variedade minoritária, e entre os ítalos, três disseram ter passado por esta experiência. Porém, não podemos afirmar que os teutos preferem usar mais o português que os ítalos, pois este número maior entre bilíngues português-alemão pode ser reflexo das oportunidades mais frequentes de uso da variedade minoritária entre os teutos, o que aumenta as "chances" deste tipo de experiência acontecer.

Na nona pergunta, questionamos aos informantes se pensavam ser importante que os filhos aprendessem a variedade de imigração dos pais. E no quadro a seguir, expomos o registro de respostas que obtemos:

Quadro 17 Respostas à pergunta 9: Acha importante que os filhos aprendam a língua dos pais, no caso Ale./Ita?

Nº QUESTÃO	Sim (●)								Não (○)				Sem resposta (□)			
	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
9	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

A manifestação de todos os informantes foi unânime: todos ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros responderam afirmativamente, que pensam sim ser importante que as gerações mais jovens continuem aprendendo a variedade, embora, na prática (mais evidentemente entre os ítalo-brasileiros) em algumas famílias isto não aconteça.

Na décima pergunta, questionamos aos informantes se sentiam vergonha de falar na variedade minoritária, e as respostas estão expostas a seguir:

Quadro 18 Respostas à pergunta 10: Há situações em que você/as pessoas sente(m) vergonha de falar Ale./Ita?

Nº QUESTÃO	Sim (●)				Não (○)				Sem resposta (□)							
	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
10	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
	○	●	○	○	○	○	○	○	□	○	○	□	○	○	○	○

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Observamos que dentre os oito teuto-brasileiros, sete responderam que não. E, dos oito ítalo-brasileiros, seis responderam que não, e dois não se manifestaram. Estas "não manifestações" ocorreram, pois a informante da CaGII Fem. não desenvolveu a habilidade da fala, apenas da compreensão auditiva, e a informante da CaGII, disse que não saberia responder a esta pergunta em especificamente, porque não tem usado a variedade para se comunicar, e por isso não poderia afirmar se haveria situações em que se sentiria envergonhada ou não.

Na décima primeira pergunta, questionamos se os informantes pensam que deveria ter ensino de italiano/alemão na escola, e se concordariam que o inglês fosse substituído por uma destas variedades. A seguir, verificamos as opiniões manifestadas por eles:

Quadro 19 Respostas à pergunta 11: Você acha que deveria ter ensino de Ale. Ita.?

Nº QUESTÃO	Sim (●)				Não (○)				Sem resposta (□)							
	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
11	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
	●	●	●	●	●	●	○	○	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Seis dos oito informantes teuto-brasileiros responderam que sim, e entre os ítalo-brasileiros também. Porém, durante as entrevistas torna-se bastante evidente de como o vínculo com a língua de imigração está mais fragilizado entre a comunidade de descendentes italianos. Pois, diferente dos alemães que concordaram mais

veementemente com o ensino de alemão nas instituições escolares, os ítalo-brasileiros o fizeram com ressalvas, que relatamos nos depoimentos abaixo:

“Acho que seria bom ter sim, mas que o aluno pudesse escolher se quer fazer inglês, espanhol ou italiano... seria um pouco mais difícil para escola ter todos esses professores, mas pro aluno seria interessante..” (CaGII-M)

“Eu acho que poderia ter sim, mas o inglês é mais importante porque quando se viaja, se fala inglês em qualquer lugar, e o italiano é só se for pra Itália”. Fem. (CaGII-F)

“Acho que sim, que seria interessante, mas junto com o Inglês ou o Espanhol” (CaGI-F)

“Eu acho que tinha que ter sim, porque nós aqui somos tudo italiano, porque que temo que aprende inglês, né?” (CbGII-M)

“Eu acho que deveria ter inglês, eu na escola escolhi fazer espanhol, por que eu me dava bem melhor porque muitas coisas eram parecidas com o italiano, e a professora, também falava italiano, era bom.” (CbGI-M)

Observamos que este posicionamento entre os ítalo-brasileiros são mais frequentes entre informantes da Classe mais escolarizada, já o posicionamento dos informantes da Classe baixa é mais inclinado a favor da variedade de imigração.

Na sequência, apresentamos os dados tabulados referente às respostas recebidas da décima segunda questão, em que perguntamos aos informantes se ao falarem português, misturavam com a variedade de imigração, bem como os dados da décima terceira questão, que se referia ao movimento oposto: se ao usarem alemão ou talian, misturavam com o português. Os dados, observamos a seguir:

Quadro 20 Respostas à pergunta 12 e 13: Quando você fala Pot., mistura com Ale./Ita? E quando fala Ale./Ita., mistura com português?

Nº QUESTÃO	Sim (●)								Não (○)				Sem resposta (□)			
	São Carlos								Coronel Freitas							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
12	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	●	○	●	○	●	●
13	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	□	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

O fenômeno de misturar o português com a variedade minoritária foi muito mais recorrente entre os bilíngues alemão-português, pois todos os oito informantes responderam afirmativamente, diferente dos bilíngues português-italiano, que de oito, quatro afirmaram usar léxico, e frases do italiano quando estão se comunicando em português.

No que se refere ao movimento oposto (pergunta 13), todos os informante de cada grupo étnico responderam que sim, exceto a informante ítalo-brasileira da CaGII que o dado está descrito como sem resposta, pois ela é uma bilíngue passiva, e por isso, não desenvolveu a habilidade da fala, apenas auditiva, e por não se comunicar na variedade de imigração, não a mistura com o português.

Até este momento, descrevemos e comentamos as respostas obtidas dos informantes sobre as questões de 1 a 13. Estas perguntas eram fechadas, ou seja: as respostas eram objetivas (Alemão/Italiano/Português nas questões de 1 a 7, e Sim/Não da questão 8 a 13).

A partir da pergunta 14 até a 20, as questões eram de cunho metalinguístico; perguntas abertas com repostas subjetivas que foram igualmente aplicadas para os informantes teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros, com o detalhe de terem sido feitas, durante as entrevistas, nas línguas de imigração de cada localidade.

Já neste momento da pesquisa de campo, há um aspecto que observamos ser discrepante nas duas localidades: os teuto-brasileiros nas duas gerações (GI e GII) responderam a esta parte do questionário utilizando essencialmente a variedade alemã, e entre os ítalo-brasileiros, apenas os informantes da CbGII-F e CbGI-M responderam a estas perguntas na variedade italiana.

Todos os demais entrevistados tinham conhecimento passivo da variedade italiana; auditivamente compreendiam tudo, mas não eram capazes de manter uma conversa na língua de imigração. Deste modo, o processo de substituição linguística (da língua minoritária para o português) parece estar adiantado entre os ítalo-brasileiros. Se compararmos a tabela de Krauss (2007), entre este grupo, a manutenção está severamente em perigo, pois é falada apenas a partir da geração dos avós.

Ressaltamos que o informante ítalo da CbGI-M que ainda fala talian, e que participou como informante na pesquisa, é uma exceção, inclusive é muito conhecido no município por ser tão jovem e manter ativamente o uso da língua italiana. Durante as pesquisas de campo no município de Coronel Freitas, todos o conheciam e o indicavam,

pois em festas da comunidade é o único jovem que conversa em italiano com as pessoas da GII, motivo pelo qual, tem na comunidade, atenção destacada.

A seguir, relatamos uma a uma as perguntas 14 a 20 do questionário, aplicadas durante a coleta de dados em campo, e a descrição das percepções que tivemos em relação as duas comunidades (Coronel Freitas e São Carlos).

A **pergunta 14** era: **"O que acha das pessoas que só falam português, e nunca sua própria língua de casa?"** Entre os ítalos, ficava evidente que esse era um questionamento que não haviam comumente feito a si mesmos, pois recebiam esta pergunta com surpresa e geralmente introduziam a respostas com... "Nun sei..." ou "*Ma dirgere che...*" (mas dizer o que...). Sobre esta questão, sete informantes disseram que acham que é porque está se perdendo a manutenção da língua, devido ao fato de que as pessoas (inclusive bilíngues ativos) deixam de usar a variedade minoritária. Para a Info. CaGII-F:

"Acho que é porque ninguém mais fala, a língua está ficando de lado, não tem mais muita gente com quem conversar." (CaGII - F)

Para o infomante da CaGI-M, não se fala a língua de imigração porque nascemos e moramos no Brasil:

"Sei lá, acho que é uma decisão porque nasceram no Brasil, [...] Meu pai, por exemplo sabe fala italiano ma se recusa, só qué fala português". (CaGI-M)

Para os informantes da célula CbGII, não se fala porque não se tem mais o hábito de praticar a língua:

"É porque ghe mia pratica, si senti mia bem parla taliano, pratica mia, non consegue mia parla in talian, porque pratica mia" (CbGII-M)⁷³

"Porque non se ha costumado parla" (CbGII-F).⁷⁴

Observamos que as manifestações de sete informantes foram semelhantes: não se fala porque não se pratica, e não se pratica porque a língua é "deixada de lado", e não há muitas pessoas com quem se falar. Deste modo, apresenta-se um círculo: Não se fala

⁷³TRADUÇÃO: É porque não pratica, não se sente bem falar em italiano, não consegue falar porque não pratica.

⁷⁴ Porque não se acostumaram a falar.

porque não há pessoas que falem, mas muitas pessoas não aprenderam a falar porque justamente os que sabem a variedade minoritária não a utilizam.

Bilíngues parecem aceitar um processo "monolingualizador", em que o português inicialmente de língua franca passa a ser a língua majoritária, e os monolíngues ou bilíngues passivos não se interessam em desenvolver o bilinguismo ativo. Como mencionado, esta manifestação foi de sete informantes, pois um dos informantes (CbGI-M) se posicionou de forma um pouco diferente, expressando que pensa que o motivo de as pessoas não falarem seja por sentirem vergonha de comunicarem-se na variedade:

"Penso que ghené gente che ghá vergogna di parla talian porque l'é una lengua... me cato bela la lengua italian, e ghené gente che gha vergogna di parla, ma mi me parlo talian". (CbGI-M)⁷⁵

Referente a esta mesma questão, os teuto-brasileiros se posicionaram de maneira diferente que os ítalos, com uma postura menos leniente frente a uma substituição linguística. Verificamos a seguir alguns depoimentos em que expressam experiências pelas quais passaram, e opiniões a respeito de bilíngues português/alemão, que optam por usar preferencialmente o português, em situações que poderiam falar a variedade minoritária:

"Aber mehr wo jinger sin, né. Wo kenne, die kenne, die verste'n alles, awer die wolle net Deitsch spreche, né, wal oder han sa bang det sa vogeher spreche, ora was, não sei" (CaGI-M)⁷⁶

Reafirmando este posicionamento, descrevemos a fala dos informantes da CbGII-F, e CaGII-F, respectivamente:

"Das is die Dumheit von dene Leit, inbildigkeit... Unser Kinner, mein zwei Guri, wo ich han, mir han zwei Guri, wie die in die Schul anfon zu geh'n han, ma, sind sa Heim kom: 'mir ha nuns geschemt heit, mir gonde net Brasilianisch spreche,' mir han immer alles Deitsch gesproch da Heim, 'die han gelacht übich uns, das mir alles Deitsch gesproch hon.'" (CbGII-F)⁷⁷

⁷⁵ Tradução: Penso que há pessoas que tem vergonha de falar talian porque é uma língua... eu acho bonito o talian, e tem gente que tem vergonha de falar, ma seu falo talian.

⁷⁶ TRADUÇÃO: Mas nós que somos mais jovens, né. Que conseguem, eles conseguem, eles entendem tudo, mas não querem falar alemão, né, porque ou eles têm medo que vão falar errado, ou o quê, não sei"

⁷⁷ TRADUÇÃO: Essa é bobagem da pessoas, exibicionismo... Nossos filhos, meus dois guris, que eu tenho, nós temos dois guris, quando eles começaram a escola, ma, eles vieram para casa: 'nós passamos vergonha hoje, nós não conseguíamos falar brasileiro' – Nós sempre falávamos tudo em alemão em casa: 'eles riram de nós, que nós falávamos tudo em alemão.

"Ich fin es net richtig, né, por... Wal ma muss di zwóí, sei lá, wie will ich sohn, valorisiere was ma kan, gerl, não é, is net orig schen, bloss wolle andre Sproch spreche, wen ma sein, wen ma doch kan noch ein aner Sprech, né." (CaGII-F)⁷⁸

Obtemos até respostas mais firmes, como a do informantes da CbGII-M que disse achar inconcebível a pessoa saber, e não querer falar. Suas palavras foram: "*Ich fide das eklig*"⁷⁹ pois, segundo este informante, as pessoas não vão saber conversar, passar para os filhos.

Através das respostas registradas, e da comparação destas entre os dois grupos étnicos, fica muito saliente que os ítalo-brasileiros não parecem se preocupar e até se importar com um processo de substituição linguística. Porém, este posicionamento é distinto dos teutos, que através de suas respostas demonstraram um maior vínculo à língua minoritária, e desacordo com um possível movimento de substituição do alemão pelo português.

A pergunta 15, era: "**Muitos jovens não falam mais a língua dos pais, o que acha disso?** Para todos os informantes ítalo-brasileiros, esse fenômeno é resultado de um processo que ocorreu "naturalmente": jovens não falam porque os pais não incentivaram e ensinaram. Para firmar este posicionamento, ilustramos com alguns trechos de depoimentos dos próprios informantes:

"Non, porque non ghené impará, digo si nisuni che enseña nisuni pi parla" (Info.CbGII-F)⁸⁰

Em relação a esta questão, os teutos apontaram aspectos que pensam influenciar a não transmissão da língua minoritária entre as diferentes gerações, tais como:

- 1) Casamentos interétnicos, em que um dos cônjuje não fala a língua minoritária, em que o informante CbGII-M declarou que pensa que na família dele, por exemplo, o fato de a mulher ser italiana interferiu, porque ela não sabia falar Ale.
- 2) Influência do contexto escolar, pelo contato com colegas, amizades que são construídas, em que o português, passa a se desenvolver pelo sistema educacional e se fortalecer na vida da criança, que se não tiver em casa um constante incentivo dos pais a

⁷⁸ TRADUÇÃO: Eu não acho certo, né, por... Porque devemos as duas, sei lá, como eu quero dizer, valorizar o que sabemos, né, não é, não é muito bonito, querer falar a outra língua, quando a da gente, quando sabemos outra língua, né.

⁷⁹TRADUÇÃO: Acho inconcebível.

⁸⁰TRADUÇÃO: Acho que é porque não aprenderam, não escutam em casa"

continuidade do uso da variedade minoritária, o Pt. passa a ser a língua essencialmente utilizada pelo indivíduo:

"Gut is es net, wal fo der Sproch weider geh'n, né, wo mehr Leit wo spreche dun, né, wie Deitsch, wo dut's fo das weider geh'n, wo mehr spreche wo besser... weil wir kenne ein bischen wo ma klein war, wo ma alles so lene dut, wie Sproch, né, dan, ma hot immer gesproch Deitsch, né, bei die andre Kinner ach dabei, bei die Eltre, né, und heit so Tag is das nimme, né, fon Klein uf geh'n sa schon gleich in die Crèche, Schul, dann lenne das net so leicht, né." (CaGI-M)⁸¹

3) O Contato da geração mais jovem com os mais velhos (avós, por exemplo), questão trazida pela informante CaGII-F que disse que a transmissão depende da convivência com os mais velhos, eles morrem e as crianças não aprendem, e assim se perde.

Percebe-se, deste modo, uma consciência mais aprofundada dos processos de fomento à manutenção ou substituição por parte dos teuto-brasileiros, percepções estas ausentes entre os ítalos.

Na décima sexta pergunta, solicitamos aos informantes que nos relatassem situações em que usam as variedades de imigração, Entre os ítalos, a resposta foi na família, onde presenciam um bilinguismo funcional: entre os mais velhos, utilizam italiano, mas para se dirigirem aos mais jovens, em português.

"Mi parlo a casa, guidéa solo cuando si reuni i vecchioti".⁸² (Info. Fem. CbGII).

Apenas o informante masculino da CbGII-M, disse que busca constantemente oportunidades de falar o talian fora de casa, pois a esposa que é bilíngue, se recusa a conversar na variedade minoritária, pois, segundo ela:

"Ah, eu acho feio, ele fala em italiano comigo e eu só falo português". (Caderno de campo)

Segundo este informante, onde ele encontra pessoas que falam, ou suspeita que possam saber, ele aproveita as oportunidades para conversar em *talian*, língua que afirma ser sua preferência:

⁸¹ TRADUÇÃO: Bom não é, porque para a língua continuar, né, quanto mais gente fala, né, como o alemão, para continuar, quanto mais falam melhor... porque nó sabemos um pouco de quando éramos pequenos, quando se aprende tudo, como a língua, né, então sempre falávamos alemão, né, com as outras crianças, com os pais, né, e hoje em dia não é mais assim, né, desde pequenos logo vão para a creche, escola, então eles não aprendem tão fácil, né."

⁸²TRADUÇÃO: Eu falo em casa, acho que só quando se reúnem os mais velhos.

"Dove me chapo in volta che parlon talian, mi parlo talian, non interessa... anca rento in chiesa" (Info.CbGII-M)⁸³.

Entre os teutos, o alemão ultrapassa o contexto familiar (praticamente o único domínio de uso entre os ítalos), pois afirmam conversar em alemão na comunidade, igreja e comércio, além da família.

Ich schafa num comércio, né, dan ach, wen die mechte freguese sind die Koloniste, wen sa rin komme, das erste was sa son: 'verstest Deutsch?' dan geht's los...(CaGI-F)⁸⁴

A décima sétima questão perguntava se os informantes pensavam que havia diferença entre o alemão/italiano falado em suas cidades em relação a outras localidades. Na análise das respostas concedidas pelos ítalo-brasileiros, averiguamos que a CbGII percebe diferenças dialetais entre o italiano da própria comunidade. Segundo o Informante da CbGII-F, algumas das palavras que ouvia e usava, se diferenciavam entre sua família sanguínea e familiares de aliança. Como exemplo, citou quatro itens lexicais:

Quadro 21: Variáveis de um mesmo termo, diferenças dialetais dentro do italiano falado em Coronel Freitas

Português	Variedade 1	Variedade 2
bacia	cadìn	piana
frigideira	padella	farsora
sexto de taquara	seston	gobbo

Fonte: ALCF coletados por Bernieri (2017)

Os demais informantes de outras classes e gerações manifestaram reconhecer diferenças entre o italiano da cidade quando comparado ao italiano falado no Rio Grande do Sul, região de onde vieram os primeiros moradores da cidade de Coronel Freitas. Segundo o informante da CbGI-M:

"Me guidea de sí. Il noso talian é un tipo, ghené gente que parla nantero tipo."(CbGI-M)⁸⁵

O informante masculino da CaGI, manifestou que

⁸³ TRADUÇÃO: Onde eu estou em volta, que falam italiano, eu falo italiano, não interessa.... até dentro da igreja.

⁸⁴ "Eu trabalho no comércio, né, então também, a maioria dos fregueses são os agricultores, quando eles entram, a primeira coisa que dizem: 'entende alemão?' então começa..."

⁸⁵ TRADUÇÃO: Acho que sim. O nosso italiano é um tipo, tem gente que fala outro tipo.

"Aqui na região, acho que não. Tem diferença no Rio Grande do Sul, meu sogro tem parente lá, é bem diferente. Lá fala italiano mais parecido com o italiano de verdade". (CaGI-M)

Assim, dentre os ítalos, a informante da GbGII-F lembra de ter experienciado diferenças entre os dialetos, e a geração mais jovem percebe diferenças entre a variedade falada em Coronel Freitas quando comparada ao Rio Grande do Sul. Interessante ressaltar o comentário do informantes da CbGI-M que pensa ser a variedade do RS a mais parecido com o "italiano verdadeiro". Supomos que o informante tenha intencionado se referir ao italiano elegido como variedade padrão na Itália.

Entre os teutos, a expectativa era de que se desarolassem comentários e reflexões maiores sobre essa questão, no entanto, o que os informantes afirmaram é reconhecer sim diferenças mas todos que exemplificaram em que sentido percebem esta diferença, compararam o alemão local ao falado na Alemanha, e não se aprofundaram em maiores percepções e considerações além de dizer que sua língua é um dialeto do alemão falado na Alemanha.

A décima oitava pergunta se referia a como é ou foi na escola e na igreja o uso da língua italiana/alemã. Dentre os ítalos, a geração mais jovem manifestou não ter tido contato com a variedade nestes contextos. Porém, os informantes da GII relataram a proibição de se falar italiano na escola:

"O professor mostrava a régua de madeira ameaçando quando ouvia a gente falando em português" (Caderno de campo)

Em relação à igreja, o que os informantes relataram, é a celebração anual de uma missa que ocorre em italiano na cidade, mas não que seja parte da rotina conversar em italiano na igreja ou cantar na língua neste espaço religioso.

Entre os teutos, dos quatro informantes da GII, três relataram que até chegarem a escola falavam apenas alemão, e passaram a ter contato com o português ao iniciarem a vida escolar. Ressaltaram que os professores sabiam a variedade de imigração, mas que a língua que utilizavam na escola era prioritariamente o português. Entre a geração mais velha, apenas o informante da CbGII-F disse que ao entrar na escola o professor falava em alemão, e não utilizava o português. Os informantes da Geração I relataram que os professores sabiam as duas línguas, ou apenas o português.

Na décima nona questão, perguntamos ao informantes Como acham que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias da localidade. Os ítalo-brasileiros

se surpreenderam com esta pergunta, e dos oito informantes, sete disseram não saber o que responder. Apenas o informante da CbGI-M expressou que

"Pensa che noantri semo stupidoni, ma le mia cosita la cosa, né? I gha... loro ride de noantri, ma assa que ride..." (CbGI-M)⁸⁶

A resposta a esta pergunta entre os teutos foi mais diversificada, os informantes da CbGI pensam que outras pessoas, que não sejam do mesma localidade e grupo étnico, o acham engraçados. Os demais informantes relataram pensar que as pessoas de fora da localidade os veem como pessoas ordeiras, organizadas.

Na vigésima pergunta, questionamos a respeito da percepção e sentimento dos informantes em relação à questão identitária, através da pergunta: "Como você se sente mais; brasileiro ou alemão/italiano?" Dentre os ítalos, seis dos oito informantes afirmaram sentirem-se brasileiros. O informante da CbGII-M, respondeu sentir-se "*Mitad brazilian, mitad talian*",⁸⁵ e o informante da CaGI masculino respondeu sentir-se italiano, porém, ao questionarmos qual time ele torce na copa do mundo respondeu Brasil, demonstrando, deste modo, uma lacuna entre a crença e a atitude. Entre os teutos, foi impressionante a uniformidade de resposta entre as diferentes gerações e classes: os oito informantes afirmaram sentirem-se mais alemães que brasileiros. Assim, observa-se nesta questão 20, que a relação de identidade e língua de imigração é evidentemente mais forte entre os teutos que os ítalo-brasileiros.

Descritas e relacionadas as respostas da aplicação do questionário de cunho metalinguístico (questão 1 a 20), passaremos, a partir do próximo item, à descrição dos resultados da aplicação dos termos de parentesco. O objetivo é verificar a manutenção destes termos nas línguas minoritárias dos grupos étnicos pesquisados neste trabalho.

5.2 Aplicações dos termos de parentesco: algumas considerações

A partir da técnica dos três tempos proposta por Thun (2005), que consiste na coleta de respostas espontâneas, por insistência e por sugestão, apresentamos, neste

⁸⁶ TRADUÇÃO: Pensa que nós somos estúpidos, mas não bem assim a coisa, né? E tem... eles riem de nós, mas deixa que riem.

⁸⁵TRADUÇÃO: Metade brasileiro, metade italiano.

capítulo, resultados obtidos sobre os itens lexicais elegidos para esta pesquisa (termos de parentesco). Objetivamos analisar atitudes linguísticas através do grau de conhecimento e uso destas palavras pelos informantes.

Conforme exposto anteriormente, as perguntas de 1 a 20 eram referentes às crenças, e no que se refere às atitudes, temos 41 questões para os ítalo-brasileiros e 36 para os teuto-brasileiros. Esta diferença no número de itens lexicais (5 a menos para os teutos) tem relação com o banco de dados, pois trabalhamos com dados do ALMA-H nos termos de parentesco de São Carlos, e em Coronel Freitas com questionário do ALCF-OC, aplicado pela pesquisadora. Além disso, há diferenças na natureza de cada variedade, pois em italiano há palavras com diferença de gênero (masculino e feminino), e para levantamento destas variantes, fazíamos duas perguntas, enquanto que em alemão, este dado era obtido com uma única questão. Os itens lexicais que se desdobraram para duas perguntas na variedade italiana são: neto(a), bisneto(a), enteado(a). Outro detalhe que contribui na diferença do número de perguntas, é de que na variedade italiana levantamos o conhecimento e uso das palavras compadre e comadre, vocábulos não reconhecidos no alemão local pelos informantes.

Assim, há cinco itens lexicais a mais no questionário italiano. Porém, esta incongruência na quantidade, quando comparamos os dois grupos, não interferirão na confiabilidade dos resultados, pois ao averiguarmos o percentual de uso dos termos em português e nas variedades de imigração, serão feitos cálculos dos dois grupos separadamente, ou seja: entre os ítalos, investigaremos qual o percentual de uso dos termos em italiano e em português, e entre os teutos, o percentual de uso dos termos em alemão e em português. E só então, depois destes dados gerados, é que os dois grupos serão comparados.

O questionário lexical para ítalo-brasileiros em Coronel Freitas foi composto de 22 perguntas de termos sanguíneos, 15 por aliança e 4 espirituais, enquanto que para teuto-brasileiros, eram 20 questões sobre os termos de parentesco sanguíneo, 12 por aliança, e 4 espiritual.

Os resultados individuais dos termos de parentesco estão registrados nos anexos 6 e 7. No entanto, apresentaremos aqui, em três quadros, o total de termos proferidos de forma espontânea, por insistência e por sugestão em alemão e italiano nas comunidades

pesquisadas. Expomos este números para uma visualização da quantidade de respostas em cada tempo (espontânea, por insistência e por sugestão) em cada língua. Porém, reforçamos que realizaremos os cálculos contando apenas com os resultados das respostas espontâneas, por questões metodológicas assim definidas para este trabalho.

QUADRO 22: Total de respostas espontâneas (questionário lexical)

Total de Respostas Espontâneas em Alemão e Italiano										
Tipo de Parentesco	Tempo da resposta	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		TOTAL
		M	F	M	F	M	F	M	F	
SANGUÍNEO	ALEMÃO Português	19 3	16 3	13 3	11 2	12 6	14 5	1 0	15 7	101 29
	ITALIANO Português	12 2	18 3	10 9	8 9	20 6	20 5	19 13	16 10	123 57
ALIANÇA	ALEMÃO Português	10 1	9 1	2 3	4 6	6 5	5 5	0 0	6 8	42 29
	ITALIANO Português	3 8	4 8	8 11	3 13	7 8	8 8	6 13	6 10	45 79
ESPIRITUAL	ALEMÃO Português	4 0	3 0	0 0	4 0	2 1	4 1	0 0	3 0	20 2
	ITALIANO Português	0 4	0 4	1 0	2 0	3 0	3 0	5 1	0 4	14 13

QUADRO 23: Total de respostas por insistência (questionário lexical)

Total de Respostas por Insistência em Alemão e Italiano										
Tipo de Parentesco	Tempo da resposta	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		TOTAL
		M	F	M	F	M	F	M	F	
SANGUÍNEO	ALEMÃO	4	2	4	3	5	8	2	8	36
	ITALIANO	0	0	1	0	3	0	0	0	4
ALIANÇA	ALEMÃO	0	0	0	0	1	2	0	0	3
	ITALIANO	0	0	0	0	1	3	0	0	4
ESPIRITUAL	ALEMÃO	0	1	0	2	0	0	0	0	3
	ITALIANO	0	0	0	0	0	0	1	1	2

QUADRO 24: Total de respostas por sugestão (questionário lexical)

Total de Respostas aceitas por Sugestão em Alemão e Italiano										
Tipo de Parentesco	Tempo da resposta	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		TOTAL
		M	F	M	F	M	F	M	F	
SANGUÍNEO	ALEMÃO	4	6	13	16	10	14	0	14	77
	ITALIANO	12	8	7	13	4	7	7	2	60
ALIANÇA	ALEMÃO	5	7	5	4	8	8	0	8	38
ESPIRITUAL	ITALIANO	7	7	4	10	4	2	5	3	42
	ALEMÃO	2	2	0	0	2	0	0	3	9
	ITALIANO	5	4	5	2	1	1	1	4	23

Conforme já exposto no capítulo de procedimentos metodológicos, a parte da entrevista lexical era feita depois de uma conversa livre, e da aplicação do questionário metalinguístico (conduzido em tom de conversa espontânea), para que os informantes não se sentissem, dentro do possível, "testados" em seus conhecimentos da língua de imigração. A preocupação do inquiridor neste aspecto era para que os informantes não se sentissem passando por uma prova oral, e isso gerasse desconforto, ansiedade, e viesse a interferir nos dados gerados.

As perguntas eram conduzidas em uma frase veículo, e todas na variedade minoritária. Todos os informantes selecionados eram bilíngues consecutivos ou simultâneos. Em São Carlos, todos os participantes falavam ativamente em alemão, e em Coronel Freitas, alguns dos informantes já não eram ativos no uso da língua italiana, mas mesmo assim foram capazes de compreender auditivamente a tudo, e proferir espontaneamente termos na variedade italiana local.

A partir destes quadros, com os totais de respostas em cada um dos três tempos (Espontânea, Insistência e Sugestão) nas variedades de imigração, observa-se que houve proximidade entre o total de termos gerados nas duas comunidades: 329 em alemão e 317 em italiano. Em alemão, foram 163 termos espontâneos, 42 por insistência e 124 por sugestão. Em italiano, levantamos 182 de forma espontânea, 10 por insistência e 125 por sugestão. Na insistência, o número foi significativamente maior de manifestações dos teutos que nos ítalos. Ressaltamos, no entanto, que pensamos haver a possibilidade de o número de termos em alemão ter sido maior, pois no áudio da coleta lexical em alemão,

houve o informante masculino da CbGI que se manifestou apenas três vezes: dizendo 2 termos de parentesco sanguíneo por insistência, (Vater/Alt)⁸⁶ e um de forma espontânea (Urwowwo).⁸⁷ E o informante da CaGI-M que não se manifestou nos termos de parentesco espirituais, em nenhum momento, nem em português.

Como exposto no capítulo de procedimentos metodológicos, em Coronel Freitas, todos os dados (questionário metalinguístico e questionário lexical) foram coletados pela pesquisadora. Porém, em São Carlos, o questionário metalinguístico foi aplicado para esta pesquisa, em parceria com membros deste grupo e um dos coordenadores do projeto, falante da variedade minoritária. Os dados lexicais foram extraídos do banco de dados do ALMA-H que estão armazenados em áudio. Assim, registramos os dados lexicais nos quadros sempre que ouvíamos os informantes se manifestarem. Porém, sabemos que na prática de campo ocorre um fenômeno: como a entrevista é feita em casais, quando um deles responde, e outro concorda, ou daria a mesma resposta, algumas vezes não a repete em voz alta, apenas gesticula afirmativamente com a cabeça, o que não é registrado em áudio. Assim, quando os dados são analisados por alguém que não seja o inquiridor, pode se deparar com este tipo de situação, que poderia ser neutralizada com gravações de recurso auditivo e visual simultaneamente.

Destacamos que analisamos esta situação de pesquisa, por fazer parte do trabalho, mas entendemos que a coleta de campo funciona desta forma heterogênea. Porém, pelo fato de estarmos fazendo um estudo qualitativo, nos é dada a oportunidade de fazermos uma importante reflexão e projeção para o futuro das pesquisas na área da dialetologia.

Destacamos que Krug (2017) tem trabalhado na ampliação de ferramentas de coleta de dados, com o desenvolvimento de um aplicativo, em que através do celular, informantes de diferentes localidades poderão participar de entrevistas online, em que as respostas gravadas são armazenadas no banco de dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (Oeste de Santa Catarina).

Voltando-nos à análise lexical, descrevemos a seguir alguns fenômenos observados. Primeiramente, gostaríamos de colocar que foi interessante observar que os informantes ítalos com frequência ouviam a pergunta em italiano, traduziam para o português (para pensarem a resposta em português), para só então traduzirem para italiano o termo de parentesco. Este movimento não foi observado com significativa

⁸⁶TRADUÇÃO: pai/velho

⁸⁷TRADUÇÃO: bisavô

incidência entre os teutos. Considerando as funções de uso das línguas de um bilíngue, proposto por Mackey (1972) é como se os ítalos conseguissem raciocinar mais em português que italiano, diferente dos alemães, que parecem estar mais habituados e mais "íntimos" da língua minoritária. Destacamos, no entanto, que quando referimo-nos a "ítalos" e "teutos" não intencionamos generalizar, e sim, relatar o que observamos entre as pessoas de cada um dos grupos que participaram desta pesquisa.

Um aspecto que nos fez refletir sobre os dados lexicais, é de que o italiano, por ser uma língua latina, há nela comumente a distinção de gênero nas palavras, mantendo o radical da palavra, e alternando a vogal que forma a desinência nominal. Por exemplo, a palavra tio em italiano (**zio**) e tia (**zia**). Já em alemão, este fenômeno não é tão recorrente se comparado ao italiano, pois variantes para tio na pesquisa foram: **Onkel, Unkel, Vetter**, e para tia **Tante, Bas, Boos**, não seguindo a dinâmica de apenas substituir a vogal de desinência nominal.

Levantamos este ponto, pois ao perguntarmos à informante ítalo-brasileira da CaGI-F como seria o termo para **padrinho**, ela não o soube dizer espontaneamente, na sugestão aceitou **sántolo**, porém ao perguntarmos como seria o termo para **madrinha**, ela espontaneamente proferiu **sántola**, nuance esta que nos faz questionar e especialmente refletir sobre a que ponto ela foi induzida a dar a resposta do substantivo feminino por ter há pouco ouvido **sántolo**, ou se foi porque ouvir esta palavra, ativou em sua memória o feminino deste termos de parentesco.

Situação similar experienciamos com o termo irmão e irmã: **fradel** e **sorela**, respectivamente. Porém, três informantes proferiram espontaneamente a palavra **fradela**, e não podemos afirmar nesta pesquisa se é um *mixing* da estrutura da língua portuguesa, que ao trocarmos o gênero de uma palavra alteramos a última vogal, ou se é uma palavra nova que se incorporou à língua italiana. Como pesquisadora, e natural do local, ressalto não lembrar de ter ouvido a palavra **fradela** até o momento da aplicação deste questionário, porém, três informantes a utilizaram. Estas nuances, e as fronteiras do ponto em que a resposta é uma indução ou realmente algo usado na variedade local, são por vezes turvas para um linguista, necessitando uma pesquisa e investigação mais aprofundada neste sentido.

Verificamos que os termos **compadre e comadre** eram desconhecidos na variedade alemã pelos teuto-brasileiros, eles inclusive não estão no roteiro de perguntas

do questionário lexical. Em conversas informais e anotações de caderno de campo, uma entrevistada, manifestou que:

[...] nunca tinha visto essa palavra até que meu irmão se casou com uma italiana e ela começou a chamar a gente assim: Oh, cumadre... oh cumpadre... daí foi quando aprendi o que era isso. (CaGI)

Assim como ocorreu para os teuto-brasileiros, com as palavras "compadre" e "comadre", também para os ítalo houve a incidência de um termo que pouquíssimos conheciam: **consogros**. Havia uma reação de estranhamento nos entrevistados ao ouvirem a pergunta e as sugestões lexicais. Apenas um informante (CaGI-F) aceitou na sugestão as palavras **consogros** em português, e **consogri** na variedade italiana. Os demais informantes afirmavam conhecer concunhado e concunhada, mas não eram familiarizados com o termo **consogro**, **consogra** e **consogros** em Pt., e **consuocero(a)**, **consuoceri** em talian.

Observamos, entre os ítalos, um aspecto interessante: alguns termos proferidos em uma situação de fala em talian, tinham como característica o radical da palavra em português, agregado da terminação "i". Como exemplo, encontramos as palavras: **mani** (irmão) dita pelo informante CbGI-M, **neti**, pelos dois informantes da CaGII, **sobrinhi**, proferida pelos informantes CaGII-F e CaGI-M, e **primi** pelo homem da CbGII.

Elencadas e apresentadas algumas observações acerca de fenômenos verificados durante a coleta e manipulação dos dados referentes ao questionário lexical, passamos agora a uma análise sobre estes dados. O foco é averiguar a manutenção dos termos de parentesco dentro das dimensões da dialetologia pluridimensional elencadas para esta pesquisa: diastrática, diageracional e diagenérica.

Verificaremos primeiramente o grau de manutenção dos termos de parentesco dentro das dimensões citadas no parágrafo anterior, em cada uma das cidades (São Carlos e Coronel Freitas). Em seguida, relacionaremos os resultados entre as comunidades para uma comparação entre os teuto e os ítalo-brasileiros. Para uma melhor visualização, ilustraremos estes resultados (baseados nas respostas espontâneas) em gráficos, dispostos no item a seguir.

5.3 Resultados e análises sobre a aplicação dos termos de parentesco (questionário lexical)

Neste item, apresentaremos os resultados da aplicação dos termos de parentesco. Para esta pesquisa, trabalharemos as dimensões consideradas *standard*: dimensão diastrática, diagenérica, diageracional.

Dentro destas dimensões está imbuída a análise de contatos linguísticos entre a variedade do português presente nas cidades pesquisadas, somado às variedades minoritárias, e por isso, a dimensão dialingual também constitui esta pesquisa. A subsequente relação dos dados entre os dois pontos pesquisados (São Carlos e Coronel Freitas) está descrita no trabalho.

Os dados lexicais foram coletados, e serão descritos e analisados guiados por esta estratificação, que delinea uma pesquisa qualitativa, e permite ao pesquisador um aprofundamento "vertical", ou seja: a consideração de diferentes estratos sociais em uma mesma comunidade. Faremos também, o movimento horizontal de comparação entre as duas comunidades elegidas para esta pesquisa, uma das essências da dialetologia, que busca a relação e comparação dos diferentes modos de uso da(s) língua(s) em mais de um ponto geográfico. Cada uma das dimensões serão expostas em sub-itens, conforme apresentamos nos números de tópicos a seguir:

- b) **5.3.1** dimensão diastrática;
- c) **5.3.2** dimensão diageracional;
- d) **5.3.3** dimensão diagenérica (ou diassexual);
- e) No **5.3.4** apresentamos uma visão comparativa nas duas comunidades de pesquisa, ou seja: o percentual do uso de termos de parentesco nas línguas minoritárias em cada comunidade;
- a) No **tópico 5.3.5** apresentaremos o percentual de uso dos diferentes tipos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual) em cada cidade pesquisada;

Em cada um destes tópicos, que enfoca sempre uma das dimensões da dialetologia pluridimensional (não todas, mas as elegidas para esta pesquisa),

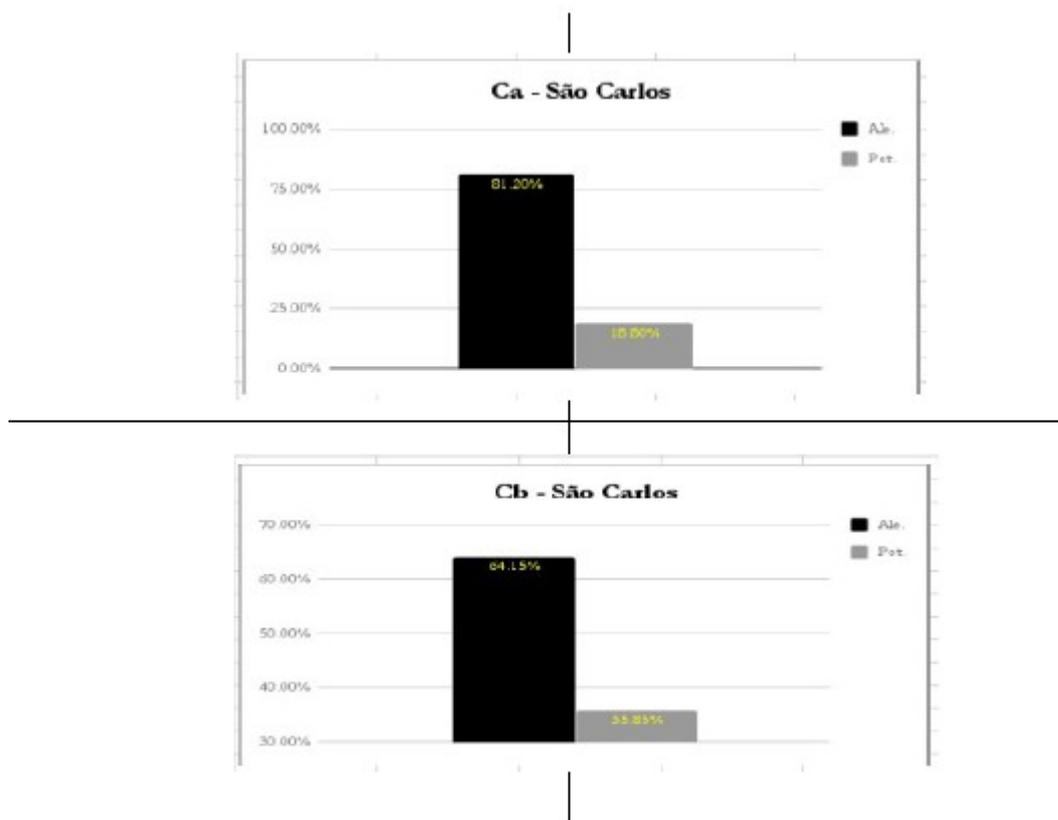
descreveremos e analisaremos o resultado de São Carlos e Coronel Freitas separadamente, e em seguida, faremos uma comparação, relacionando os resultados de cada dimensão entre as duas cidades.

5.3.1 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Esta dimensão trabalha com o parâmetro da classe sociocultural, designada por Classe alta-Ca e Classe baixa-Cb (THUN, 2010). Esclarecemos, que por mais que estes termos possam remeter estritamente à condição financeira dos informantes, referem-se exclusivamente ao grau de instrução, em que a Ca configura-se por pessoas que ingressaram no ensino superior, e a Cb, pelos que frequentaram a educação básica (até o ensino médio).

Iniciamos pela descrição dos dados de São Carlos/SC. No gráfico 1 observa-se que a Ca apresenta um grau de manutenção de 81,20% da variedade alemã, e a Cb de 64,15%. A Classe alta aplicou 18,80% dos termos de parentesco em português, e a Classe baixa 35,85%. Isto nos mostra que a Classe alta tem, em relação à classe baixa, um maior nível de manutenção dos termos de parentesco na língua minoritária, 17,05% a mais de manutenção em Alemão. Para melhor visualização, apresentamos a seguir os dois gráficos dentro da Cruz proposta por THUN (2010):

Gráfico 1: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diastrática em São Carlos:

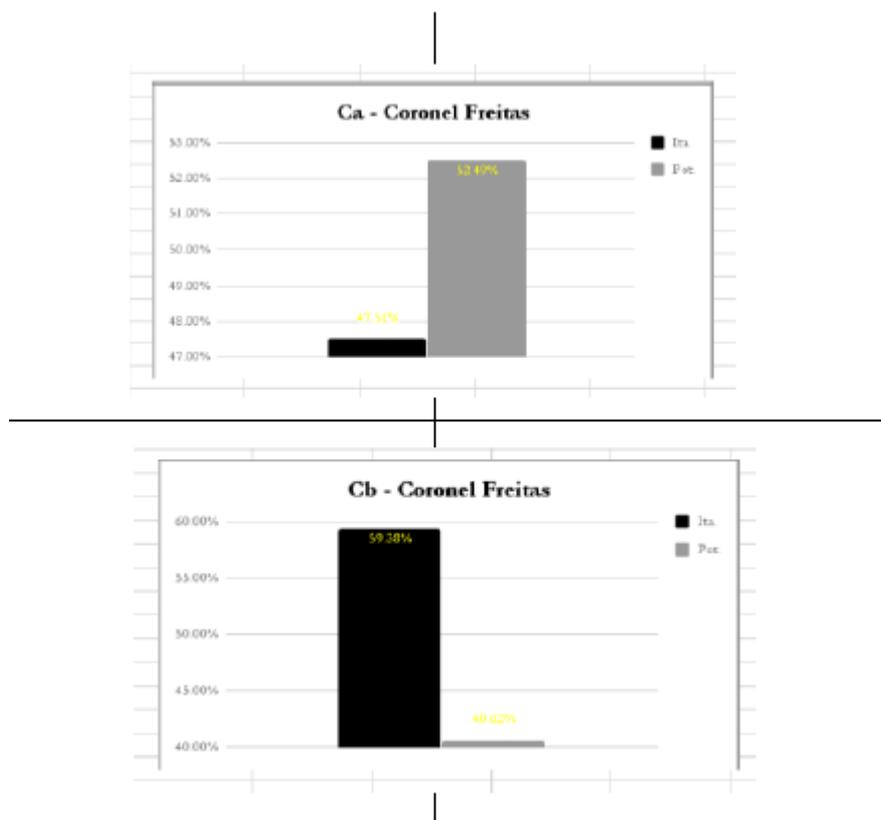


Fonte: Dados do ALMA-H

Apresentamos na sequência os resultados desta mesma dimensão entre os ítalo-brasileiros de Coronel Freitas, para uma verificação da manutenção e substituição do uso dos termos de parentesco na variedade minoritária desta localidade.

Conforme será ilustrado nos gráficos que se apresentarão na sequência, entre os ítalo-brasileiros ocorre o fenômeno inverso aos teutos: enquanto que em São Carlos, é a Ca que apresenta um maior grau de manutenção de termos de parentesco, em Coronel Freitas são os informantes da Cb quem mais mantém: A Ca apresentou 47,51% de manutenção dos termos de parentesco em Italiano, e 54,49% de substituição, enquanto que os dados da Cb apontaram 59,38% de manutenção em italiano, e 40,62% em português. Observa-se, deste modo, que a Cb em Coronel Freitas apresenta 18,76% a mais de manutenção dos termos em italiano, enquanto que a Ca um índice de 4,98% maior de uso dos termos em português local.

Gráfico 2: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diastrática em Coronel Freitas:



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por BERNIERI (2017)

Pesquisas também realizadas no oeste catarinense, orientadas pelos preceitos da dialetologia pluridimensional, que estudaram a manutenção dos termos de parentesco em Ale. e Ita. em outras localidades, também apontaram para resultados similares ao desta pesquisa. Na pesquisa de Wehrmann (2016) sobre o Ale. em Tunápolis e Cunha Porã, identificou-se que a Ca mantém mais o alemão falado nas localidades. Porém, em um estudo sobre manutenção e substituição dos termos de parentesco em talian, em Chapecó, Bortolotto (2015) constatou que a Cb, ou seja, a classe baixa foi a célula que mais manteve os termos de parentesco na variedade italiana pesquisada.

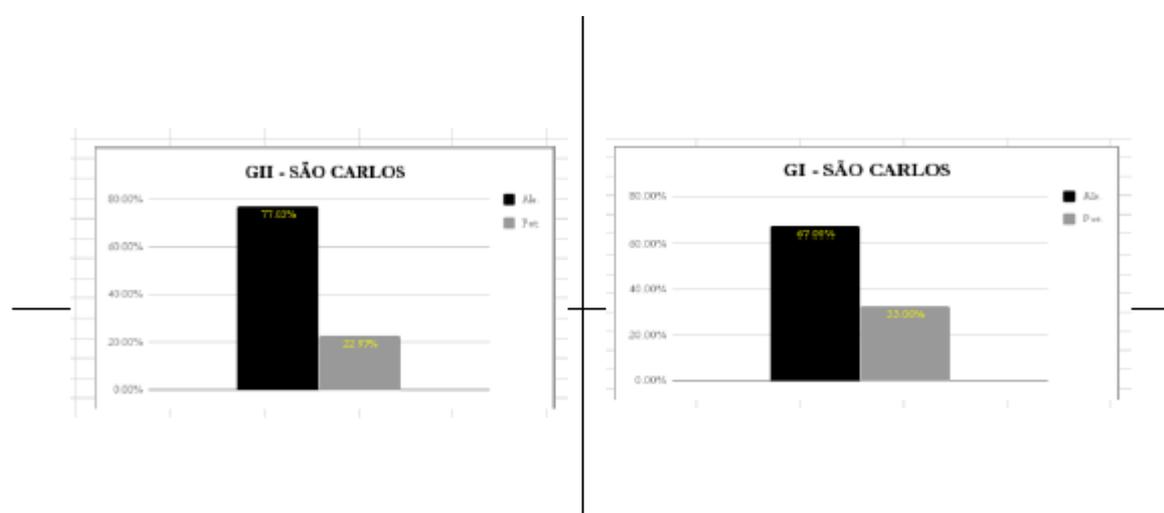
Apresentados os resultados do questionário lexical, cujo enfoque foi a dimensão diastrática, passaremos para a descrição dos resultados da dimensão diageracional, cujo enfoque são as distintas gerações: GII (Info. de 18 a 36 anos) e GI (Info. a partir de 55 anos). Ressaltamos que na comunidade de Coronel Freitas, há muitos membros na faixa de 80 e 90 anos de idade, que usam muito a variedade de imigração, ao ouvi-los é muito perceptível o constante *code-mixing* na fala destas pessoas, porém, entre pessoas de 55

anos e pessoas de 90 há 35 anos de intervalo, um intervalo tão grande quanto a primeira e segunda geração, que são de 19 anos. Por isso, optamos por informantes da GII com idades próximas nas duas cidades, entre 55 e 70 anos de idade, para uma melhor (se de fato é possível) "homogeneização" no perfil dos informantes. Pois, parece-nos que estaríamos trabalhando com três, e não duas gerações.

5.3.2 Dimensão diageracional

Em relação à dimensão diageracional, observou-se que em São Carlos-SC a GI manteve 67% dos termos em Ale., e 33% deles foram substituídos para o Pt. A GII, apresentou maior manutenção em Ale., com um resultado de 77,03% de manutenção, e 22,97% de substituição. Estes dados demonstram que na GII se concentra um maior grau de manutenção dos termos na variedade minoritária.

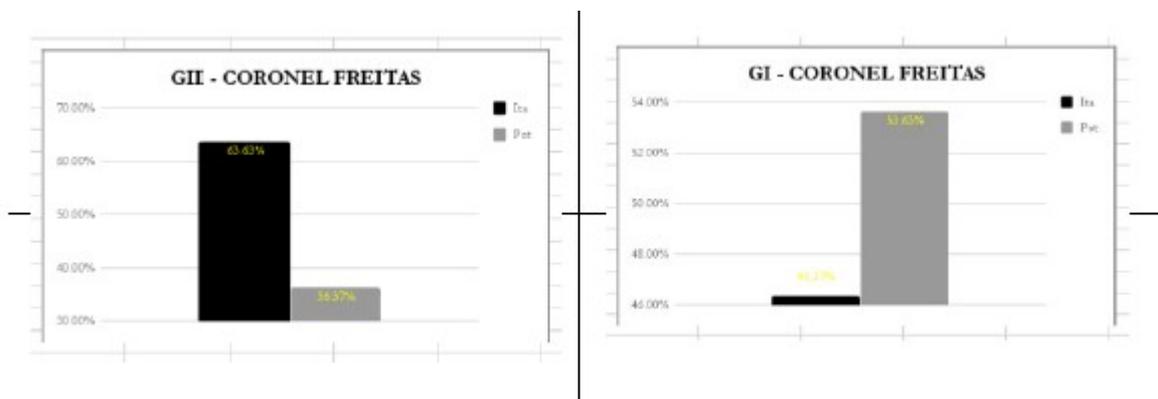
Gráfico 3: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diageracional em São Carlos:



Fonte: Dados do ALMA-H

Em Coronel Freitas-SC também foi a GII que apresentou maior grau de manutenção dos termos de parentesco na língua de imigração: a GII obteve um percentual de 63,63% de manutenção na variedade italiana e 36,37% de substituição. A GI, no entanto, apontou um maior nível de substituição, em que a maior parte dos termos foram proferidos em português, com resultados que demonstraram que entre os Info. da GI, 46,37% dos termos foram na variedade de imigração, e 53,63% foram substituídos em português. A seguir, podemos visualizar estes resultados apresentados em gráficos:

Gráfico 4: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diageracional em Coronel Freitas:



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por BERNIERI (2017)

Comparando os resultados entre os teutos e ítalos, percebe-se, nesta dimensão, uma maior manutenção dos termos de parentesco na variedade de imigração alemã. Nas duas comunidades foi a GII que apresentou um grau de manutenção maior, (77% em São Carlos-SC e 63,63% em Coronel Freitas-SC). A GI de São Carlos apresentou 67% de manutenção dos termos em alemão, e entre os ítalos da GI, o índice é menor, (46,37%).

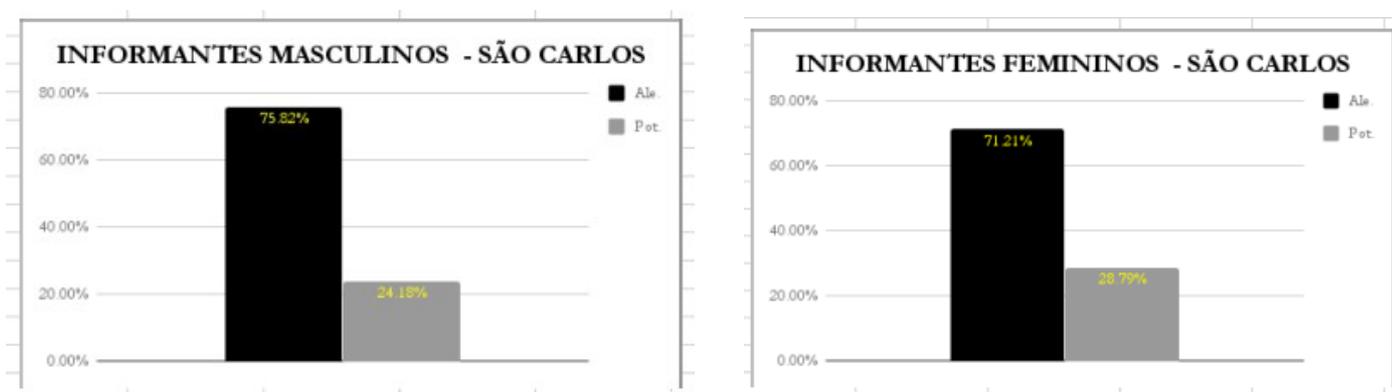
Bortolotto (2015) e Wehrmann (2016) realizaram suas pesquisas com enfoque em uma variedade; talian (de Chapecó-SC e Pato Branco-PR) e Ale. (de Tunápolis-SC e Cunha Porã-SC), respectivamente. E os resultados apontaram que os dados do talian em Chapecó-SC, levantados por Bortolotto (2015) aponta que é também a GII que mais mantém a variedade de imigração quando comparada à GI do mesmo grupo. Na pesquisa de Whermann, ao contrastarmos as duas gerações, temos o mesmo fenômeno: é na GII que encontramos um maior grau de manutenção.

Descritos aspectos de manutenção do grupo de teutos e ítalos, nas dimensões diastrática e diageracional, e comparados estes resultados com outras duas pesquisas sobre variedade italiana e alemã na região oeste de Santa Catarina, passaremos agora a uma análise da dimensão diagenérica (uso dos termos entre homens e mulheres), seguindo este mesmo direcionamento elegido para a apresentação dos resultados da distintas classe sociais e faixa-etárias dos grupos pesquisados.

5.3.3 Dimensão diagenérica

No que se refere à dimensão diagenérica, observa-se, entre os teutos, que os resultados para a manutenção dos termos em Ale. são bastante próximos: 75.82% entre os informantes M, e 71.21% entre informantes F. E os resultados apontaram para 24,18% de substituição para o português entre os homens, e 28,79% entre as mulheres, conforme podemos conferir nos gráficos a seguir:

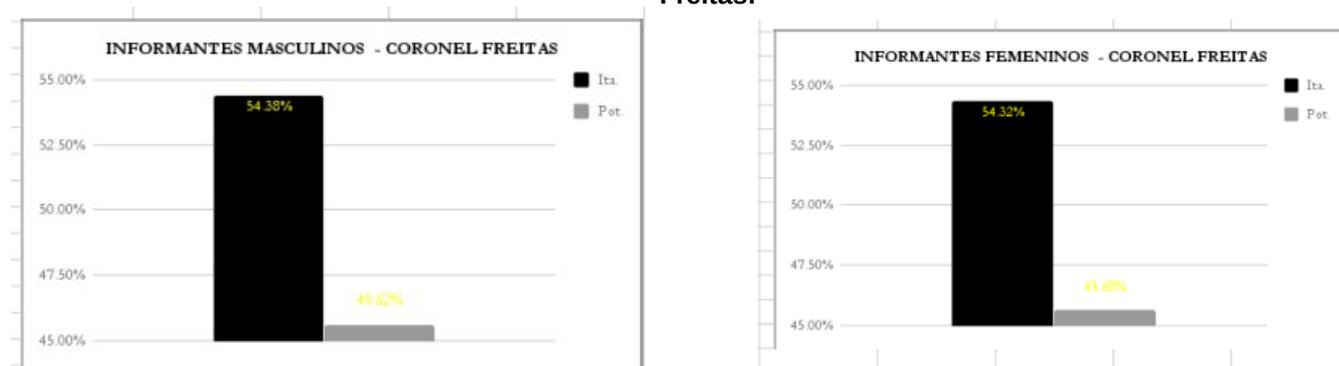
Gráfico 5: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diagenérica em São Carlos:



Fonte: Dados do ALMA-H

Assim como verificado em São Carlos, em Coronel Freitas não há significativa diferença nos resultados de manutenção da variedade minoritária no que concerne à dimensão diagenérica/diassexual. Os resultados são expressivamente parecidos: entre os homens, a manutenção na variedade minoritária é 54.38% e entre as mulheres o resultado é de 54.32%.

Gráfico 6: Dados das aplicações dos termos de parentesco Dimensão Diagenérica em Coronel Freitas:



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por BERNIERI (2017)

Ao contrapormos os dois grupos, percebe-se que entre os ítalos há um grau de substituição maior dos termos para o Pot., pois cerca de 45% dos termos foram usados na língua portuguesa local, enquanto que entre os teutos, este percentual manteve-se na média de 26%.

Nas duas pesquisas já mencionadas, (Bortolotto 2015 e Whermann 2016), que retrataram a dinâmica de manutenção e substituição dos termos de parentesco em variedade italiana e alemã presentes no oeste de Santa Catarina, encontramos os seguintes resultados: Segundo Bortolotto (2015) em Chapecó, o percentual de uso dos termos na variedade italiana, pelos homens, foi de 32% e pelas mulheres de 28%. Os resultados da pesquisa de Whermann (2016, p.103) apontaram que "os dados indicam que as mulheres apresentam 1% a mais nos termos em Ale. do os homens [...]. Demonstrando, desta forma, não haver grande disparidade no percentual de uso quando pensamos na dimensão diagenérica. Esta diferença nos percentuais é maior quando contrastamos as diferentes gerações, fenômeno também constatado na pesquisa de Horst (2011,p.200)⁸⁸ que apresentou que "os termos em Pt. se fazem cada vez mais presentes, especialmente nas gerações mais jovens." E também, ao contrastarmos as diferentes classes, com um aspecto particular a cada comunidade, conforme já apresentado: nos teutos, a Ca tem maior manutenção, enquanto que para os ítalos, é a Cb.

Descrevemos, então, a dinâmica de uso dos termos de parentesco (através das respostas espontâneas) nas dimensões diastrática, diageracional e diagenérica em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC, e relacionamos os resultados entre as duas comunidades. Além de trabalhar com esta comparação diatópica, nestes dois pontos elegidos para este trabalho, dialogamos os resultados que obtemos com outras duas pesquisas recentemente realizadas na região do Oeste Catarinense, cujo direcionamento teórico-metodológico também foi a Dialetoologia Pluridimensional, e cujo enfoque foram as variedades italiana (talian) em Chapecó, e o alemão falado em Tunápolis e em Cunha Porã. Estas pesquisas, retratam e evidenciam a pluralidade linguística nesta região do estado, que tem sido registrada através de trabalhos realizados para o Atlas das Línguas em Contato na Fronteira no Oeste Catarinense- ALCF-OC.

No que concerne aos dados da pesquisa dos termos de parentesco, até o momento descrevemos e analisamos os resultados dentro das dimensões selecionadas

⁸⁸A pesquisa objetivou analisar o processo de lusitanização ocorrida com teuto-brasileiros, falantes de variedade minoritária alemão Hunsrückisch em Colinas-RS.

para esta pesquisa. Esta descrição apresentou dados do percentual de uso dos termos de parentesco ilustrados em gráficos. A partir de agora, relacionamos estes resultados entre as duas comunidades que estamos estudando (São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC), e dialogamos estes resultados com os obtidos em outras duas pesquisas que também tiveram como foco o estudo de uma variedade Italiana (Talian em Chapecó) e da variedade de alemão falado em Tunápolis e Cunhaporã, ambas no oeste Catarinense. Esta compração foi possível pois as pesquisas seguiram os memos preceitos teórico-metodológicos propostos pela Dialetologia Pluridimensional.

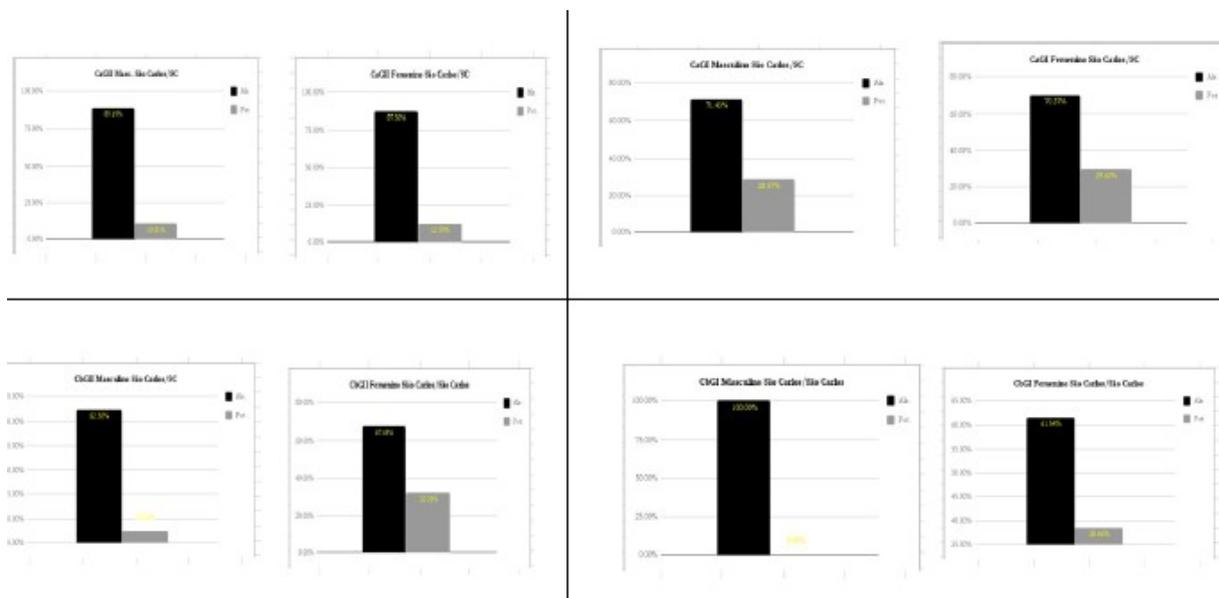
Descritos, analisados e relacionados o conhecimento e uso dos termos de parentesco dentro das dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e diatópica, passaremos agora à uma visualização do conhecimento, uso e manutenção dos diferentes tipos de parentesco: sanguíneo, de aliança e espiritual entre os teuto e ítalo-brasileiros, também pautado nos resultados das respostas obtidas espontaneamente.

5.3.4 Percentual do uso dos termos de parentesco em São Carlos e Coronel Freitas: uma comparação entre as duas cidades.

No item 5.2 desta pesquisa, apresentamos três quadros que ilustram os totais de respostas obtidas referentes aos termos de parentesco nas variedades minoritárias e no português falado nas comunidades pesquisadas. Eles estão expostos em três quadros, pois cada um deles ilustra as respostas obtidas em cada um dos três tempos utilizados na metodologia de coleta de dados nesta pesquisa: resposta espontânea, por insistência e por sugestão.

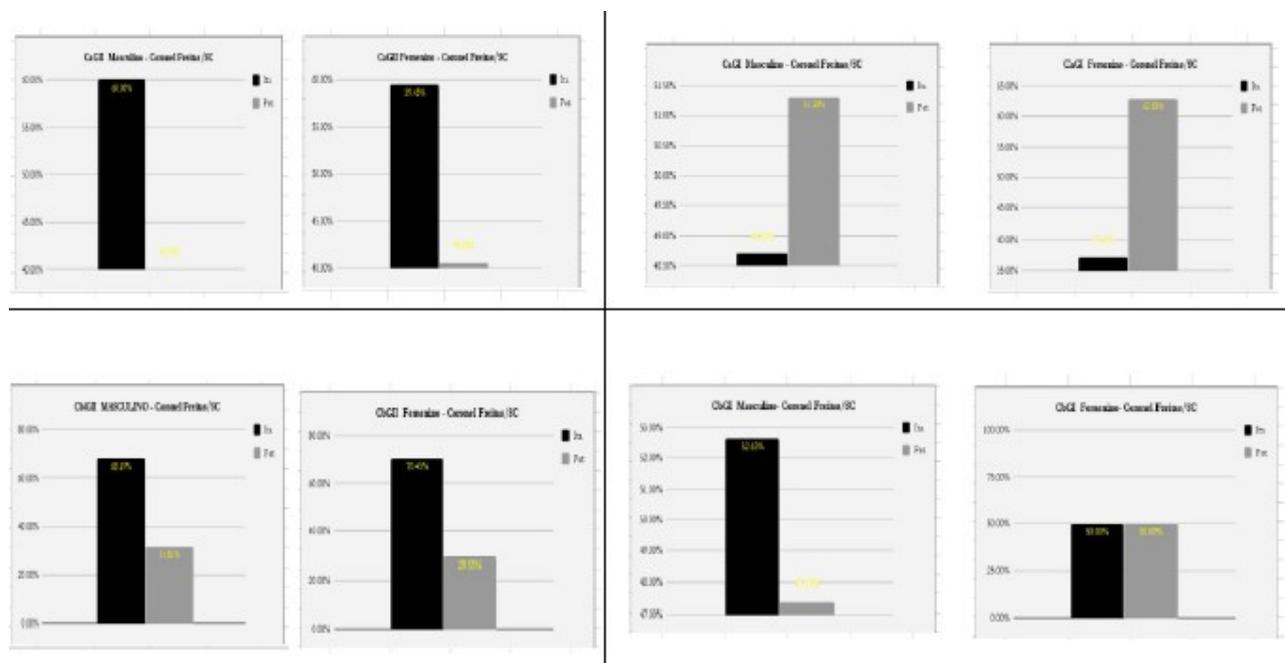
Partindo dos números expostos no quadro dos totais de respostas espontâneas, elaboramos os gráficos que há pouco apresentamos sobre as dimensões. Neste momento, vamos expor, através da Cruz de Thun (2010), estes resultados (porcentagens) cruzando dados das dimensões diastrática, diageracional e diagenérica nas quatro células que compõe a cruz. Organizamos os dados dos teutos e dos ítalos em uma cruz para cada cidade pesquisada, representando resultados de cada informante, nas respectivas células:

Gráfico 7: Dados dos resultados da aplicação dos termos de parentesco Sanguíneo, Espiritual e de Aliança em São Carlos/SC



Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

Gráfico 8: Dados dos resultados da aplicação dos termos de parentesco Sanguíneo, Espiritual e de Aliança em Coronel Freitas/SC



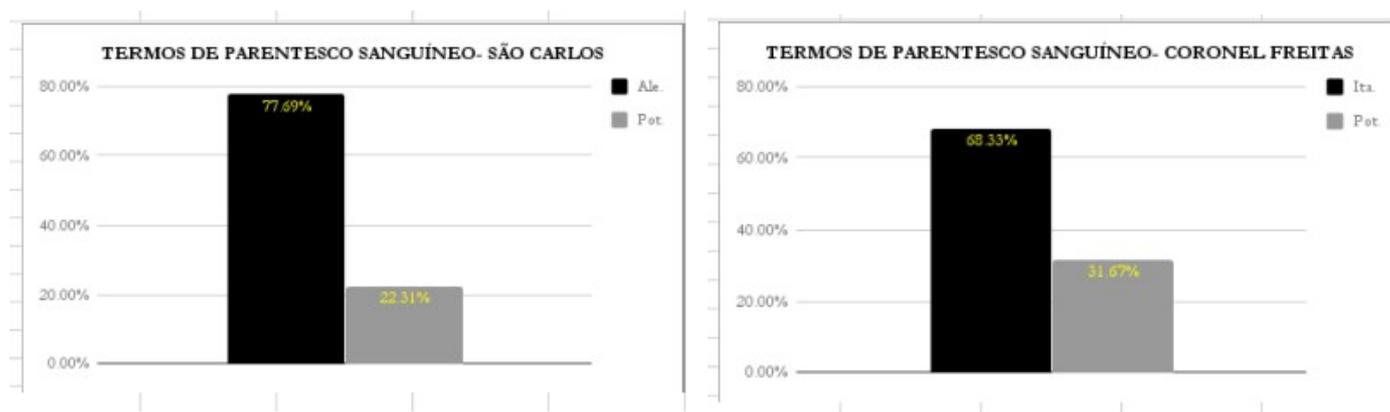
Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

A partir de agora, verificaremos a manutenção dos termos, considerando os diferentes tipos de parentesco: sanguíneo, espiritual, e de aliança entre os teutos e os ítalos, apresentados no item a seguir.

5.3.5 Uso dos termos sanguíneo, de aliança e espiritual

Nos termos classificados como sanguíneo, os totais de respostas espontâneas entre os teutos foi 130 itens lexicais. Destes, 101 foram proferidas na variedade alemã, e 29 em português local. Entre os ítalos, obtivemos um total de 180 respostas, sendo 123 na variedade italiana, e 57 em português. O número de termos ditos na variedade minoritária foi maior entre os ítalo-brasileiros, que disseram 123, comparados às 101 respostas na variedade minoritária manifestadas pelos teutos. Porém, ao considerarmos o total de respostas (somando as proferidas nas duas línguas) e realizando o cálculo de porcentagem, verifica-se que são os teutos que tem um maior grau de manutenção dos termos de tipo sanguíneo: 77.69% de manutenção em alemão em São Carlos/SC, e 68.3% de manutenção em italiano em Coronel Freitas/SC, conforme apresentado nos gráficos a seguir:

Gráfico 9: Dados dos termos de parentesco sanguíneo em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC:

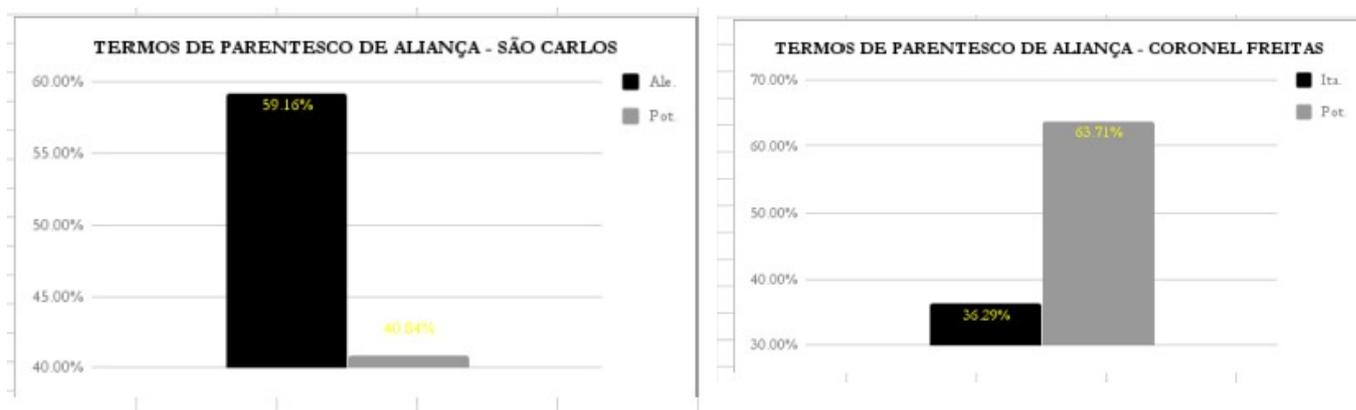


Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

Nos termos classificados como de aliança, os totais de respostas espontâneas entre os teutos foi 71 itens lexicais. Destes, 42 foram proferidas na variedade alemã, e 29 em português local. Entre os ítalos, obtivemos um total de 124 respostas, sendo 45 na variedade italiana, e 79 em português. O número de termos na variedade minoritária foi

novamente maior entre os ítalo-brasileiros, que disseram 45, comparados às 42 respostas na variedade minoritária manifestadas pelos teutos. Porém, o número de palavras em português foram disparadamente mais usadas pelos ítalos, que apresentaram 79 respostas em português, contrapostas a 29 usadas pelos teutos, nesta mesma língua. Novamente, consideramos o total de respostas (somando as ditas em língua minoritária e em português de cada localidade,) e realizamos o cálculo de porcentagem. Com isso, verificamos novamente que são os teutos que tem um maior grau de manutenção dos termos de parentesco por aliança, com um resultado de 59.16%, de manutenção em alemão em São Carlos/SC, e 36.29% de manutenção em italiano em Coronel Freitas/SC, conforme apresentado nos gráficos a seguir:

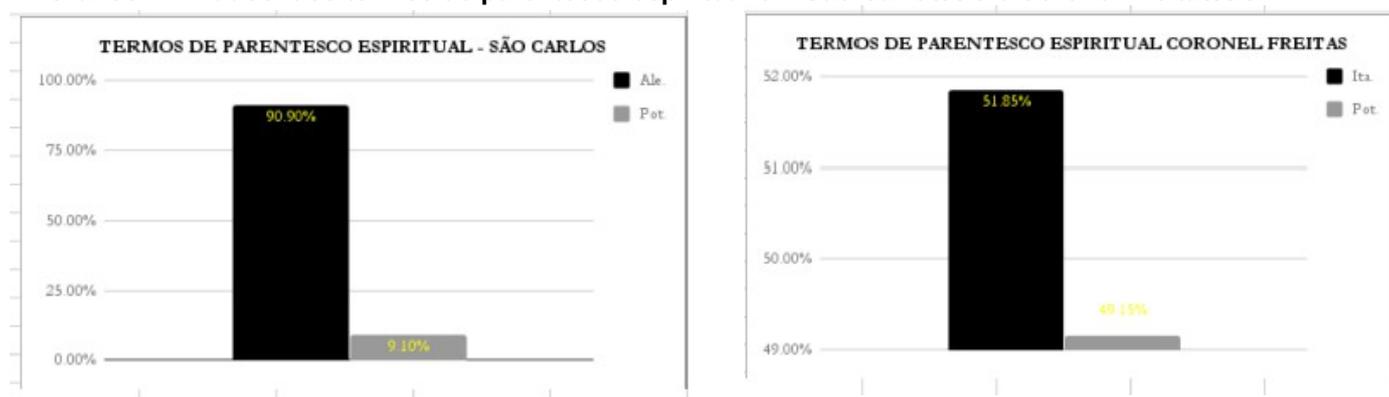
Gráfico 10: Dados dos termos de parentesco de aliança em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC:



Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

Nos termos espirituais, os totais de respostas espontâneas entre os teutos foi 22 itens lexicais. Destes, 20 foram proferidas na variedade alemã, e 2 em português local. Entre os ítalos, obtivemos um total de 27 respostas, sendo 14 na variedade italiana, e 13 em português. O número de termos na variedade minoritária foi maior entre os teutos, que disseram 20 palavras em alemão, e os ítalos 14 em sua língua de imigração. Neste grupo de termos de parentesco, novamente são os teutos que apresentam um maior grau de manutenção: 90.90% de manutenção na língua de imigração, enquanto que os ítalos apresentaram uma manutenção de 51,85%, conforme ilustrado no gráfico a seguir:

Gráfico 11: Dados dos termos de parentesco espiritual em São Carlos/SC e Coronel Freitas/SC:



Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

Descritos os resultados relativos à manutenção de cada categoria de termo de parentesco, observa-se de forma clarividente que são os teuto-brasileiros o grupo étnico que mais mantém estes itens lexicais na variedade minoritária, com uma média de manutenção, entre as três categorias, de 75,91%. Neste sentido, os ítalo-brasileiros apresentam um média de manutenção (também nos três tipos de parentesco) de 52,15%. Com estes dados, é significativo destacar que em ambos grupos o resultado de manutenção na língua minoritária é superior a 50%. Até o momento, não temos conhecimento de outros estudos que comparem a manutenção linguística destes dois grupos étnicos,

Em pesquisa desenvolvida por Krug (2004) que investigou, segundo o autor, "o papel da língua na constituição da identidade e etnicidade dos grupos de base imigrante em contato em uma comunidade rural multilíngue em português, italiano e alemão de Imigrante, no Rio Grande do Sul", constatou-se algo semelhante:

Os resultados da pesquisa nos levaram a constatar que a língua continua sendo um dos principais fatores de identificação entre os alemães, italianos e luso-brasileiros, e que tal se manifesta de forma múltipla e variável nas relações sociais da comunidade plurilíngue. Revelou-se também que a constituição da identidade quanto ao uso e à manutenção/sustituição da língua é mais forte entre os descendentes de alemães que entre os descendentes italianos. (KRUG, 2004).

Ao longo deste capítulo de análises, descrevemos e analisamos dados oriundos do questionário metalinguístico e lexical. O primeiro, focou na crença dos informantes sobre as línguas minoritárias, e o segundo, as atitudes linguísticas, através do conhecimento e

uso dos termos de parentesco. No próximo item deste trabalho, relacionaremos crenças e atitudes, pautando-nos nos resultados recém apresentados.

5.4 RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES

Neste item, apresentamos algumas considerações sobre a relação entre crenças e atitudes, a partir dos dados descritos nestes capítulo.

Na primeira parte do questionário (metalinguístico), os informantes relataram a relação que têm com a variedade de imigração: com quem, como aprenderam, quando e se a utilizam, bem como opiniões acerca desta língua, no que tange considerar ou não a importância da transmissão desta variedade, e a relação afetiva com a mesma.

Na segunda parte, levantamos o uso e manutenção dos termos de parentesco nas variedades de imigração em São Carlos e Coronel Freitas, indicando, dentro deste recorte lexical, o conhecimento e uso das variedades nas comunidades.

Com estas duas partes separadamente descritas neste capítulo, faremos, neste item, uma relação e comparação entre as crenças (questionário metalinguístico) e atitudes (questionário lexical) entre os dois grupos étnicos.

Importante ressaltar que na forma em que está estruturado a primeira parte do questionário, pudemos captar com ele não exclusivamente a componente cognitiva e afetiva das atitudes, mas também a projeção do comportamento (componente conativa), conforme apresentado por Kaufmann (2011). Pois, ao questionarmos se achavam importante a manutenção da língua, trabalhamos a componente cognitiva, ao indagarmos sobre a língua que mais gostavam, obtínhamos o reflexo da componente afetiva, e ao perguntarmos que língua usavam, abordávamos a componente conativa, que é o ponto em que crenças e valores são transformados em intenções comportamentais.

De forma sumária, registramos aqui algumas observações, nesta dialética entre crenças e atitudes de ambos grupos: os teuto-brasileiros sentem-se muito mais "alemães" que brasileiros, enquanto que os ítalo-brasileiros sentem-se mais brasileiros que "italianos". E de fato, se pensarmos na relação entre língua e identidade, o primeiro grupo tem uma relação de mais uso com a variedade de imigração, no sentido de que as duas gerações pesquisadas utilizam ativamente a variedade, e os domínios de uso excedem o contexto familiar, aspecto este que não ocorre tão comumente entre os ítalos. Estamos, nesta breve percepção, inferindo a relação entre língua e identidade, porém, muito tem a

se explorar no sentido de pesquisas sobre esta relação e aspecto nas comunidades alvo deste trabalho, pois conforme já apontado por Santana (2012, p.49) "muito se tem a explorar no que diz respeito à relação entre cultura e língua, em face da construção de uma identidade cultural".

Um segundo aspecto que gostaríamos de apontar, é que os ítalos disseram gostar mais da variedade de imigração que os teutos. Cinco ítalos disseram preferir o *talian*, enquanto que três teutos disseram preferir mais o Ale. Porém, ao questionarmos em que língua costumam falar mais, e a língua que utilizam em diferentes situações, os informantes de São Carlos utilizam muito mais o Ale. que os informantes de Coronel Freitas o *talian*.

E, esta maior dominância e constância de uso da variedade Alemã entre os teutos e do *talian* entre os ítalos, é refletida em um maior grau de manutenção dos termos de parentesco em São Carlos, conforme observamos no quadro abaixo, que descreve a dimensão analisada, e o percentual de termos de parentesco mantidos nas variedades de imigração em cada comunidade:

Quadro 25: Percentual de manutenção dos termos de parentesco nas variedades minoritárias

Dimensão	Teuto-brasileiros (São Carlos)	Ítalo-brasileiros (Coronel Freitas)
Ca	81,20%	47,51%
Cb	64,15%	59,38%
GI	67%	46,37%
GII	77,03%	63,63%
Informantes Masculinos	75,82%	54,38%
Informantes Femininos	71,21%	54,32%

Fonte: Dados do ALMA-H e do ALCF:OC

Outro aspecto relevante é o posicionamento dos informantes frente a um processo de substituição. O ítalos parecem mais "lenientes" a isso, considerando dominância do português como resultado de um processo natural, em que, segundo eles, não se fala *talian* porque não há muitos contextos que oportunizem a prática da língua na comunidade. Porém, as declarações dos teutos eram mais firmes, no sentido de não concordaram ou aceitaram isso com a mesma tranquilidade que os ítalos.

É muito interessante observar que por mais que não pareça haver na comunidade de ítalos um engajamento em prol da manutenção do uso da variedade minoritária,

observa-se, mais intensivamente em algumas dimensões, uma manutenção dos termos de parentesco na variedade minoritária, como é o caso da CB e GII.

Destacamos que o trabalho se desenvolveu no sentido da abordagem mentalista das atitudes, em que vão da mente para ação, ou seja: através do que o indivíduo avalia sobre o objeto, podemos desenvolver uma projeção a seu comportamento. (KAUFMANN, 2011). Esta vertente é diferente da abordagem comportamental que implica nos estudos de comportamento, mas, segundo Fasold (1984, p.147 apud Parianou 2009), "não podem ser usados para predizer outros tipos de comportamentos".

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, da dialética realizada entre as leituras, observação participante (caderno de campo) e levantamento e análise dos dados para este trabalho, percebemos o quão fundamental é a compreensão de crenças. Trazemos este aspecto, no sentido de que analisar as crenças de um grupo é parte de um diagnóstico da área em que venha a se desenvolver futuros projetos de revitalização e/ou incentivo a manutenção. A importância disto é devido ao fato de que crenças e atitudes são uma relação convencional (TRUDGILL, 2000), que podem ser ajustadas e reajustadas pelos indivíduos ao longo de sua vida. E, reconhecer esta dinâmica entre crenças e atitudes que perpassam em uma comunidade, são compreender as bases em que muitas vezes comportamentos são sustentados. Isto significa compreender o solo em que se precisa trabalhar, e em que sentido, para que os frutos do incentivo a diversidade linguística sejam colhidos, e transformem-se em uma cultura que perpetue.

5.5 Considerações sobre Crenças Linguísticas de Informantes de Chapecó, com Formação em Pedagogia, e Atuação na Educação Infantil

Os dados e as análises que constituem este trabalho foram fundamentados no ensejo de pesquisar sobre crenças linguísticas em relação a variedades de imigração presentes no oeste catarinense, configuradas, neste cenário, como línguas minoritárias. Conforme o leitor acompanhou ao longo da discursividade deste trabalho, o enfoque foi em uma variedade de italiano presente em Coronel Freitas, e Alemão em São Carlos.

Assim, a proposta do trabalho foi descrever e analisar crenças de indivíduos bilíngues nas duas comunidades e relacioná-las, para uma maior compreensão deste fenômeno enredado de aspectos linguísticos, históricos e psico-sociais. Porém, como já apresentado em um dos objetivos que norteiam este trabalho, uma questão que buscamos investigar é crenças linguísticas sobre bilinguismo infantil entre um grupo de informantes docentes.

Este grupo foi uma célula que criamos para suprir um dos objetivos de pesquisa deste trabalho, que para tanto, buscou informantes que não sejam membros bilíngues das duas cidades alvo desta pesquisa. Houve a participação de quatro pedagogas que atuam na educação infantil. Duas informantes são colegas e têm contato com crianças haitianas, na rede pública de educação. As outras duas informantes, também colegas de trabalho, atuantes da rede privada de ensino, tiveram contato com crianças falantes de alemão.

Os dados com este grupo foram levantados através de entrevistas constituídas por cinco perguntas oriundas do questionário de crenças aplicado para os bilíngues teutos e ítalos. Enquanto que para os bilíngues as perguntas foram aplicadas nas variedades minoritárias, para os informantes docentes, aconteceram na variedade do português falado em Chapecó.

Esclarecemos, todavia, que o objetivo maior desta parte da pesquisa não é focar em um direcionamento cujo cunho seja a Linguística Aplicada, noção esta que poderia ser induzidamente criada ao leitor. Não nos propomos a isto, pois tal temática indubitavelmente carece de uma maior atenção e profundidade, que por questões de objetivos propostos para este trabalho, e conseqüente aspectos metodológicos, não cabem aqui.

Assim, esta parte do trabalho traz uma sucinta noção, descrição e análise sobre crenças deste grupo de docentes, que abordaremos como um grupo de controle na configuração deste trabalho, pois docentes são antes cidadãos e pertencentes a uma sociedade que lapida, através de convenções, valores e crenças de seus membros.

A primeira pergunta era se achavam importante que os filhos aprendessem a língua falada em casa, pelos pais. Nesta pergunta, os quatro informantes se posicionaram a favor deste processo, e dois deles realçaram os benefícios da plasticidade do cérebro da criança, noção esta já apresentada como benéfica por Ramirez e Gibbons (2004), que a mencionam como "flexibilidade cognitiva", que é um solo fértil para aquisição de mais de uma língua. Neste sentido, uma das informantes explana este posicionamento ao afirmar que:

Penso que é fundamental, é muito muito muito importante que a criança aprenda uma segunda língua sim, principalmente desde pequenininha porque a gente sabe que de acordo com estudos, é nos primeiros anos que se formam mais conexões, mais sinapses ali que permitem com que a criança aprenda mesmo, por isso eu penso que quanto antes aconteça o contato com uma segunda língua, melhor, né porque vai ser mais fácil, é uma terra mais fértil ainda... o cérebro da criança, quanto menor, melhor. Por isso penso que além do português é muito importante que as crianças aprendam uma outra língua, que daí a escolha dos pais, seja qual ela for, mas é uma oportunidade que não pode deixar passar. (professora A)

Um segundo motivo, apontado pelas outras duas informantes participantes da pesquisa, foi a relação entre língua, cultura e identidade, como verificamos no depoimento a seguir:

É pela origem, para continuar a tradição, continuar a origem, pra ele é importante também porque ele não vai deixar de lado a cultura dele, que ele já veio com histórico, ele já veio com essa língua, que a língua materna, a língua original. Então... se ele esquece a língua dele ele tá deixando de lado a sua cultura, deixando de lado a sua origem, a sua cultura e tradição. É importante que ele mantenha sim. (professora B)

Este aspecto foi também apresentado por Baker (2011) que enfatiza a importância da preservação da diversidade, e o quanto a língua está relacionada a questões identitárias dos grupos, por serem elas repositórios de história e cultura.

A segunda pergunta era a respeito da língua estrangeira trabalhada nas escolas. Perguntamos às docentes o que pensavam sobre ter o ensino de outras línguas, além do inglês, e as respostas foram diversificadas: Uma delas disse que pensa que deveria haver sim diversidade de ensino de línguas, especialmente por haver na região descendentes

principalmente de alemães e italianos. Duas docentes, que têm contato com alunos haitianos, pensam que seria bom haver na escola o ensino de francês, para que as crianças brasileiras pudessem ter uma maior compreensão sobre a língua e cultura "do outro". E, referente a esta questão, uma das informantes manifestou que pensa não haver necessidade, de na educação infantil haver ensino de outros idiomas, além do inglês e do espanhol, pois "iria confundir muito as crianças".

A terceira pergunta foi a respeito de Code-mixing. Perguntamos se os alunos misturavam as línguas, e as informantes responderam que se recordam de situações em que isso ocorreu, mas não demonstraram nenhuma preocupação neste sentido, vendo este fenômeno como "prejudicial", ou negativo. Declararam pensar ser esse um processo natural do desenvolvimento das habilidades da nova língua que está sendo aprendida: "As vezes misturam, mas quando forem adquirindo mais maturidade, automaticamente vão diferenciando uma da outra."

Na quarta questão, perguntamos o que pensam sobre os jovens que vivem no Brasil, que possuem pais bilíngues, mas que não aprenderam a língua de casa, e hoje sabem e usam exclusivamente o português. Duas das docentes pensam que isso ocorreu por falta de interesse destes jovens, somado a falta de incentivo dos pais, e as outras duas informantes docentes pensam que seria uma grande perda se estes alunos deixassem de falar o crioulo haitiano, pois isso restringiria suas relações com os membros de seu grupo étnico, principalmente com os que não moram no Brasil.

A quinta pergunta era para que relatassem sobre a experiência de contatos linguísticos na escola, e todas descreveram a experiência como algo estimulante.

A experiência na escola, com um aluno pequeno, que só falava alemão até então, foi uma experiência muito rica, pra mim como docente, pois eu aprendi muito. Eu vejo que esta experiência na escola foi de muita aprendizagem, foi uma rica experiência que oportunizou muitas vivências felizes. Assim, muito aprendizado pra todos, e este uso da língua que não a portuguesa na escola, foi muito tranquilo, porque nunca a falta de conhecimento sobre a língua impediu o convívio das crianças com a professora, com as professoras, nunca foi impecilho...a gente sabe como é criança, criança mesmo sem falar já se comunica, então... eles dão um jeito, e para nós como docente também. [...] foi muito rica e muito tranquila. Quando trabalhei com esta criança que falava alemão, vinham visitas na nossa sala, de outras turmas, porque as crianças queriam aprender, a língua que eles tinham contato na escola era uma outra língua, era diferente. Palavras que eles conheciam no português, no inglês, no alemão eles viam que era ainda uma outra forma de falar, então esta experiência foi muito feliz, muito rica em aprendizagem. (professora A)

Esta tranquilidade na comunicação entre as crianças durante aquisição de uma nova língua em contexto escolar, e especialmente o interesse voluntário dos colegas em

observar, compreender e vivenciar esta diferença linguística, foi marcante no depoimento das informantes. Observamos este aspecto neste último depoimento que transcrevemos, em que houve a experiência, na escola, de uma criança que falava exclusivamente alemão ao iniciar sua vida escolar, e também no depoimento das docentes que têm experiências com crianças que falam o crioulo haitiano. Elas destacaram que esta curiosidade infantil não foi em relação à diferença física (a cor, por exemplo, diferente dos afro-descendentes com quem elas têm contato no Brasil), mas que as crianças ficavam intrigadas e curiosas com esta maneira diferente de falar, "queriam falar com ele, ver como era."

Como esta célula não foi integrante do objetivo principal deste trabalho, mas complementar a ele, trazemos aqui algumas breves noções das opiniões manifestadas por este grupo de informantes.

Observamos a partir das respostas durante a entrevista, que há neste grupo uma receptividade ao trabalho com alunos que apresentam diversidade linguística, e que perceberam, através de suas experiências, como estes eventos são estimulantes às crianças através do contato com o novo, com o diferente. Um aspecto central nessas vivências, são que além de oportunizar às crianças contato e conhecimento de um novo sistema linguístico, é a criação de um contexto propício para que o docente trabalhe sobre diversidade linguística com as crianças e fenômenos que nela estão entrelaçados, respeitando, claro, a linguagem e o universo de cada faixa etária. Pois, a escola também é um espaço de formação cidadã e "crenças são construídas através das interações sociais das quais os seres humanos participam ao longo da vida". (Woods 2003 apud Barcellos 2004).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa apresentar conclusões desenvolvidas nesta dissertação. Pensamos que a pesquisa trouxe, através de sua temática, uma oportunidade de reflexão sobre línguas de imigração no oeste catarinense (alemão falado em São Carlos, e talian, em Coronel Freitas), no que se refere a crenças e atitudes linguísticas. A importância destes fenômenos está no fato de que são componentes psico-sociais que podem fomentar a manutenção, ou impulsionar processos de substituição linguística, em que línguas minoritárias vão diminuindo seus domínios de uso, e deixam de ser transmitidas às gerações mais jovens.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram estabelecidas e cumpridas etapas que o alicerçaram: leituras, produção do referencial teórico e metodológico, tradução do questionário em talian pela autora, busca dos informantes, pesquisa de campo, transcrição, descrição e análise do *corpus*. Após desenvolvidas estas etapas, retomamos, neste capítulo de considerações finais, os objetivos que delinearão o trabalho, as hipóteses inicialmente levantadas, e as conclusões a que chegamos através das análises.

Ressaltamos que as análises se desenvolveram inicialmente com um olhar pontual em cada comunidade, e na sequência relacionamos as duas cidades para comparar os dois grupos étnicos. Pois, o objetivo geral foi relacionar crenças linguísticas de bilíngues português/alemão em São Carlos/SC e português/italiano em Coronel Freitas/SC, e analisar atitudes, através da manutenção dos termos de parentesco nas línguas minoritárias locais.

Esclarecemos, todavia, que durante o trabalho não tratamos a comparação entre as duas comunidades como uma relação diatópica, pois por mais que estejamos tratando dos mesmos fenômenos (crenças, atitudes linguísticas e manutenção de línguas minoritárias) nas duas comunidades, não estamos lidando com a mesma variedade ou dialetos de uma mesma língua. Por isso, como há diferentes variedades envolvidas, não nos sentimos seguros em afirmar ser esta de fato uma relação diatópica de estudo linguístico, aspecto este que não encontramos como discussão na literatura da área para firmarmos a base de nossa afirmação neste sentido.

A partir dos objetivos que orientaram a coleta do corpus e subsequentes análises, apresentamos as seguintes considerações:

a) No primeiro objetivo específico, descrevemos os espaços de uso das variedades minoritárias nas localidades. A hipótese era de que não houvesse notáveis diferenças entre elas, pois ambas comunidades foram fundadas em períodos muito próximos, por imigrantes oriundos do Rio Grande do Sul, e segundo Altenhofen (2011), as variáveis tempo (idade das localidades), origem dos imigrantes e suporte institucional (ensino) exercem uma grande influência na variação linguística. Porém, os dados não confirmaram nossa hipótese, pois conforme pudemos observar na questão 6 do questionário metalinguístico, o alemão falado em São Carlos está muito mais presente em domínios públicos que o talian de Coronel Freitas que está essencialmente reduzido ao domínio familiar. Constatamos e ratificamos isto ao observarmos o número de vezes que os informantes disseram usar as variedades minoritárias em domínios público: Em 21 vezes os informantes teutos disseram usar Ale. em espaços públicos como correio, mercado/lojas, sindicato, restaurante, prefeitura, posto de saúde, confessionário, posto de gasolina e no trabalho, enquanto que em Coronel Freitas obtivemos 2 vezes a resposta de que utilizam talian em pelo menos um destes espaços. Entre os teutos, 38 vezes, os informantes disseram usar, neste espaços, tanto a variedade alemão quanto o português local, enquanto que em Coronel Freitas o número foi de 7 incidências de uso tanto do português quanto o talian.

b) No segundo objetivo específico, examinamos se algum dos grupos étnicos apresentou um maior grau de manutenção dos termos de parentesco, e a hipótese era de que houvesse sim diferença entre os grupos, no sentido de que esperávamos que os teutos apresentassem um maior grau de manutenção. Levantamos esta hipótese a partir da pesquisa de Krug (2004) que constatou que o papel da língua na expressão da identidade é mais relevante entre alemães do que entre italianos, para os quais "o alemão preserva mais seu alemão que o italiano seu italiano". Esta hipótese foi confirmada, pois ao calcularmos a média geral do percentual de manutenção dos termos entre os dois grupos, o resultado foi de 72,73% de manutenção dos termos de parentesco no Ale. de

São Carlos, e 54.26% de manutenção dos termos de parentesco no talian, em Coronel Freitas.

c) No terceiro objetivo, averiguamos na dimensão diageracional crenças linguísticas entre a GI e a GII, e grau de manutenção dos termos de parentesco nas variedades de imigração nas duas gerações. A hipótese era de que a geração mais jovem nutrisse atitudes menos favoráveis à variedade minoritária, pois através da variedade de prestígio terão mais possibilidade de ascensão social. A hipótese foi levantada a partir de pesquisas realizadas por Krug (2004), Pértile (2009) e Horst (2014). Os dados confirmaram a hipótese inicial, pois verificou-se, entre a geração mais velha, (GII) um maior vínculo afetivo e atitudes mais favoráveis à variedade de imigração, especificamente mais forte entre a CbGII de ambas comunidades. A manutenção, quando comparadas as duas gerações, foi maior entre a GII, pois em São Carlos os dados indicam 67% de manutenção na GI de São Carlos e 77,03% na GII. Em Coronel Freitas, os dados indicaram 46,37% de manutenção na GI e 63.63% na GII. Nestes dados, é significativo destacar que tanto os teutos quanto os ítalos, apresentam mais de 50% de manutenção na variedade minoritária na GII.

d) No quarto objetivo, inferimos como a escolaridade influencia na relação do informante com a língua de imigração. Todos os 16 informantes disseram considerar importante que a língua minoritária seja aprendida pelas novas gerações, porém, a Cb é quem mais a utiliza. No contexto familiar, os quatro informantes da Cb, tanto em São Carlos quanto em Coronel Freitas, utilizam a língua de imigração. Dos quatro informantes de São Carlos, três disseram utilizar apenas alemão, enquanto 1 afirma utilizar alemão e português. Em Coronel Freitas, os quatro informantes da Cb utilizam o talian concomitante ao português. Entre a Ca, dos quatro informantes teutos, afirmaram usar o alemão e o português em contexto familiar, enquanto que entre os informantes ítalos da Ca todos disseram usar apenas o português. Nos dados de manutenção dos termos de parentesco nas variedades de imigração, os resultados foram: Ca em São Carlos, 81.20% e Cb 64.15%. Em Coronel Freitas, Ca apresentou 47,51%, e Cb 59,38%. A hipótese foi confirmada em partes, pois as crenças são mais favoráveis entre a Cb, porém, em São Carlos, a Ca apresentou um grau de manutenção maior que a Cb, diferente do que ocorreu em Coronel Freitas, em que a manutenção foi maior na Cb. Uma maior manutenção da Ca entre

bilíngues português/alemão já foi constatada em outras pesquisas no oeste catarinense, como a de Wolschick (2016) e Wehrmann (2016).

e) No quinto objetivo, verificamos a relação entre o gênero e crenças na língua minoritária, bem como o grau de manutenção dos termos de parentesco. A hipótese era de que as mulheres tivessem uma maior tendência a valorizar a língua nacional, pois segundo Trudgill (2004, p. 61) "as mulheres tendem na média, usar variantes de mais alto status que os homens" e "são mais sensíveis a padrões de prestígio (LABOV, 2008, p.-146-147). Porém, ao verificarmos o grau de manutenção dos termos, observamos uma proximidade muito grande entre os percentuais dos gêneros em cada localidade: em São Carlos, a manutenção entre os homens foi 75,82%, e nas mulheres 71,21%. em Coronel Freitas, os dados apontaram para 54,38% de manutenção entre os informantes masculinos, e 54,32% entre as mulheres. Observa-se assim, como já relatado, que a manutenção é maior entre os teutos, mas entre os gêneros, em cada localidade, há uma proximidade muito grande no resultado, com uma pequena diferença para maior manutenção dos termos na variedade minoritária entre os homens. Porém, durante o questionário metalinguístico e observações de caderno de campo, não evidenciamos uma grande distinção nas crenças em relação aos gêneros. Horst (2011, p.199), em pesquisa com bilíngues português-alemão do município de Estrela-RS, verificou, em relação à manutenção dos termos de parentesco, que: "levando em consideração o gênero [...], verificamos que a aplicação é equilibrada, ou seja, tanto os homens quanto as mulheres aplicam 65% dos termos em alemão [...]."

f) O sexto objetivo foi relacionar as crenças de docentes acerca do bilinguismo infantil e desenvolvimento escolar. Para levantamento destes dados, contamos com a participação de 4 informantes (dois de escola particular, e dois de escola da rede pública de ensino). Estes informantes eram docentes, de Chapecó/sc, com formação em pedagogia, e que tiveram em sua experiência pedagógica trabalhado com crianças bilíngues. A hipótese era de que não houvesse entre eles um posicionamento de crenças distinto do que os coletados entre os informantes das outras duas cidades pesquisadas. E, por falta de maiores esclarecimentos acerca do bilinguismo, a escola acaba fortalecendo o preconceito em relação às variedades minoritárias (KERSCH, 2011). Porém, diferentemente da hipótese levantada, os quatro informantes relataram como positiva a relação do bilinguismo infantil e a experiência escolar, trazendo benefícios não

exclusivamente à criança que domina duas ou mais línguas, mas também o enriquecimento que esta experiência traz às outras crianças, no que tange ao trabalho de reflexão e conscientização ao diferente.

Ressaltamos, no entanto, que uma das quatro informantes pensa que no que compete ao ensino de línguas na educação infantil, estas devem ser inglês ou espanhol, por apresentarem uma maior finalidade de uso, e que outras além destas iriam "confundir a criança". Este dado aponta a importância e até necessidade de um trabalho de conscientização no que se refere à diversidade linguística, como também à definição pré-estabelecida de que há línguas mais importantes para serem aprendidas que outras. A escola é um espaço, que no que tange à esfera linguística, deve ir além do ensino de línguas estrangeiras, mas também trabalhar em prol ao desenvolvimento de temáticas para formação sócio-cultural do aluno, e estes aspectos são relevantes neste sentido, pois crenças são "ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar" (PIERCE 1958 apud BARCELOS 2004, p.91), a escola é um dos espaços que participam ativamente da formação social e construção de valores das crianças.

Com os dados analisados, percebemos que tanto os teutos quanto ítalos apresentam crenças positivas em relação às variedades de imigração. Porém, são os teutos o grupo que mais usam a variedade, tanto no sentido de espaços de domínio da língua, quanto grau de manutenção dos termos de parentesco. Em São Carlos, os dados indicaram uma manutenção de 75.91% dos termos de parentesco na variedade minoritária, e em Coronel Freitas, 52,15%. Ao definirem suas variedades, os teutos participantes desta pesquisa a denominam como um dialeto do alemão, enquanto os ítalos a descrevem com uma forma misturada, esquerda e errada de falar, não sendo esta variedade "a língua correta". Parecendo, deste modo, que a percepção sobre a língua, quando comparados os dois grupos, é mais positiva entre os teuto-brasileiros.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para uma maior compreensão de fenômenos linguísticos nas esferas psico-sociais em que há presença de contatos linguísticos, bem como contribuir para valorização da cultura de línguas minoritárias. Esperamos que possa ser um material de apoio para futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 77-208

_____. Migrações e Conatos Linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional contatual. Revista de Letras @mentos - Revista de Estudos Linguísticos e Literários 12. ed, 2013/02.

_____. O "território de uma língua": ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: **Seminário INternacional línguas em contato**. Pelotas: Ed. UFPel, 2011. [no prelo].

_____. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

Disponível em: <www.ipol.org.br/ler.php?cod=94>. Acesso em: 1 set. 2006.

_____. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador : Quarteto, 2006. p. 159-185.

ALTENHOFEN, Cléo V; MARGOTTI, Felício W. O português de contato e o contato com as línguas de migração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG 2011, p. 289-315.

ALVIM, Ana Flavia Dias de et al. **O falar carioca, paulista e caipira: Análise fonética e fonológica**. In: VII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2010. Anais ... UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná - Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN- 18089216. p, 234-240.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amserdam: Amsterdam Academic Archive, 2005, cap. 4.

ARAÚJO, Geane Lopes Francisco et al. **A língua: um instrumento de fala, de identidade pessoal e social**. In: Web Revista Sociodiaeto, Campo Grande UEMS vol. 2 2012. Campo Grande UEMS. ISSN-2178-14862. Disponível em: <<http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/13/01122012013110.pdf>>. Acesso em ago. 2017.

BAKER, Colin. Endangered Languages: Planning and Revitalization. In: _____ **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. New York: Multilingual Matters, 2011. cap. 3, p. 40-64.

BAKER, Colin. Language in Society. In: _____ **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. New York: Multilingual Matters, 2011. cap. 4, p. 66-91

BAKER, Colin. Bilingualism and Bilingual Education as a Problem, Right and Resource. In: _____ **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. New York: Multilingual Matters, 2011. cap. 17, p.373-388.

BARCELLO, Ana Maria Ferreira. **Crenças sobre Aprendizagem de Línguas. Linguística Aplicada e Ensino de Línguas**. In: Revista Language e Ensino, vol. 7, n1 2004 (123-156). Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/G_Ana_Maria_Barcelos_2.pdf> Acesso em out. 2017.

BATALHA, Luiz. **Breve análise sobre o parentesco como organização social**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa, 1995.

BORTOLOTTO, Paula C. M. **O Talian na fala dos Ítalo-brasileiros em Chapecó-SC e Pato Branco-PR: Manutenção e Substituição dos termos de Parentesco**. 2015. 187fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Chapecó-SC, 2015.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. Revista Línguas & Letras. ISSN: 1517-7238. Vol. 12. n° 22 1º Sem. 2011, p. 65-84.

BREZINGER, Matthias, Language Endangerment throughout the world. In: _____ **Language Diversity Endangered**. Mouton de Gruyter: Berlin - NY. 2007.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.) Documentos 2: **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em 13 ag. 2016.

COGO, Denise. **Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais**. In: Revista Chasqui (Revista Latino Americana de Comunicación), n° 125, mar. 2014. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/39/html_19> Acesso em jun. 2017.

CHAMBERS, J. K. *Studying Language Variation: An Informal Epistemology*. In.: _____ et al. (Ed). *The Handbook of Language Variation and Chang*. Australia, Blackwell publishing house 2004. p. 3-14

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. Social Differentiation and language. In: _____ Dialectology. Cambridge University Press, 2004. cap 5, pag.57-69.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. Urban Dialectology. In: _____ Dialectology. Cambridge University Press, 2004. cap 4, pag.45-53.

CLYNE, Michael. Multilingualism. In: **The Handbook of Sociolinguistics**. Coulmans, Florian (ed) Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. 28 December 2007.

Coronel Freitas - SC
<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/coronelfreitas.pdf>> Acesso em 06 jun. 2017

Coronel Freitas-SC <<http://www.coronelfreitas.sc.gov.br/turismo/>>

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1982.

CROCI, Frederico. A imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG 2011, p. 73-120.

CULLER, Jonathan. As ideias de Saussure. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 45-75.

DUARTE, Fabio B. **Diversidade Linguística no Brasil: As línguas ameríndias**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/fbonfim/pdf/diversidade_brasil.pdf> Acesso em jun. 2017

ELIA, Sílvia. Sociolinguística. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987. p. 17-63.

ETHNOLOGUE: LANGUAGES OF THE WORLD.
<<https://www.ethnologue.com>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: FONSECA, S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1959] p. 99-118.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. In: **Filologia Linguística Portuguesa**, n. 9 p. 43-73, 2007.

FISHMAN, Joshua A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. In: Journal of Social Issues, v. 23, n.2, 1967. p.29-38 Language maintenance, language shift and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds) The handbook of bilingualism. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406-436.

_____. Language Maintenance and Language Shift as a field of inquiry. A definition for its further development. In: **Linguistics, an interdisciplinary journal of the Language Sciences**. 2(9), p. 32-70. Disponível em: <www.thegruyter.com> Acesso em 10 jan. 2017

_____. Language maintenance, language shift and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds) *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406-436.
FOUGHT, Carmen. Language and ethnicity. In: _____ **Language and Ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 14, p. 238-257.

FROSI, Vitalina Maria. **A Identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro: sua constituição e reconstrução**. In: Signum: Estud. Ling., Londrina, n.16/2, p.101-124, dez. 2013

GHASARIAN, Christian. **Introdução ao estudo do parentesco**. Trad. Ana Santos Silva. Lisboa: Terramar, 1996.

GIBBONS, John and RAMIREZ, Elizabeth. The societal. In: *Maintaining a minority language. A case study of hispanic teenagers*. Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2004 p. 50-100.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel H. A. Definitions and guiding principles. In: **Bilinguality and Bilingualism**. NY Cambridge University Press. 2004. cap. 1, p. 6-23.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel H. A. Social psychological aspects of bilinguality: culture and identity. In: **Bilinguality and Bilingualism**. NY Cambridge University Press. 2004. cap.2, p. 25-49.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel H. A. Social psychological aspects of bilinguality: culture and identity. In: **Bilinguality and Bilingualism**. NY Cambridge University Press. 2004. cap.8, p. 198-239.

HENDERSON, George; BRYAN, Willie V. *Psychosocial aspects of disability*. Springfield-Illinois USA: Charles Thomas Publisher LTDA, 1932.

HEREDIA, Cristine de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. IN: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs) *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989.

Herédia, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: EducS, 1997.

_____. **A imigração Europeia no século passado: O programa da colonização no Rio Grande do Sul**. In: *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. III Colóquio Internacional de Geocrítica. Universidade de Barcelona ISSN 1138-9788 n 94, 2009. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm>> Acesso em 5 fev 2017.

HEYE, Jürgen. **Considerações sobre o bilinguismo e bilinguagem: revisão de uma questão.** In: Heye, Jürgen; SAVEDRA, Mônica (org). Palavra. Rio de Janeiro, n. 11, p. 30-38, 2003

HINDLEY, Reg. Irish before 1800. In: **The death of the Irish Language: A Qualified Obituary.** New York, Routledge 1990. p. 3 - 12.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari.** 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. **"Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa". A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil.** Westenseeeverlag: Kiel, 2011.

HOSSEINI, I.; POURMANDNIA, D. **Language Learners' attitudes and beliefs: Brief Review of the Related Literature and Frameworks.** International Journal on New Trends in Education and Their Implications. 2013. V. 4. ISSN 13096249.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari.** 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE):
<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/.pdf>> acesso em último acesso em 30 jun. 2017

KAUFMANN, Goz. Atitudes na Sociolinguística Aspectos Teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte, Editora UFMG 2011, p. 121-156.

KERBES, Zenaide Ines Schmitz. **Conhecendo São Carlos.** Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2004.

KERSCH, Dorotea F. Atitudes dos Falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte, Editora UFMG 2011, p. 397-421.

KRAUSS, Michael. Language Endangerment throughout the world. In: BREZINGER, Mathias. Berlin. New York: Mouton de Gruyter, 2007. Cap. 1, p. 1-9.

_____. The world's languages in Crisis. Language, n.68, 1992. p. 4-10.

KRUG, Marcelo J. Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico. Factos internos.** Madrid, Gredos, 1996. 982 p.

_____. Padrões sociolinguísticos. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre Caroline R Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Original em inglês.

LASAGABASTER, David. Attitude in: AMMON, Ulrich; Dittmar, Norbert; Mattheier, Klaus, J.; TRUDGILL, Peter (Eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society** (v. 1). 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. 399-405

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco.** 3 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1982.

MAIO, Gregory R; HADDOCK, Geoffrey. What are attitudes and how are they measured. In: _____. **The psychology of attitudes and attitude change.** London: Sage publications LTDA. 2009. cap, 1 p. 3-22.

MACKEY, William F. The description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.) **Reading in the sociology of language.** 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil.** 2004. 332p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

Mc Cleary, Lehand. **Sociolinguística.** UFSC, 2004. Disponível em: ,file:///D:/Meus %20documentos/Downloads/Sociolinguística%20(1).pdf> Acesso em 15 jan. 2015

MELLO, Helóisa Augusta Brito de. **O falar bilíngue.** Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-grandense em contato com o português.** 2009. 46 f TCC - LET - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Letras, Porto Alegre, 2009.

MEYERHOFF, Miriam. What is sociolinguistics? In: **Introducing Sociolinguistics.** Routledge: NY-USA, 2011, cap. 1, p. 1-7.

MIAZZO, Giorgia. **Scoprendo il Talian Viaggio di sola andata per la Mérica.** Editrice Artistica Bassano., 2014, 2º ed.

MIAZZO, Giorgia. **Cantando in Talian.** Editrice Artistica Bassano, 2014, 2º ed.

MORELLO, Rosângela; OLIVEIRA, Gilvan M. SEIFFERT, Ana P. (2015) Minicurso: Política de cooficialização de línguas por municípios e suas potencialidades. In: Primeiro

Encontro nacional de Municípios Plurilíngues. Disponível em: <<http://e-ipol.org/a-politica-de-cooficializacao-de-linguas-por-municipios-e-suas-potencialidades>> acesso em jan. 2017

MOUTON, Pilar García. "Dialectología y geografía lingüística", in Manuel Alvar (dir.): Manual de dialectología hispánica, sv. 1, El español de España, p. 63-77, Barcelona: Ariel 1996.

OLIVEIRA, Gilvan M. **Plurilinguismo no Brasil**. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil / IPOL, 2008. p. 3. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161167por.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017

PARIANOU, Anastasia. Language Attitude Studies. In: _____ Translating from Major into Minor Languages. [S l.] Editora Diavlos, cap 4, p.165-178.

PAIM, E. A. Aspectos da construção histórica da Região Oeste de Santa Catarina. **Seculum - Revista de história**, João Pessoa, 65oa, v.14, jan/jun. 2006.

PERTILE, Marley, Terezinha. **O Talina entre o Italiano-padrão e o Português Brasileiro: Manutenção e Substituição Linguística no Alto Uruguai Gaúcho**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PETTY, Richard E; CACCIPOPO, John T. Introduction to Attitudes and Persuasion. In: **Attitudes and Persuasion: Classic and Contemporary approaches**. [S. l.: s.n] 1996, cap.1 p.3-21.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil** 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1970

PRESTON, Dennis R. Language with and attitude. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING Estes: **The handbook of language variation and change**. Blackwell, 2004.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. Joaçaba: UNOESC, 2001.

RASO, Tomasso; MELLO, Heliana; Altenhofen, Cléo V. Os Contatos Linguísticos e o Brasil. Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: _____ **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG 2011, p. 13-56

Ravindranath, Maya, **Language Shift and the Speech Community: Sociolinguistic Change in a Garifuna Community in Belize**. (2009). Publicly Accessible Penn Dissertations. 33. Disponível em: <<http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=edissertations>> Acesso em 10 out. 2016

ROMAINE, Suzanne. Introduction to the Study of Bilingualism. In: ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989] p. 1-22.

ROMAINE, Suzanne. The bilingual child. In: ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989] p. 181-241.

ROMAINE, Suzanne. The bilingual brain and the bilingual individual . In: ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989] cap. 3, p. 78-119

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. In: **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 01, 2014. p. 575-587. Disponível em: <<http://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/460/342>>. Acesso em: 10 dez 2015.

RODRIGUES, Ayron D. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, Marcos (Org.) **Linguística da Norma**. Edições Loyola, 2004 p. 11-26

SANTANA, Joelton Duarte de. **Língua, Cultura e Identidade: A Língua Portuguesa como Espaço Simbólico de Identificação no Documentário: Língua - Vidas em Português**. In: Linha d'água, n 25 (1), p. 47-66, 2012

SKUTNABB- Kangas, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: _____ CUMMINS, Jim (Eds.) **Minority education: from shame to struggle**. Clevedon/Avon: Multilingual matters: 1998, p. 9 -44.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

São Carlos-SC <<http://saocarlos.sc.gov.br/turismo/>>

SCHREIER, Daniel. The consequences of migration and colonialism II: Overseas varieties. In: AUER, Peter & Schmidt Jürgen Erich (eds) **Language and Space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 451-467.

SCOTTON-Carol Mayers. **Contact Linguistics encounters and grammatical outcomes**. NY: Oxford, 2002.

SILVA, Daniel M. da; MILANI, Sebastião E. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: A língua como um fato social**. In: Anais do SILEL. Vol 3, n.1. Uberlândia: Edufu, 2013.

SPINASSÉ, Karen P. **Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. Revista Contingentia, 2006, Vol 1, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837>> Acesso em 10 dez 2016

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2012.

TAUBORTE-KELLER, Andrée. **Language and Identity**. In: The Handbook of Sociolinguistics. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. In: <<http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode>. Acesso em dez. 2007.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact**. Edingburgh University Press, 2001.

THUN, Harald. La geolingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Palermmo: 1995) Atti... A curia di Giovanni Ruffino.: Niemeyer, 1998, p. 701 - 729, 787-789 v. 5

_____. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; Thun, Harald (Org.). Neue Wege der Rromanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., p. 210-269, 1996. (Dialectologia Pluridimensional Romanica; 1.)

_____. A dialetolgoia pluridimensional no Rio do Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.). **Estudos da variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **Para uma história o português brasileiro, volume III: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics- Language and Society. In: _____ Sociolinguistics: an introduction to language and society. cap. 1, p.3-22.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society(v.2)**. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 1318-1332.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Kaus J.; TRUDGILL, Peter (eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society (v.2)** 2. ed. Berlin: Walter de GRuyter 2005. p. 1318 - 1332.

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó, SC: Argos,2008.

WEHRMANN, Clari. **A situação do alemão em Tunapolis e Cunha Porã, Santa Catarina: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA**. 2016. 161 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Chapecó-SC, 2016.

WEI, LI. Introduction In: **Three generations two languages one family Language choice and Language Shift in a Chinese community in Britain**. Multilingual Matters 1994, p.1-4.

WEPIK, Fernanda. **Crenças e Atitudes Linguísticas de Polono-Brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: O Uso dos Termos de Parentesco**. 2017. 144fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade FEderal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Chapecó-SC, 2017.

WEINREICH, Uriel. The Bilingual Individual. In: Language in Contact. The Hague, Paris: Mouton, 1970: [1953] - p. 71-82.

WERLANG, Alceu A. Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuto-Russa no Oeste de Santa Catarina. A atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. UFSC 1992. 236 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76820>>

WHITNEY, William D. **Language and the study of Language: Twelve Lectures on the principles of Linguistic Science**. N Trübner e CO., Ludgote Hill. 1884.

WIESE, H. O papel da igreja evangélica na preservação da língua alemã na colônia Hammonia. Blumenau em Cadernos, Blumenau, n. 9/10, 2005.

WOLFRAM, Walt. Dialect in Society. **In: The Handbook of Sociolinguistics**. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998.

WOLSCHICK, Isaura. Aspectos do bilinuísmo alemão-português nas comunidades de Mondaí e São João do Oeste -SC. 2016. 133fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) -Universidade FEderal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1:

Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira,
TEXTO INTRODUTÓRIO, (aplicado nas variedades de cada localidade)

Hoje é dia.....

Estamos em

Meu nome é

Estou com

Quer pertence ao grupo.....(ex. CaGII)

Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?

CONVERSA LIVRE:

Fale um pouco de sua família, de onde vieram...

ANEXO 2:

QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS (*TALIAN*)

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Talian* / italiano ou *portoghese* / português.

Perguntas	M Pt.	M It.	F Pt.	F It.
1. <i>Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia?</i> Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Che lengoa ti piàse di parlar depì?</i> Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Parla depì Talian o Brazilian?</i> De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				
4. <i>Qual è la prima lengoa che ga imparato?</i> Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Krug, 2013 – questão 10)				
5. <i>Quando vien gente, che che lengoa ti piàse parlar?</i> Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).				
6. <i>Che lengoa ti parle ntele seghinte ocasion in to minissìpio:</i> Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)				
6.1 <i>Ntel merca / No Correio</i>				
6.2 <i>Ntel lògie / No mercado - lojas</i>				
6.3 <i>Ntel sindicato / No sindicato</i>				
6.4 <i>Ntel ristorante / No restaurante</i>				
6.5 <i>Ntel prefeitura / Na prefeitura</i>				
6.6 <i>Ntel posto de salute / No posto de saúde</i>				
6.7 <i>Ntel confessionàrio / No confessionário</i>				
6.8 <i>Ntel posto de gasolina / No posto de gasolina</i>				
6.9 <i>Ntel laoro / No trabalho</i>				
7. <i>Quando ti incontrì una persona che non conosci, che lengoa ti parli?</i> Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Sì* / Sim ou *non* / não.

Perguntas	M <i>Sì</i>	M <i>Non</i>	F <i>Sì</i>	F <i>Non</i>
8. <i>Ti ga catà con una persona che savea parlar talian, ma solo la volea parlar portoghese?</i> Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)				
9. <i>Ti piàse che i bambini parlesse in Talian? Parchè?</i> Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)				
10. <i>Che situassioni ti ga vergogna di parlar Talian?</i> Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano? (Krug, 2013 – questão 27)				
11. <i>La scola deveria insegnar parlar anca Talian?</i> Acha que deveria ter ensino de Italiano? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)				
12. <i>Quando ti parli portoghese, mistura Talian?</i> Quando fala português, você mistura com a língua italiana? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)				
13. <i>Quando ti parli Talian, mistura portoghese?</i> Quando fala em italiano, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)				

Perguntas com respostas subjetivas.

14. <i>Che pensa dele persone che sa Talian ma che solo parla portoghese?</i> O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, a língua italiana? (Krug, 2013 – questão 8)
15. <i>Tanti giòveni non parli piu Talian. Dir ge anca che?</i> Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Italiano). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)
16. <i>In che posto che parla (mia) Talian? In che posto ti parli Talian? E portoghese?</i> Em que situações você fala a língua italiana e em quais a língua portuguesa? (Krug, 2013 – questão 32)
17. <i>Genè diferenza dele Talian che parla qua e nantra cità?</i> Tem diferença entre o italiano falado em outras localidade e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 3)
18. <i>Come si é in chiesa il Talian E in scola?</i> Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua italiana? (Krug, 2004 – questão 11)
19. <i>Cosa che le persone de nantra cità le cata de nuantri?</i> Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nasceram e vivem em Chapecó? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)
20. <i>Come ti senti tu? Brasiliano(a)? Italiano(a)?</i> Como se sente mais? Italiano? Brasileiro? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO TALIAN

*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, com adaptações ao idioma *Talian*.

Foram registradas para as respostas espontâneas (E); respostas por insistência (I); respostas por sugestão (S) e respostas inexistentes (IN):

PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino ¹
1) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Come ciamé la persona che ve ga portá al mondo? / Como você chama a pessoa que te gerou?</i>	a) <i>mama</i> () b) <i>mare</i> () c) <i>madre</i> () d) mãe ()	a) <i>mama</i> () b) <i>mare</i> () c) <i>madre</i> () d) mãe ()
2) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Tutti noantri ghemo una mama e un? / Todos nós temos uma mãe e um?</i>	a) <i>pupá</i> () b) <i>popà</i> () c) <i>pare</i> () d) <i>padre</i> () e) pai ()	a) <i>pupá</i> () b) <i>popà</i> () c) <i>pare</i> () d) <i>padre</i> () e) pai ()
3) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>E la mama e el pupà ze nostri? / E a mãe e o pai são nossos?</i>	a) <i>pari</i> () b) <i>genitroi</i> () c) pais ()	a) <i>pari</i> () b) <i>genitroi</i> () c) pais ()
4) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) <i>Come la mama ciam a un tosatel che ela ga portá al mondo? / Como a mãe chama para um menino que ela gerou?</i>	a) <i>fiol</i> () b) <i>figlio</i> () c) filho ()	a) <i>fiol</i> () b) <i>figlio</i> () c) filho ()
5) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) <i>Come la mama ciam na toseta che ela ga portà al mondo? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i>	a) <i>fiola</i> () b) <i>figlia</i> () c) filha ()	a) <i>fiol</i> () b) <i>figlio</i> () c) filho ()
6) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) <i>Come ciamemo quando la mama la ga metesto al mondo due bambini insieme? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?</i>	a) <i>gemèi</i> () b) <i>gemelli</i> () c) gêmeos ()	a) <i>gemèi</i> () b) <i>gemelli</i> () c) gêmeos ()
7) Irmão (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179) <i>I ze fioi del medésimo pupà: El tozsatel zelo cosa dea toseta? / São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina?</i>	a) <i>fradel</i> () b) <i>fratello</i> () c) irmão ()	a) <i>fradel</i> () b) <i>fratello</i> () c) irmão ()

8) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180) <i>E che la toseta zela del tosatel? / E o que a menina é do menino?</i>	a) <i>sorela</i> () b) <i>sorella</i> () c) irmã ()	a) <i>sorela</i> () b) <i>sorella</i> () c) irmã ()
9) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) <i>El pupá de to mama ze to? / O pai de sua mãe é seu?</i>	a) <i>nono</i> () b) <i>nonno</i> () c) avô () d) vovô ()	a) <i>nono</i> () b) <i>nonno</i> () c) avô () d) vovô ()
10) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) <i>La mama de to mama ze toa? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i>	a) <i>nona</i> () b) <i>nonna</i> () c) avó () d) vovó ()	a) <i>nona</i> () b) <i>nonna</i> () c) avó () d) vovó ()
11) Neto (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Cossa ze o saria to fiol dei to genitori? / O que seu filho é ou seria de seus pais?</i>	a) <i>nepoto</i> () b) <i>nepote</i> () c) neto ()	a) <i>nepoto</i> () b) <i>nepote</i> () c) neto ()
12) Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Cossa ze o saria to fiola dei to genitori? / O que sua filha é ou seria de seus pais?</i>	a) <i>nepota</i> () b) <i>nepote</i> () c) neta ()	a) <i>nepota</i> () b) <i>nepote</i> () c) neta ()
13) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>El pupá de to noni el ze to? / O pai de seus avôs é seu/teu?</i>	a) <i>bisnono</i> () b) <i>bisnonno</i> () c) bisavô ()	a) <i>bisnono</i> () b) <i>bisnonno</i> () c) bisavô ()
14) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>La mama de to noni la ze toa? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) <i>bisnona</i> () b) <i>bisnonna</i> () c) bisavó ()	a) <i>bisnona</i> () b) <i>bisnonna</i> () c) bisavó ()
15) Bisneto (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Cossa ze o saria to fiol dei to noni? / O seu filho é ou seria o que de seus avós?</i>	a) <i>bisnepoto</i> () b) <i>bisnepoti</i> () c) bisneto ()	a) <i>bisnepoto</i> () b) <i>bisnepoti</i> () c) bisneto ()
16) Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Cossa ze o saria to fiola dei to noni? / A sua filha é ou seria o que de seus avós?</i>	a) <i>bisnepota</i> () b) <i>bisnepoti</i> () c) bisneta ()	a) <i>bisnepota</i> () b) <i>bisnepoti</i> () c) bisneta ()
17) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) <i>El fradel del pupà ze to? / O irmão do seu pai é seu?</i>	a) <i>zio</i> () b) tio ()	a) <i>zio</i> () b) tio ()

18) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) <i>La sorela de tuo pupá ze toa? / A irmã do seu pai é sua?</i>	a) zia () b) tia ()	a) zia () b) tia ()
19) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) <i>El fiol di tuo fradel ze to? / O que o filho do seu irmão é seu?</i>	a) neodo () b) sobrinho ()	a) neodo () b) sobrinho ()
20) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) <i>La fiola di tuo fradel ze tua? / O que a filha do seu irmão é sua?</i>	a) neoda () b) nepote () c) sobrinha ()	a) neoda () b) nepote () c) sobrinha ()
21) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) <i>Il fiol di tuo zio zè to? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?</i>	a) cusin () b) cugino () c) primo ()	a) cusin () b) cugino () c) primo ()
22) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) <i>La fiola di tuo zio zé toa? / A filha do seu tio é sua/tua?</i>	a) cusina () b) cugina () c) prima ()	a) cusina () b) cugina () c) prima ()
PARENTESCO POR ALIANÇA		
23) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159) <i>Come la fémena ciama par el omo con chi se ga maridà? / Como a mulher chama para o homem com quem se casou?</i>	a) marí () b) omo () c) uomo () d) sposo () e) marido ()	a) marí () b) omo () c) uomo () d) sposo () e) marido ()
24) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) <i>Como el omo ciama par la fémena con chi se ga maridà? / Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</i>	a) donna () b) fémene () c) sposa () d) mulher ()	a) donna () b) fémene () c) sposa () d) mulher ()
25) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX – 196) <i>Lo pupà del marì o de la sposa ze lo? / O pai do seu marido / sua esposa é seu?</i>	a) missier () b) sócero () c) suocero () d) sogro ()	a) missier () b) sócero () c) suocero () d) sogro ()
26) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX – 197) <i>La mama del marì o de la sposa ze la? / A mãe do seu marido / sua esposa é a?</i>	a) sòcera () b) suocera () c) sogra ()	a) sòcera () b) suocera () c) sogra ()
27) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>El fradel del marì o de la sposa ze to? / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?</i>	a) cugnà () b) coniato () c) cunhado ()	a) cugnà () b) coniato () c) cunhado ()

28) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>La sorela del mari o del sposa ze toa? / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?</i>	a) <i>cugnada</i> () b) <i>coniata</i> () c) <i>cunhada</i> ()	a) <i>cugnada</i> () b) <i>coniata</i> () c) <i>cunhada</i> ()
29) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>El mari zelo che dei genitori de so sposa? / O marido é o que dos pais de sua mulher?</i>	a) <i>género</i> () b) <i>genero</i> () c) <i>genro</i> ()	a) <i>género</i> () b) <i>genero</i> () c) <i>genro</i> ()
30) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>La sposa zelo che dei genitori de so mari? / A esposa é o que dos pais de seu marido?</i>	a) <i>niora</i> () b) <i>nuora</i> () c) <i>nora</i> ()	a) <i>niora</i> () b) <i>nuora</i> () c) <i>nora</i> ()
31) Consogros (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>I genitori del omo e dela fémena zeli che tra de lori? / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</i>	a) <i>consòceri</i> () b) <i>consogri</i> () c) <i>comissieri</i> () d) <i>consogros</i> ()	a) <i>consòceri</i> () b) <i>consogri</i> () c) <i>comissieri</i> () d) <i>consogros</i> ()
32) Compadre (vide Horst, 2011) <i>Cossa zelo dei genitori, el omo scoiesto par batesar el bambin? / O pai e o padrinho da criança batizada são?</i>	a) <i>compare</i> () b) <i>compadre</i> ()	a) <i>compare</i> () b) <i>compadre</i> ()
33) Comadre (vide Horst, 2011) <i>Cossa zelo dei genitori, la dona scoiesta par batesar el so bambin? / A mãe e a madrinha da criança batizada são?</i>	a) <i>comare</i> () b) <i>comadre</i> ()	a) <i>comare</i> () b) <i>comadre</i> ()
34) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) <i>Un omo se ga spartio e se ga maridà con nantra fémena. Cossa la ze del fiol de quelaltro matrimónio? / O marido casou com outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?</i>	a) <i>maregna</i> () b) <i>matrigna</i> () c) <i>madrasta</i> ()	a) <i>maregna</i> () b) <i>matrigna</i> () c) <i>madrasta</i> ()
35) Enteadado (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX - 174) <i>El fiol zelo che dea fémena nova de so pupà? / O que o filho é da nova mulher do seu pai?</i>	a) <i>fiastro</i> () b) <i>figliastro</i> () c) <i>fiolastro</i> () d) <i>enteado</i> ()	a) <i>fiastro</i> () b) <i>figliastro</i> () c) <i>fiolastro</i> () d) <i>enteado</i> ()
36) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Na dona se ga spartio e se ga maridà con nanthro omo. Cossa zelo lo del fiol de quelaltro casamento? / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?</i>	a) <i>paregno</i> () b) <i>patrigno</i> () c) <i>padrasto</i> ()	a) <i>paregno</i> () b) <i>patrigno</i> () c) <i>padrasto</i> ()
37) Enteadada (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX - 174) <i>La fiola zelo che del novo marido de so</i>	a) <i>fiastra</i> () b) <i>figliastra</i> () c) <i>fiolastra</i> () d) <i>enteada</i> ()	a) <i>fiastra</i> () b) <i>figliastra</i> () c) <i>fiolastra</i> () d) <i>enteada</i> ()

<i>mama?</i> / O que o filha é do novo marido da sua mãe?		
PARENTESCO ESPIRITUAL		
38) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Un omo scoiesto par i genitori de un bambin par el batésemo el ze?</i> / Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?	a) <i>sántolo</i> () b) <i>padrino</i> () c) padrinho ()	a) <i>sántolo</i> () b) <i>padrino</i> () c) padrinho ()
39) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Na fémena scoiesta par i genitori de un bambin par el batésemo ze a?</i> / Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?	a) <i>sántola</i> () b) <i>madrina</i> () d) madrinha ()	a) <i>sántola</i> () b) <i>madrina</i> () d) madrinha ()
40) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205) <i>Se un bambin ze un tosatel i santoli ciama de so?</i> / Como os padrinhos chamam ao menino?	a) <i>fiosso</i> () b) <i>figliocco</i> () c) afilhado ()	a) <i>fiosso</i> () b) <i>figliocco</i> () c) afilhado ()
41) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206) <i>Se ze na bambina, i santoli la ciama de so?</i> / Como os padrinhos chamam a menina?	a) <i>fiossa</i> () b) <i>figliocca</i> () c) afilhada ()	a) <i>fiossa</i> () b) <i>figliocca</i> () c) afilhada ()

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS ALEMÃO - (HUNSRÜCKISCH)

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Deutsch/alemão* ou *Portugiesisch/português*.

Perguntas	M Pt.	M Hr.	F Pt.	F Hr.
1. <i>Was fo Sprach sprichst du der mehrste in die Familie? (wie oft? Wenn? Mit wem?)</i> Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Was von Sprache sprichst du lieber? Deutsch oder Portugiesisch?</i> Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Was von Sprache sprichst du mehr, Deutsch oder Portugiesisch?</i> De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				
4. <i>Was hast Du zuerst gesprochen, Deutsch oder Portugiesisch? Wie hast du Portugiesisch gelernt?</i> Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Krug, 2013 – questão 10)				
5. <i>Wenn du Besuch kriegst, was von Sprache sprichst du lieber? Deutsch oder Portugiesisch?</i> Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).				
6. <i>Was von Sprache sprichst du in diese ocasiões in dein Municip?</i> Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)				
6.1 <i>Auf der Post</i> / no Correio				
6.2 <i>In der Merkat - ins Geschäft</i> / no mercado - lojas				
6.3 <i>In der Sindicat</i> / no sindicato				
6.4 <i>In Restaurant</i> / no restaurante				
6.5 <i>In die Prefeitura</i> / na prefeitura				
6.6 <i>In der Posto</i> / no posto de saúde				
6.7 <i>In der Beichte</i> / no confessionário				
6.8 <i>In der Gasolinapost</i> / no posto de gasolina				
6.9 <i>An die Arbeit</i> / no trabalho				
7. <i>Wenn du einer Fremder in die Straße deine Stadt beegen tust, was von Sprach sprichst du mit ihm?</i> Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Ia* / sim ou *nein* / não.

Perguntas	M <i>Ia</i>	M <i>Nein</i>	F <i>Ia</i>	F <i>Nein</i>
8. <i>Ist dich schon passiert mit einer sein wo wusst Deutsch spreche, aber hat immer insistiert nur Português spreche?</i> Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, o alemão, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)				
9. <i>Finst du important das die Kinder die Sprach Von die Elder lerne? Warum? /Fo was?</i> Acha importante que os filhos aprendam o alemão dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)				
10. <i>Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?</i> Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão? (Krug, 2013 – questão 27)				
11. <i>Denkst du, das es Deutsch in die Schul gebe mist?</i> Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)				
12. <i>Wenn du Português sprechen tust, vermischst du es mit dem Deutsch?</i> Quando fala português, você mistura com a língua alemã? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)				
13. <i>Wenn du Deutsch sprichst, vormischt du es mit Português?</i> Quando fala em alemão, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)				

Perguntas com respostas subjetivas.

14. <i>Was finst du von die Mensche wo nur Portugiesisch spreche und nie die Sprach von zu Haus? /Baheim</i> O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, o alemão? (Krug, 2013 – questão 8)
15. <i>Viele junge Leut sprechen nicht mehr die Sprache von die Elder. Was denkst du von das?</i> Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)
16. <i>In was Von Situationen sprichst du die Deutschsprache? Und Português?</i> Em que situações você fala a língua alemã? E o português? (Krug, 2013 – questão 32 adaptada)
17. <i>Sehst du Unterschied zwische unse Deutsch und de Deutsch von Deutschland? Was ist die Unterschied?</i> Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 3)
18. <i>Wie ist/war das Deutsch in die Kirch und in die Schul benutzt?</i> Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua alemã? (Krug, 2004 – questão 11)

<p>19. <i>Was denkst du, wie sehen die Leut von draußen die Leut von hier?</i> Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nascem e vivem aqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)</p>
<p>20. <i>Wie fühlst du dich mehr? Deutsch, Brazilianer oder Catarinense?</i> Como se sente mais? Alemão? Brasileiro? Catarinense? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)</p>
<p>21. <i>Wer spricht besser der Deutsch?</i> De modo geral, quem fala melhor alemão? (Krug 2013 – questão 24)</p>

ANEXO 5

QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO ALEMÃO - *HUNSRUCKISCH*

*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, com adaptações ao idioma *Hunsrückisch*.

Serão anotadas para as respostas espontâneas (E); respostas por insistência (I); respostas por sugestão (S) e respostas inexistentes (IN):

PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino
1) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Wie sacht/sogt ihr vo der Froo de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot? / Como você chama a pessoa que te gerou?</i>	a) <i>motter</i> () b) <i>mutti</i> () c) <i>mammai</i> () d) <i>mama</i> () e) <i>mai</i> () f) <i>maio</i> () g) <i>manhe</i> () h) <i>maie</i> () i) <i>mãe</i> ()	a) <i>motter</i> () b) <i>mutti</i> () c) <i>mammai</i> () d) <i>mama</i> () e) <i>mai</i> () f) <i>maio</i> () g) <i>manhe</i> () h) <i>maie</i> () i) <i>mãe</i> ()
2) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Wie sacht/sogt ihr vo der Mann de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot? / Como você denomina o homem que lhe pos-sibilitou a vida, que lhe deu a vida, que lhe colocou no mundo, que lhe educou?</i> Todos nós temos uma mãe e um?	a) <i>vater</i> () b) <i>vatti</i> () c) <i>pappai</i> () d) <i>papa</i> () e) <i>paio</i> () f) <i>pai</i> ()	a) <i>vater</i> () b) <i>vatti</i> () c) <i>pappai</i> () d) <i>papa</i> () e) <i>paio</i> () f) <i>pai</i> ()
3) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>Wie sacht/sogt ihr für die zweu Leit die dich uf die Welt gebrach hon/getun hon/eich das Lewwe geb hon, die dich gezogen hon? / E a mãe e o pai são nossos?</i>	a) <i>eltre</i> () b) <i>pais</i> ()	a) <i>eltre</i> () b) <i>pais</i> ()
4) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) <i>Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens femenin ist/ een Froo ist? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i>	a) <i>mede</i> () b) <i>mere</i> () c) <i>filha</i> ()	a) <i>mede</i> () b) <i>mere</i> () c) <i>filha</i> ()
5) Filho (videALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) <i>Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens maskulin ist/ een Mann ist? / Como a mãe chama para um</i>	a) <i>jung</i> () b) <i>bub</i> () c) <i>filho</i> ()	a) <i>jung</i> () b) <i>bub</i> () c) <i>filho</i> ()

menino que ela gerou?		
6) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) <i>Wenn zweu Kinner uf eenmol uf die Welt kommen/ gebohr sind, wie sacht/sogt man uf die zwei mitsamme? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?</i>	a) <i>zwillinge</i> () b) <i>zwillings</i> () c) gêmeos ()	a) <i>zwillinge</i> () b) <i>zwillings</i> () c) gêmeos ()
7) Irmãos (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179) <i>Wie sacht/sogt ihr voo Männer alle beisamme, wo den selbigen Eltra hon, een Papa und een Mama hon? / São filhos do mesmo pai. O que os meninos são das meninas?</i>	a) <i>brieder</i> () b) <i>brierer</i> () c) <i>maninhos</i> () d) irmãos ()	a) <i>brieder</i> () b) <i>brierer</i> () c) <i>maninhos</i> () d) irmãos ()
8) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180) <i>Wie sacht/sogt ihr voo die Froen und die Männer alle beisammen, wo die selbigen Eltra ho, een Papa und een Mama hon? / E o que as meninas são dos meninos?</i>	a) <i>schwestre</i> () b) <i>manas</i> () c) irmãs ()	a) <i>schwestre</i> () b) <i>manas</i> () c) irmãs ()
9) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) <i>Was ist deen Papa sein Papa von eich? / O pai de sua mãe é seu?</i>	a) <i>großvater</i> () b) <i>opa</i> () c) <i>wowwe</i> () d) <i>wowwo</i> () e) avô ()	a) <i>großvater</i> () b) <i>opa</i> () c) <i>wowwe</i> () d) <i>wowwo</i> () e) avô ()
10) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) <i>Was ist deen Papa sein Mama von eich? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i>	a) <i>großmutter</i> () b) <i>oma</i> () c) <i>wowwe</i> () d) <i>mutter</i> () e) avó ()	a) <i>großmutter</i> () b) <i>oma</i> () c) <i>wowwe</i> () d) <i>mutter</i> () e) avó ()
11) Neto / Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Was seid ihr von deiner Oma/Wowwe? Und deen Bruder oder Schwester? / O que seu filho é de seus pais?</i>	a) <i>enkelkind</i> () b) <i>enkelche</i> () c) neto, neta ()	a) <i>enkelkind</i> () b) <i>enkelche</i> () c) neto, neta ()
12) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Opa/Wowwo? / O pai de seus avôs é seu?</i>	a) <i>ugroßvater</i> () b) <i>uropa</i> () c) <i>urwowwe</i> () d) <i>urwowwo</i> () e) bisavô ()	a) <i>ugroßvater</i> () b) <i>uropa</i> () c) <i>urwowwe</i> () d) <i>urwowwo</i> () e) bisavô ()
13) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Oma/Wowwe? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) <i>ugroßmutter</i> () b) <i>uroma</i> () c) <i>urwowwe</i> () d) bisavó ()	a) <i>ugroßmutter</i> () b) <i>uroma</i> () c) <i>urwowwe</i> () d) bisavó ()
14) Bisneto / Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192)	a) <i>urenkelkind</i> () b) <i>urenkelche</i> () c) bisneto / bisneta ()	a) <i>urenkelkind</i> () b) <i>urenkelche</i> () c) bisneto / bisneta ()

Was sind deen Kinner voo dena Oma/Wowwe? / O seu filho é o que de seus avós?		
15) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) Wie sacht/sogt ihr voo der Papa oder der Mama sein Bruder? / O irmão do seu pai é seu?	a) onkel () b) unkel () c) vetter () d) tio ()	a) onkel () b) unkel () c) vetter () d) tio ()
16) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) Wie sacht/sogt man voo der Papa oder der Mama sein Schwester? / A irmã do seu pai é sua?	a) tante () b) bas () c) boos () d) tia ()	a) tante () b) bas () c) boos () d) tia ()
17) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) Sohn des bruders oder der schwester zu uns? Was ist der Sohn Ihres Bruders oder Ihrer Schwester von Ihnen? / O que o filho do seu irmão é seu?	a) sobrinhe () b) neffe () c) sobrinho ()	a) sobrinhe () b) neffe () c) sobrinho ()
18) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) Was ist das Mädchen von deen Bruder oder deen Schwester von eich? / O que a filha do seu irmão é sua?	a) sobrinhe () b) nichte () c) sobrinha ()	a) sobrinhe () b) nichte () c) sobrinha ()
19) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) Was ist der Jung von der von eich? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?	a) prime () b) cousin () c) primo ()	a) prime () b) cousin () c) primo ()
20) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) Was ist das Mädchen von der von eich? / A filha do seu tio é sua/tua?	a) prime () b) cousine () c) prima ()	a) prime () b) cousine () c) prima ()
PARENTESCO POR ALIANÇA		
21) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159) Wie sagt die Frau vo de Mann vo sie geheitat hat? / Como a mulher se refere ao homem com quem se casou?	a) mann () b) marido ()	a) mann () b) marido ()
22) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) Wie tut de Mann vo die Frau vo er geheirat hat sage? / Como o homem se refere a mulher com quem se casou?	a) frau () b) froo () c) esposa ()	a) frau () b) froo () c) esposa ()
23) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) De Mann hat ne andere Frau geheirat. Was ist	a) stiefmutter () b) madrasta ()	a) stiefmutter () b) madrasta ()

<i>die von de Mann sein Kinne?</i> / O marido casou com outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?		
24) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Die Frau hat ein andere Mann geheirat. Was is er vo die Frau sein Kinne?</i> / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?	a) <i>stiefvater</i> () b) padrasto ()	a) <i>stiefvater</i> () b) padrasto ()
25) Enteadado(a) (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX – 174) <i>Was is das Kind (Pub ore Med) von de neue Mann von Eure Mama?</i> / O que o filho/filha é do novo marido da sua mãe?	a) <i>stiefkind</i> () b) enteadado ()	a) <i>stiefkind</i> () b) enteadado ()
26) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX – 196) <i>Was is de Paba von dein Frau oder von Dein Man von Dich?</i> / O pai da sua esposa/seu marido é seu?	a) <i>schwiechervater</i> () b) <i>schwehchervater</i> () c) sogro ()	a) <i>schwiechervater</i> () b) <i>schwehchervater</i> () c) sogro ()
27) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX – 197) <i>Was is die Mama von dein Mann oder die Mama von dein Frau von Dich?</i> / A mãe do seu marido / sua esposa é a?	a) <i>schwiechermotter</i> () b) <i>schwehchermotter</i> () c) sogra ()	a) <i>schwiechermotter</i> () b) <i>schwehchermotter</i> () c) sogra ()
28) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>Was is de Bruder von dein Mann oder Bruder von dein Frau von Dich?</i> / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?	a) <i>schwaacher</i> () b) <i>schwohcher</i> () c) cunhado ()	a) <i>schwaacher</i> () b) <i>schwohcher</i> () c) cunhado ()
28) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>Und was is die Schwester von dein Mann oder die Schwester von dein Frau von Dich?</i> / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?	a) <i>schweecherin</i> () b) cunhada ()	a) <i>schweecherin</i> () b) cunhada ()
29) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>Was is de Mann von die Eltre von Eure Frau?</i> / O marido é o que dos pais de sua mulher?	a) <i>tochtermann</i> () b) <i>doktermann</i> () c) genro ()	a) <i>tochtermann</i> () b) <i>doktermann</i> () c) genro ()
30) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>Was ist die Frau von die Schichereltre?</i> / A esposa é o que dos sogros?	a) <i>schwiechertochter</i> () b) nora ()	a) <i>schwiechertochter</i> () b) nora ()
31) Pais e sogros entre eles (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>Was sin die Eltre von de Mann und die Frau</i>	a) <i>miteltern</i> () b) <i>mitvater</i> () c) <i>mitmutter</i> ()	a) <i>miteltern</i> () b) <i>mitvater</i> () c) <i>mitmutter</i> ()

<p><i>unner sich?</i> / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</p>	<p>d) <i>kumpater</i> () e) <i>kumpootre</i> () f) <i>gevatersleit</i> () g) <i>consogros</i> () h) <i>compadres</i> ()</p>	<p>d) <i>kumpater</i> () e) <i>kumpootre</i> () f) <i>gevatersleit</i> () g) <i>consogros</i> () h) <i>compadres</i> ()</p>
PARENTESCO ESPIRITUAL		
<p>32) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Mann?</i></p> <p><i>Wie nennen Sie den Mann, der bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, der gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben?</i></p> <p>Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?</p>	<p>a) <i>patt</i> () b) <i>toofpatt</i> () c) <i>ferrempatt</i> () d) <i>padrinho</i> ()</p>	<p>a) <i>patt</i> () b) <i>toofpatt</i> () c) <i>ferrempatt</i> () d) <i>padrinho</i> ()</p>
<p>33) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Froom?</i></p> <p><i>Wie nennen Sie die Frau, die bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, die gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben?</i></p> <p>Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?</p>	<p>a) <i>patin</i> () b) <i>goht</i> () c) <i>toofgoht</i> () d) <i>ferremgoht</i> () e) <i>madrinha</i> ()</p>	<p>a) <i>patin</i> () b) <i>goht</i> () c) <i>toofgoht</i> () d) <i>ferremgoht</i> () e) <i>madrinha</i> ()</p>
<p>34) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205) <i>Was seid ihr voo eirer Patt und Goht?</i> / Como os padrinhos chamam ao menino?</p>	<p>a) <i>pattche</i> () b) <i>afilhado</i> ()</p>	<p>a) <i>pattche</i> () b) <i>afilhado</i> ()</p>
<p>35) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206) <i>Was seid ihr voo eirer Patt und Goht?</i> / Como os padrinhos chamam a menina?</p>	<p>a) <i>gohtche</i> () b) <i>afilhada</i> ()</p>	<p>a) <i>gohtche</i> () b) <i>afilhada</i> ()</p>

ANEXO 6

Descrição das variáveis e respostas individuais das aplicações dos termos de parentesco (questionário lexical em italiano) - Coronel Freitas

Espont. (ITA)		Insistência (ITA)		Sugestão Aceita		Sugestão não Aceita		Sem resposta	
●		◐		◑		○		□	
Questão	" Talian" em Coronel Freitas -SC (SANGUÍNEO)								
	TERMOS	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
		M	F	M	F	M	F	M	F
1	Mama	●	◑	◑	●	●	●	●	◑
	Mare	◑	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑
	Madre	◑	○	●	○	○	○	◑	●
	Mãe	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑
2	Pupà	□	●	○	○	◑	●	◑	○
	Popà	□	○	○	○	○	○	◑	○
	Pare	◑	●	●	◑	●	●	●	●
	Padre	◑	○	◑	◑	○	○	◑	●
	Pai	◑	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑
	Papa	□	●	□	●	□	□	□	◑
	Pupai	□	□	□	□	□	□	●	□
	Pupai	□	□	□	□	□	□	●	□
3	Pari	○	○	◑	○	◑	◑	○	◑
	Papi	□	●	□	□	□	□	□	□
	Genitori	◑	◑	◑	◑	◑	●	◑	◑
	Pais	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑
4	Fiol	●	●	●	◑	◑	●	◑	●
	Filho	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑
	Figlio	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑
	Putèi	□	□	□	□	□	□	□	□
	Banbin	□	□	◑	□	□	□	□	□
	Pòpi	□	□	□	□	●	□	□	□
	Tozatel	◑	●	◑	□	□	□	□	□
	Tozatti	●	□	□	□	□	□	□	□

	TERMOS	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
		M	F	M	F	M	F	M	F
15	Bisnepoto	○	○	○	○	○	○	○	○
	Bisnepoti	○	○	○	○	○	○	○	○
	Bisneto	●	●	●	●	●	●	●	●
16	Bisnepota	○	○	○	○	○	○	○	○
	Bisnepoti	○	○	○	○	○	○	○	○
	Bisneta	◐	◐	●	●	●	●	●	●
17	Zio	●	●	◐	◐	●	●	●	○
	Tio	◐	◐	●	●	◐	◐	●	●
18	Zia	●	●	●	◐	●	●	●	○
	Tia	◐	◐	◐	●	◐	◐	◐	●
19	Neodo	○	○	○	○	◐	●	□	□
	Sobrinho	●	◐	●	●	●	◐	●	●
	<i>Nevodo</i>	□	□	□	□	□	□	□	□
	<i>Sobrinhi</i>	□	●	●	□	□	□	□	□
20	Neoda	○	○	○	○	●	●	○	○
	Sobrinha	●	●	●	●	◐	◐	●	●
	<i>Nevoda</i>	□	□	□	□	□	●	□	□
21	Cusin	○	◐	○	◐	●	●	○	○
	Cugino	○	○	○	○	○	○	○	○
	Primo	●	●	●	●	◐	◐	●	●
	<i>Primi</i>	□	□	□	□	●	□	□	□
	<i>Cusini</i>	□	□	□	□	□	□	□	□
22	Cusina	○	◐	○	◐	●	●	○	○
	Cugina	○	○	○	○	○	○	○	○
	Prima	◐	◐	●	●	◐	◐	●	●

" Talian" em Coronel Freitas -SC (ESPIRITUAL)									
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	TERMOS	M	F	M	F	M	F	M	F
38	Sântolo	☉	☉	☉	☉	☉	☉	●	○
	Padrino	○	○	☉	○	○	○	○	☉
	Padrinho	●	●	●	☉	☉	☉	□	●
	<i>Padrin</i>	□	□	□	□	□	□	●	☉
	<i>Padrini</i>	□	□	□	□	□	□	●	□
39	Sântola	☉	☉	○	●	●	●	●	□
	Madrina	☉	○	☉	○	○	○	○	☉
	Madrinha	●	●	●	□	□	□	●	●
40	Fiosso	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉
	Figliocco	☉	☉	○	○	○	□	○	○
	Afilhado	●	●	☉	☉	☉	☉	☉	●
	<i>Figliá</i>	□	□	●	□	□	□	●	□
41	Fiossa	○	○	☉	●	●	●	●	☉
	Figliocca	○	○	○	○	○	○	○	○
	Afilhada	●	●	●	☉	☉	☉	☉	●

	tio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
16	tante	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	bas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	boos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	tia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
17	sobrinhe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	neffe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	sobrinho	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
18	sobrinhe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	nichte	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	sobrinha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
19	prime	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	cousin	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	primo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
20	prime	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	cousine	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	prima	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
	Por aliança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
21	mann	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	marido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
22	frau	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	froo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	esposa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
23	stiefmutter	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	madrasta	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
24	stiefvater	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	padrasto	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
25	stiefkind	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	<i>Stiefbrüder</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	enteado/enteada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
26	Schwiechervater	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	schwehervater	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	<i>mitvater</i>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	sogro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>					
27	schwiechermutter	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	schwehchermutter	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	sogra	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
28	schwaacher	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	schwohcher	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	cunhado	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>				
29	schweecherin	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	cunhada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30	schwiegersonn	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	tochtermann	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	doktermann	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					
	genro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
31	schwiechertochter	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	nora	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

